



Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Universidade de Coimbra

# **MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL**

O Mercado do Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa

## **ANEXOS**

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura realizada por:  
Diogo Alexandre Pedrosa Amaral da Cruz

Orientada por:  
Prof. Doutora Ana Cristina Fernandes Vaz Milheiro  
Prof. Doutor José António Oliveira Bandeirinha

Coimbra, Junho de 2012



# **MEMÓRIAS DE UM MERCADO TROPICAL**

O Mercado do Kinaxixe e Vasco Vieira da Costa

**ANEXOS**



# Índice



# ÍNDICE

## 1 – ENTREVISTAS

1.1. Arq. Francisco Castro Rodrigues.....	1
1.2. Arq. Simões de Carvalho.....	17
1.3. Arq. Manuel Correia Fernandes.....	29
1.4. Arq. José Quintão.....	47
1.5. Arq. Sérgio Fernandez.....	59

## 2 – DOCUMENTOS

2.1. Lista de Obras do Arq. Vasco Vieira da Costa.....	69
2.2. Ficha de aluno de Vieira da Costa do Instituto de Urbanismo de Paris.....	75
2.3. “Luanda do Futuro”.....	79
2.4. “O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”.....	83
2.5. “Breves Considerações sobre Urbanismo Tropical em Zonas Rurais”.....	87
2.6. “Uma Experiência de Cooperação entre Duas Escolas: Porto e Luanda”.....	107
2.7. Rigorosos Mercado de Matosinhos.....	127
2.8. Memória Descritiva do Mercado do Bom Sucesso.....	133
2.9. Rigorosos Mercado do Bom Sucesso.....	163
2.10. Memória Descritiva do Mercado do Caputo.....	175
2.11. Rigorosos do Mercado do Caputo.....	187
2.11. Rigorosos Mercado do Lobito.....	191

## 3 – CRONOLOGIA DOS MERCADOS ABORDADOS NA TESE

### 4 – RIGOROSOS DO MERCADO DE KINAXIXE

### 5 – PLANTA TOPOGRÁFICA DE LUANDA

### 6 – RIGOROSOS DO MERCADO DE ALVALADE NORTE

### 7 – RIGOROSOS DO MERCADO DA ENCARNAÇÃO SUL

### 8 – RIGOROSOS DO MERCADO DA ENCARNAÇÃO NORTE

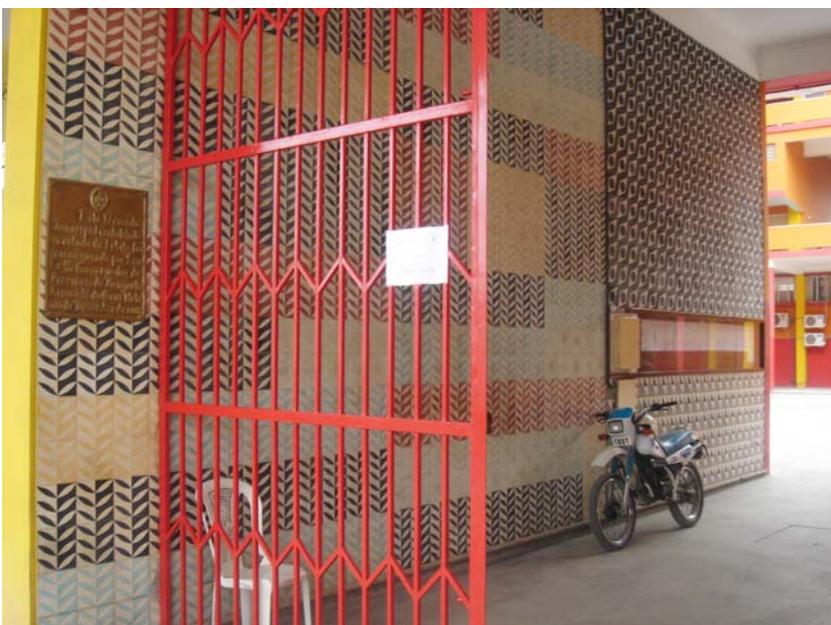
### 9 – RIGOROSOS DO MERCADO DA RIBEIRA



**Entrevista**

**Arq. Francisco Castro Rodrigues**

*Realizada a 29 de Setembro de 2011*



ENTRADA DO MERCADO DO LOBITO - FOTO CEDIDA PELA PROF. DOUTORA ANA VAZ MILHEIRO



MERCADO DO LOBITO (ANOS 1960) - FOTO CEDIDA PELA PROF. DOUTORA ANA VAZ MILHEIRO

**Gostaria de começar pelo mercado que projectou para o Lobito. Como se projecta um mercado num país tropical como Angola? Quais são os elementos a ter em conta?**

Olhe! Para já, tenho a dizer que não gostei nada de fazer esse projecto. Já havia lá um mercado local tradicional antigo, rés-do-chão, planta quadrada e com umas “vendazinhas” no interior. Era um mercado de arquitectura colonial com expressão própria e eu fiz uma banalidade de arquitectura cúbica de traços simples envolvendo o mercado antigo. É um mercado de três pisos, com as lojas no rés-do-chão e um pátio interior.

Têm umas reminiscências com o do Kinaxixe. Existem umas saliências que são os “galinheiros” do mercado, as “gaiolas das galinhas”, lá para dentro. Os escritórios dos serviços municipais encontram-se no último piso. O mercado funcionava praticamente no primeiro piso onde estavam as bancadas, os “galinheiros”, etc.

O Mercado possuía duas entradas principais em lados opostos, com uma particularidade, pois a escada de acesso era dupla. Havia uma escada para subir e outras para descer, mas na mesma caixa, o que dava um movimento curioso.

**Os desenhos dos azulejos à entrada são seus?**

Não são meus! São de uns alunos meus. Nessa altura montou-se lá uma fábrica de mosaicos hidráulicos. Como eu era professor de desenho do liceu fiz uma espécie de concurso lá com os alunos para fazermos uns moldes e o dono da fábrica até deu umas “massitas” aos três primeiros classificados.

**A calçada portuguesa aí existente foi uma opção sua?**

Não, encontrei já isso no Lobito. Fui chamado para o Lobito por um presidente, um oficial da marinha muito culto e que era meu amigo. Já tinha feito uns trabalhos para ele. Era o Comandante Pina Cabral. Ele queria transformar o Lobito na “nova Casablanca”, coisa que não aconteceu obviamente. (risos) Ainda assim, ele disse que eu não o deixei ficar mal.

**E as lojas foi o arquitecto que as desenhou?**

Apenas uma, que foi para a casa da sorte.

**E as outras?**

Nessas, cada um fez à sua vontade. A Câmara alugava os espaços e as pessoas montavam a sua loja.

A cor que o edifício possui agora não é da minha autoria. Originalmente era branco, creme claro. Sabe, a certa altura começaram a pintar as moradias com os choques a preto e os paramentos a vermelho, as cores da bandeira depois da independência.

De facto, a ligeireza do edifício reside nas lojas do rés-do-chão, naqueles envidraçados. Cada loja tem o seu arranjo interior que dá um certo movimento plástico ao bloco. O projecto foi feito por duas fases. A segunda começa com a introdução dos escritórios municipais.

**Esta fotografia do seu mercado foi tirada numa altura muito próxima da construção, certo?**

Sim... Já não me recordo. A primeira parte da construção ficou durante muitos anos sem a parte de cima.

**Mas isto aqui era uma pérgula? Dá a sensação de que aqui ainda não tinha construído os escritórios.**

Os escritórios são recuados. Mas é possível que quando esta foto foi tirada, os escritórios ainda não estivessem construídos.



ARQ. FRANCISCO CASTRO RODRIGUES (DE COSTAS COM CAMISA AZUL ÀS RISCAS) NO INTERIOR DO MERCADO DO KINAXIXE - FOTO CEDIDA PELA PROF. DOUTORA ANA VAZ MILHEIRO

**Portanto, na construção inicial havia uma pérgula em cima e só depois é que foram acrescentados os escritórios.**

Sim, até porque nessa foto não estou a ver nenhuma estrutura de paredes.

**Como funcionava a ventilação dentro do mercado?**

A ventilação era transversal para o pátio interior que era absolutamente aberto. O facto de as grelhas envolverem o edifício está relacionado com a planta quadrada do mercado e desses elementos de ensombreamento estarem presentes nos pontos de incidência solar, uns horizontais, outros verticais, uns são móveis, outros não são... Com o objectivo de tentar defender um bocado a incidência directa do sol.

**Lembra-se da data em fez este projecto? O arquitecto chegou em 1954 não foi?**

Cheguei em 1954 e esse projecto foi logo a seguir, por volta do princípio dos anos 1960. O mercado ainda era antigo.

**Mas o mercado antigo, segundo eu percebi, ainda era no mesmo lugar, não era?**

Era e ainda esteve em funcionamento durante a obra de construção do novo. Era mais pequeno, é claro, e tínhamos uns passeios largos. Hoje estou arrependido de ter incrementado a adopção porque a arquitectura era muito curiosa.

**Era como aqueles mercados murados?**

Era sim. Havia outro em Novo Redondo, mas esse eu consegui salvaguardá-lo. O mercado antigo do Lobito era do mesmo género que o do Novo Redondo. Eu fiz o primeiro Plano de Urbanização de Novo Redondo e mais tarde o Plano Director.

**Antes de começar o projecto teve algum tipo de contacto com a população local? Entrevistou-os? As pessoas explicaram as necessidades que tinham?**

Não. O projecto do mercado foi uma determinação da Câmara Municipal. O mercado antigo era pequeno e procuraram ampliá-lo, porque realmente, já não servia a população. O Lobito foi a cidade que nos anos 1940 mais cresceu em número, não em proporção. Ainda mais que Luanda! Teve uma atracção muito grande. O porto e o terminal de caminho-de-ferro foram a dinâmica da cidade. O caminho-de-ferro de Benguela, o terceiro maior do mundo, vai do oceano Atlântico ao Índico. Aquele porto desenvolveu-se, de repente, extraordinariamente e atraiu uma quantidade de entidades, companhias e empresas internacionais. A certa altura, na Câmara do Lobito, o actual presidente Pina Cabral resolveu vários problemas antigos, como o abastecimento de água em quantidades suficientes, a remodelação completa da rede eléctrica pela SONEFE, tendo até sido considerada a cidade melhor iluminada de Angola.

**Na altura em que esta fotografia foi tirada [depois da independência], o mercado de Kinaxixe já estava bastante decadente, não estava?**

Não, quer dizer, nesta altura o mercado estava bem. Uma vez até tive aqui uma discussão pelo telefone com uma senhora jornalista, que me ligou para que eu desse uma opinião crítica sobre a demolição do Kinaxixe. Obviamente que é de lastimar que deitem abaixo qualquer obra, seja ela qual for, e aquela até tinha muito interesse. Agora, é preciso pensar no seguinte: o Mercado de Kinaxixe foi feito numa altura em que Luanda devia



ter à volta de 100 mil habitantes e quando foi demolido, Luanda já tinha 3, 4 ou 6 milhões! Portanto, aquele mercado era apenas uma “joiazinha”, um modelo de recordações... A senhora ficou um bocado arrolada comigo!

**Quando fez o projecto do Mercado do Lobito conhecia bem o Mercado de Kinaxixe?**

Não. Conheci o Mercado de Kinaxixe quando passei por Luanda. Raramente ia a Luanda, apenas por necessidades camarárias, de ligação ao Governo-geral. Fora isso, nunca ia a Luanda.

**Acha que o Mercado de Kinaxixe teve alguma influência no Mercado do Lobito?**

Basta olhar para a forma! A mesma concepção, claro que implicava um desejo de considerar semelhanças porque tem: planta quadrada, o pátio central, a colunata no piso em baixo, as grelhas, aquelas “caixas das galinhas” também, etc.

**Tem mais a ver com o pensamento tropical do que com imitação ou cópia.**

Agradeço a sugestão porque até era a ideia que estava a tentar “fermentar”, mas que não queria dizer. É a preocupação de tapar o sol, de criar ventilações transversais e longitudinais o mais possível. Foram sempre preocupações que dominavam na altura.

**Antes de ir para Angola já tinha desenhado um mercado ou foi o primeiro que fez?**

Não, foi o primeiro que fiz.

**E depois fez outros?**

Não, foi só aquele.

**O que é que nos pode dizer sobre o seu contacto com Vieira da Costa?**

O meu contacto com Vieira da Costa começou por ser atribulado. Ele era muito “palaciano”. O Governador-Geral agarrou nele e meteu-o numa espécie de antecâmara do gabinete dele. Quem quisesse ir falar com o Governador tinha de passar pelo gabinete do Vieira da Costa.

**Então no período colonial ele era muito poderoso?**

Já era, sim, e com merecimento, diga-se de passagem. Quando eu fiz o primeiro plano de urbanização para o Lobito, havia necessidade da Câmara estar em contacto com o Governo para várias coisas, várias aprovações. Nessa altura, o Governador-Geral era muito amigo do Lobito, pois a sua filha estava casada com um vereador da Câmara e dono de uma loja comercial muito importante chamada “Cruzalves”, que era o nome da família. Esse vereador tinha sido meu colega na escola académica em Lisboa, éramos muitos amigos. Por isso, quando ia a Luanda tinha muita facilidade em falar com o Governador e nessas ocasiões passava pelo gabinete de Vieira da Costa.

Uma vez, ele estava a fazer um estudo de ligação urbanística entre a cidade de Luanda e a ilha. Vi aquilo. Ele não estava. Agarrei no papel vegetal, pus por cima e fiz uma ponte. Ele ficou danado como eu ficaria, evidentemente. A partir daí sempre que passávamos um pelo outro, “congelávamos”! Mas acontecia uma coisa desgraçada para ele... Ele era casado com uma americana que era perita em questões de etnografia e quando ela sabia que eu ia a Luanda, obrigava-o a convidar-me para almoçar com eles! (risos)



**Portanto, ela gostava de si?**

Sim, gostava de conversar comigo. Gostava de falar de etnografia comigo devido à minha permanência de muitos anos no país. O Vieira da Costa vinha sempre muito contrariado convidar-me para almoçar... (risos)

A certa altura, a senhora morreu e ele teve um desgosto muito grande, foi-se abaixo. Escondia-se, fugia do contacto com as pessoas... Um dia, quando fui chamado para Luanda, vou descobri-lo lá “fechadinho” num pequeno gabinete do Laboratório de Engenharia de Angola, cedido pelo Director Guerra Marques.

E porque é que eu fui chamado para Luanda? O Agostinho Neto entendeu que devia ser criado um serviço de urbanismo no Ministério, que não havia. O Primeiro-ministro Resende de Oliveira, português naturalizado angolano [foi até o primeiro português a naturalizar-se] esqueceu-se do urbanismo no ministério e o Neto teve essa preocupação! O plano dele era criar aldeias novas, mas em condições projectadas, para as populações se fixarem. A certa altura o Ministro, por determinação do Presidente, criou os serviços de urbanização integrado no Ministério da Construção, a Direcção Nacional de Serviços de Urbanização, Construção e Habitações. Quem é que vai dirigir esses serviços? O Vieira da Costa, que era um bom urbanista.

**No fundo, o Arquitecto Castro Rodrigues é que indicou o Vieira da Costa para ficar à frente desses serviços de urbanização?**

Exactamente. Até porque ele andava um bocado escondido, apagado.

**E ele aceitou?**

Aceitou, pois claro! Era legítimo e, quanto a mim, não havia lá outro para isso.

**Tinha uma grande admiração por ele?**

Não... Eu nunca tive muita admiração por obras, diga-se de passagem, mas reconhecia o seu valor e a sua competência. Foi por isso que me lembrei, que trabalhei no sentido de ele ser o dirigente desse novo departamento de urbanização.

**A partir daí a vossa relação melhorou?**

Sim, foi “eu cá tu lá” no gabinete. Mas ele fechava-se muito, sempre.

**Em relação ao período em que esteve em Portugal, qual foi a sua participação nas ICAT?**

Éramos vinte e um, os sócios dessa empresa. Para construir uma empresa técnica eram necessários vinte e um sócios. A certa altura, nós tentámos conquistar o sindicato, tirar de lá os moços do antigamente [os “Raul Linos”, os “Pardais Monteiros”, etc.] e implantar uma direcção de gente nova. Houve uma movimentação muito grande depois das eleições de 1945, em que a oposição ia ganhando as eleições e foi nesse período que os sindicatos foram conquistados pelos “arquitectos do contra”, como Keil do Amaral. Esse grupo de arquitectos precisava de um local para agir de maneira a conquistar a Sociedade de Belas-Artes [que conquistámos por eleições legais] e também precisávamos de um órgão de comunicação. Então comprámos a revista Arquitectura, que era uma “revistazinha” muito modesta, propriedade de um desenhador das obras públicas chamado Francisco Pereira e as reuniões para organização das actividades do sindicato era a forma de reunir esses 21 arquitectos do contra. Foi esse grupo o promotor e o orientador do caminho que seguiu o Congresso dos Arquitectos. Tenho a impressão que foi por causa desse congresso que nos começámos a reunir.



**O senhor participou nesse congresso?**

Particpei e com três teses! Uma com o Huertas Lobo, outra com Simões e uma com os três. Tínhamos um *atelier* em conjunto. O João Simões era o sócio para pagar a renda do escritório! (risos)

**A Revista Arquitectura reunia-se no vosso escritório?**

A sede da Revista Arquitectura era a “despensa” do nosso escritório.

**Qual era a morada do escritório?**

Rua Alexandre Braga, nº 17, rés-do-chão. Era um escritório de engenheiros. Os engenheiros tinham a parte da frente, virada para a rua, e nós tínhamos um “cubículo” virado para o saguão.

**As ICAT trabalharam directamente com as EGAP? Qual a relação entre as duas?**

Éramos os mesmos. Depois de tudo o que tínhamos alcançado, lembrámo-nos de fazer uma exposição sobre o nosso tempo cultural. Foi na altura em que fomos muito influenciados por uma certa cultura de artes mexicanas como, por exemplo, Rivera. Por esse motivo, nós frequentávamos muito a Embaixada Mexicana. O embaixador era uma pessoa muito culta e convidava vários grupos intelectuais e, de vez em quando, convidava os arquitectos para uma “almoçarada”.

**Essas Exposições Gerais de Artes Plásticas faziam-se na Sociedade Nacional de Belas-Artes?**

Exactamente.

**O Arquitecto participou em sete, não foi?**

Sim. Particpei em sete com um ano de intervalo, que foi o ano em que estive preso. A certa altura também passei pelas cadeias da PIDE. Tinha que ser, não era? (risos)

**Eram exposições que juntavam os artistas e os arquitectos?**

Arquitectos, escultores, pintores, ceramistas e desenhadores.

**E a maioria dos arquitectos que participavam estavam nas ICAT?**

Era o João Simões, o Keil do Amaral...

**Com que assiduidade saía a revista?**

A revista, teoricamente, era mensal, mas por vezes juntavam-se dois e três meses. Dependia da disponibilidade de cada um que tinha a obrigação de a fazer. Às vezes, o Keil é que fazia quase tudo!

**Porque é que, antes do Arquitecto ir para Angola, não publicavam projectos feitos em África?**

Porque não tínhamos conhecimento disso, nem os havia. Quem é que estava em África nessa altura? Estava o Vieira da Costa, o João Aguiar que fez um “monstro” para um capitalista lá por Luanda. Estava também o Arquitecto Vasco Regaleira que fez o Banco de Angola e a ermida do Lobito.

**Como era a equipa no Gabinete do Ultramar? Como era a estrutura do gabinete?**

Tinha o seu director, que começou por ser um engenheiro de minas chamado Rogério Cavaco, depois



foi o João Aguiar. Tinha engenheiros especializados em hidráulica, vários engenheiros calculistas e topógrafos.

**E depois eram vocês arquitectos, que deviam ter uma sala de desenho com certeza?**

Tínhamos uma sala grande em que os arquitectos estavam misturados com os desenhadores.

**E o Arquitecto ainda trabalhou na Alameda Afonso Henriques?**

Sim, exactamente.

**Em relação ao João Aguiar, o plano de urbanização que fez cá e que o levou para o Lobito fê-lo no Gabinete de Urbanização do Ultramar?**

Foi.

**E quem era o chefe da equipa? Quem traçou o plano? Foi João Aguiar?**

Não, desculpe. Os planos feitos no Gabinete de Urbanização não eram feitos em equipa.

**Então quem é que tinha feito o do Lobito? Foi o Arquitecto?**

Sim, o do Lobito fui eu.

**Portanto, no Gabinete já tinha feito o do Lobito e depois é esse que leva para lá e que corrige?**

Sim, levei-o debaixo do braço. Aliás, o plano foi feito muito à pressa para ser levado por Craveiro Lopes.

**O de Novo Redondo também, não foi?**

Foi, mas isso já foi como consultor da Câmara de Novo Redondo.

**Então o Arquitecto esteve lá (no Gabinete de Urbanização) durante quanto tempo?**

Não chegou a um ano... Tive nove meses lá... Foi à volta de 1950/1951.

**O Lucínio Cruz estava também no gabinete?**

Sim, ele veio a substituir o João Aguiar.

**Como foi trabalhar para os serviços de urbanismo e arquitectura da Câmara Municipal do Lobito? O facto de ter sido preso em Portugal afectou de alguma maneira o seu trabalho?**

Eu sei que o Pina Cabral teve problemas por causa disso, mas ele era muito meu amigo, conhecia-me muito bem. Sabe, ele não era um oficial de marinha qualquer! Ele era o relator da NATO para Salazar, por isso ele lá conseguiu vencer o crivo da PIDE.

**Mas tinha liberdade de movimentos na Câmara?**

Tinha perfeitamente.

**Portanto, no Lobito, as decisões passavam muito pelo Arquitecto.**

Sim. O Pina Cabral tinha muita confiança em mim! Quando os vereadores não gostavam de qualquer coisa, ele dizia: “Não! Não! Castro Rodrigues disse isso, portanto, fica assim!” Ele defendia-me muito! O possível êxito



que tive lá devo-o a Pina Cabral. Era um amigo de estimação.

**Quando o Arquitecto estava no Lobito, quantos desenhadores trabalhavam consigo?**

Olhe, na Câmara tive oito desenhadores. Tinha um agente técnico [hoje em dia chama-se engenheiro técnico], que era um bellissimo calculista, chamado Soares Duarte. E tive dois topógrafos: Alberto Cordeiro, que ainda é vivo, mas o outro já não me recordo do nome...

**O Arquitecto tinha o seu trabalho na Câmara, onde fazia os seus edifícios públicos, e depois tinha o seu escritório de curso livre?**

Sim. Tive sempre pulso livre. Lutei sempre por isso! Mesmo cá em Portugal, no sindicato, eu sempre entendi que os arquitectos oficiais, dos ministérios e das câmaras, deviam ter pulso livre. Se os advogados e os médicos têm pulso livre, por que carga de água é que os arquitectos não deviam ter?!

**E o que é que os clientes privados costumavam encomendar?**

Casas, lojas e blocos de habitação.

**O Arquitecto ainda fez um cinema, não fez?**

Fiz dois: o “Flamingo” e o “Baía”. Eram ambos ao ar livre, mas enquanto o primeiro era destapado em parte, o segundo era totalmente protegido por uma cobertura de duas águas. A pala do “Flamingo” possuía 16 metros, era uma consola falsa, pois encontrava-se suspensa por cabos. Essa encomenda foi feita pelos sócios de Ribeiro Belga no Lobito. Ribeiro Belga era o distribuidor e fazia-se associado dos proprietários dos cinemas do Miramar, em Luanda, desses dois no Lobito e de outros mais.

**Portanto, o trabalho estava bem dividido porque na Câmara fazia-se obra pública e equipamentos e nos privados era mais a habitação.**

Eu tinha um empenho grande. Eu não aceitava qualquer trabalho porque comecei a verificar que muitos clientes vinham ter comigo por eu ser o “arquitecto da Câmara”, ou seja, para que o projecto fosse rapidamente aprovado. Vários vereadores, de vez em quando, pediam-me para fazer um projecto e eu recusava.



**Entrevista**

**Arq. Simões de Carvalho**

*Realizada a 28 de Outubro de 2011*



### **Qual foi o seu tema do Concurso para a Obtenção do Diploma?**

O meu tema foi o Bairro dos Pescadores na Ilha de Luanda, tenho-o aí todo em francês e muitos alunos já vieram aqui buscá-lo e digitalizá-lo. Encomendaram-me, a certa altura, um bairro de pescadores na Ilha de Luanda e eu associei-me com o Pinto da Cunha e fiz o plano. E então lembrei que, como não tinha tempo para preparar uma tese absolutamente diferente, agarrei no plano e arranjei como presidente de tese o Jean-Marle Duclaux, que era um sociólogo. Eu ia de Luanda para lá falar com ele. Apesar de ser professor em Paris, ele vivia na Riviera Francesa. Por acaso, foi uma tese bem aceite.

Bem, no outro dia resolvi ver e encontrei aí uma carta do meu sócio a queixar-se da PRECOL, que foi quem construiu o Bairro do Prenda, porque tinham contratado um arquitecto holandês chamado Franz que trabalhou com Conceição Silva, para ir fazer os projectos da Unidade que eu já tinha feito. Como era de esperar o rapaz ficou doido, porque afinal quando chegou lá viu que era mentira, mas puseram-no fazer notificações aos projectos. Por exemplo, as guardas das varandas do Prenda mudaram-nas todas! Eu tinha as guardas de acordo com as da Unidade de Habitação de Berlim de Corbusier, que eram uns “favozinhos”. Existem lá alguns prédios com isso, mas de resto, mudaram tudo!

### **O projecto do Bairro do Prenda nunca foi terminado pois não?**

Nunca foi terminado, nem sequer todos os blocos foram construídos. Os Blocos B foram todos realmente construídos. Pelo menos oito foram construídos como estavam no projecto. Os do tipo A também foram todos construídos, mas os de tipo C foram mudados. Nesses últimos, eu tinha soluções de *semidúplex* e os tipos mudaram isso. Nunca mais me lembrei disso, porque quem seguiu a obra foi Pinto da Cunha que era meu sócio lá.

Sabe, uma das coisas que, por exemplo, não se deve fazer são segregações, de qualquer tipo. Ora, o que eu vejo agora a ser feito em Luanda, para grande desgosto meu, é uma completa segregação económica e social. Repare, aqui em Lisboa não havia condomínios. Depois do 25 de Abril, eu fui para o Brasil e encontrei condomínios fechados que nunca mais acabavam! Até existiam condomínios fechados para fim-de-semana. Aquilo era realmente uma segregação social e económica brutal! E isso foi importado, primeiro para aqui – quando voltei para Portugal já encontrei condomínios em Cascais – e depois, para Luanda. A justificação para isto é uma questão de segurança, mas a segurança consegue-se por uma convivência e respeito de uns pelos outros. É preciso começar a ensinar isto nas creches, nos jardins-escola, a promover o convívio entre os miúdos, para que a sociedade tenha realmente uma harmonia.

Luanda está em polvorosa e aquilo vai dar o que está no Brasil! Eu quando estive no Brasil, de 1975 a 1979, andava na Avenida Atlântica (a avenida marginal de Copacabana) e chegava aos prédios facilmente. Agora existem grades de 3 metros com uma porta, uma campainha e um homem armado que quer saber o que é que estamos ali a fazer! No Recife também não havia nada disso. Aliás, ainda é pior, pois fizeram muros fechados e portanto, quem sai do prédio nem vê se está alguém lá fora. De volta e meia, assaltam-nos e matam-nos!

O que se está a fazer em Angola é pior que isso. São os generais ricos que estão a viver em condomínios fechadíssimos, que eu vi. Até mais, as nossas antigas moradias estão com muros de 4 metros com um guarda negro armado fora. São autênticos bunkers! Eu tive uma tristeza imensa ao ver aquilo tudo.

### **Destruíram os bairros bonitos de Luanda.**

Não foi só o destruir. Com aquela história da segurança, que eles dizem, qualquer casa parece um castelo! E entretanto, estão os chineses a construir cidades novas, tudo com blocos de 7 pisos e com jardins, com creche e esses equipamentos todos. E eu perguntei: “Mas para quem é isto?” Responderam-me que era para os



funcionários. Esses projectos estão a 40 km de Luanda, do lado Sul – que era para onde eu realmente puxava a cidade. Quanto tempo é que se perde para ir dali a Luanda? 24 horas por dia e mais de um terço é gasto em transportes! É disparate sobre disparate...

### **Esses dormitórios estão, realmente, a uma grande distância.**

Dormitórios?! Mas quem é que vai lá dormir? Quem é que eles vão lá pôr a viver? Eu não acredito que consigam pôr lá alguém. Porque só ao nível dos transportes, todas aquelas vias estão saturadíssimas. Eles estão a fazer coisas para ficarem vagas!

### **No século passado houve muitos planos que tentavam desenvolver pequenos dormitórios, cidades satélites à volta de Luanda, como por exemplo o de De Gröer.**

Isso era uma asneira também! Eu não concordo com as cidades-satélite.

### **Então não concorda também com o CODA de Vasco Vieira da Costa?**

Não sei qual foi a prova do Vieira da Costa.

### **Foi uma cidade-satélite para Luanda.**

Pois... Eu tenho aí uma carta em que tive que “bater” no Vasco Vieira da Costa porque a certa altura, um secretário provincial chamou-o para me “dar pancada”. Ele dizia que as unidades de vizinhança estavam ultrapassadas.

Isso das cidades-satélite foi o que se fez em Londres e toda a gente sabe dos inquéritos sociológicos que se fizeram depois. Ninguém estava satisfeito com as cidades-satélite. Toda a gente quer ir para Londres. Portanto não há que se fazer cidades-satélite, mas sim a extensão da cidade naturalmente, um crescimento dirigido e com cabeça. Por isso é que as unidades de vizinhança, para mim são extraordinárias.

Durante a altura em que estive em Luanda, nas unidades de vizinhança havia 2/3 de negros e 1/3 de brancos. Eu propus fazer unidades de vizinhança precisamente integrando as diferentes classes sociais e raciais de maneira a acabar com os musseques. O Deslandes e o Teles dos Santos acharam que os brancos não iriam querer viver para lá com 2/3 de negros e 1/3 de brancos. Então invertemos para 2/3 de brancos e 1/3 de negros e, com o tempo, vamos “civilizá-los”. Eu queria acabar com isso e comecei a partir da unidade de vizinhança nº1 no Prenda. A nº3 ainda se construiu embora os projectos já não fossem nossos.

### **Onde era a unidade de vizinhança nº3?**

A nº3 era a caminho do aeroporto, já a vi através do Google. Mas bem, aquilo tudo tem sido um desastre! Eu deixei lá as unidades de vizinhança no Prenda: a nº 1, 2 e 3. A nº2 não se chegou a fazer o plano de implantação e volumes, mas fez-se a unidade de São Paulo. Até pela visão das maquetas é possível observar-se uma diferenciação do tipo de habitação em função das classes económicas. Existem as moradias para os mais ricos, as moradias individuais. Existem as moradias em banda para os menos ricos. Para a classe média há os blocos de habitação e por fim, existe aquela zona toda reservada para a habitação indígena que tinha de ser projectada de acordo com as condições sociológicas. Eu propunha que os indígenas vindos do musseque passassem num “bairro-escola” antes de os meterem nos bairros das unidades de vizinhança. Cada bairro era constituído por 4 unidades de vizinhança.



### **Relativamente ao tempo que esteve a trabalhar no Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal, como decorreu o desenvolvimento do Plano Director Municipal?**

Eu montei o Gabinete de Urbanização e praticamente acabou quando me vim embora, segundo notícias que eu ouvi. O objectivo da Câmara era que eu fizesse só o plano da baixa e os terrenos do musseque do Prenda que tinham sido comprados por um engenheiro que foi Presidente da Câmara quando eu era garoto. Era um tipo excepcional e comprou uma quantidade de terrenos para sul – o que prova que já não era nada burro, pois achava que para sul é que se devia estender Luanda – onde eu depois pus as unidades de vizinhança, equipamentos escolares previstos e até uma cidade universitária. Bem, eu fui lá e eles só queriam que eu fizesse na baixa arranha-céus, prédios altos, os quais já tinham sido condenados pelo próprio Faria da Costa, que quando foi lá disse logo que a altura dos edifícios não podia ultrapassar a do Palácio do Comércio, que tinha 6/7 pisos.

Porque encher a baixa de arranha-céus é, de facto... Aquilo é um buraco rodeado de encostas! Se a gente enche o buraco de grandes densidades populacionais resulta numa asneira, pois na parte antiga da cidade as ruas não tinham capacidade para o grande tráfego. Portanto, Faria da Costa tinha razão e eu fiz a mesma coisa e disse: “Não passamos dos 6/7 pisos.” Hoje, com os prédios que lá estão, tipo o da Sonangol, aquilo está um disparate total! Ali ninguém consegue circular, que era exactamente aquilo que estava previsto.

Bom, havia muito terreno vago na baixa de Luanda, onde as pessoas nem sequer construíam porque não havia bancos que emprestassem dinheiro aos proprietários dos terrenos para construir. Portanto, aquilo não se desenvolvia, não tinha estruturas nenhuma. E eu criticava isso tudo. Felizmente, o Deslandes e o Pimentel dos Santos eram pessoas evoluídas e concordavam comigo. A certa altura eu disse que não podia fazer o plano da baixa sem pelo menos fazer, ao mesmo tempo, um outro Prenda e o Plano Director da cidade, porque estava tudo mal. A primeira coisa que pedi foi um estudo dos solos para saber a resistência às pressões, onde é que devia ou não fazer prédios altos.

### **A baixa de Luanda tem um nível freático muito baixo, não é?**

Sim, tem água 2 metros abaixo do solo. As casas que têm feito para lá têm sido um disparate!

### **O Arquitecto trabalhou com Vasco Vieira da Costa?**

Não, nunca.

### **Mas conhecia-o?**

Olhe, conheci o Vasco Vieira da Costa quando fui para lá e foi para lhe dar “pancada”, como já lhe contei. Ele depois procurou-me em face do meu plano da baixa, porque ele teve uma encomenda para um dos edifícios que estava previsto. Eu dei-lhe os dados e ele fez o edifício, o qual se encontra ao pé da Mutamba e é um dos melhores edifícios de Luanda. Hoje é lá que está o Ministério das Obras Públicas. De resto, nunca mais tive contacto com ele, excepto quando ele me atacou, mandado lá pelo Cassis, que era um secretário provincial. Ele achava que as unidades de vizinhança numa cidade não eram um cacho de uvas, mas apenas um bago de uva. Essa foi a primeira crítica que tive de lhe fazer. Qualquer pessoa sabe que num nó viário, onde há 4 vias, não deve ter junto ao cruzamento dessas vias, grandes densidades população, ou seja, não se devem pôr prédios altos. Isto está presente nos projectos de Le Corbusier. Ora, quando eu fui ao largo da Bacia do Romão, encontrei-os a fazerem prédios altos. O primeiro desses prédios enormes foi construído por um sócio do Vieira da Costa, cujo nome não me recordo.



## O Arquitecto chegou a visitar o Mercado de Kinaxixe?

Ceguei sim senhor.

## O que achou do edifício?

Era um belo edifício. Um edifício óptimo. Foi uma asneira terem destruído aquilo, não tenha dúvida. Mais uma vez é o resultado do capitalismo que estão lá a fazer, ou que já está lá feito, parece-me. Até o prédio da Cuca já foi demolido!

A Brito Godins (actual Av. Lenine) era a primeira via de cintura que eu considerava no meu plano, que começa no Largo Baleizão, subia pelo palácio, cruzava-se com a Av. Alongo Ferreira que ia ter ao hospital, descia a Maianga, subia o Liceu Salvador Correia, ia ao Kinaxixe, descia pela Pinheiro Chagas e ia até à igreja da Nazaré. Neste percurso tinha que se alargar a via e proibir o estacionamento, de maneira a fazer uma via de cintura a trabalhar como deve ser. As moradias que existiam lá, que tinham um terreno formidável, pertenciam aos directores de serviços e secretários provinciais, e que eram jóias da arquitectura daquele tempo, foram na sua maioria substituídas por prédios de 10 e 15 pisos. Agora, ninguém consegue circular naquela via! As asneiras somam-se e somam-se...

Eu vim a saber que, na encosta da Maianga, construíram um célebre prédio conhecido por “o livro” num espaço onde não se deviam construir prédios altos. Só para lá da Brito Godins é que devia ser permitido construírem prédios altos, pois é o único sítio onde se pode escavar sem encontrar água.

Eu comecei a fazer o plano assim, a puxar a cidade para Sul. Na parte velha da cidade, eu ia pondo habitação indígena à volta dos coqueiros, porque era uma unidade de vizinhança que eu tinha projectado para ali e pretendia misturar as populações. Ofereci um projecto de um jardim-escola aos serviços de instrução pública com a intenção de que distribuíssem esse jardim-escola pela província toda – ainda se fez um em Novo Redondo e outro na Gabela – até mesmo pelos aldeamentos nativos. É outra vez a minha ideia de incutir desde criança a disciplina, o trabalho, etc., para acabar com as segregações económicas e sociais. Era isto que eu queria fazer.

E de onde vieram estas ideias? Das cadeiras de urbanismo que tirei em Paris. Não pode haver qualquer segregação! Nas minhas unidades de vizinhança vê-se que as próprias tipologias das construções dão isso.

## Onde era o Caputo?

Era no antigo bairro do Cazenga, que hoje se chama São Paulo.

**Uma das coisas que ando a explorar para a minha tese é o facto de o Mercado de Kinaxixe ter sido o primeiro mercado de linguagem moderna, acabando assim por influenciar outros, como foi o caso do Mercado do Lobito do Arq. Francisco Castro Rodrigues. Em 1965, o Arquitecto concluiu o Mercado do Caputo, mas este não tem nada a ver com o de Kinaxixe.**

Ora, eu estava a projectar para populações economicamente débeis. Se virmos bem, o Mercado de Kinaxixe era para a população europeia, da elite urbana. O projecto do Mercado do Caputo foi feito no meio de um musseque. Eu faço arquitectura de acordo com as populações, com o terreno e com os materiais existentes. Aqui havia indígenas a vender por todo o lado, no chão, descobertos e sem nada. Eu fiz este mercado com condições higiénicas e câmaras frigoríficas para ver se a Câmara punha lá os negros a venderem. Os materiais usados foram o cimento à vista, cimento afagado, tudo materiais baratos, não há um único material de luxo! E sabe o que a Câmara fez? Pedia tanto dinheiro pela renda das bancadas que os comerciantes passaram a vender cá fora, ao lado do mercado. Portanto, isto para dizer que este mercado não tinha nada a ver com o Kinaxixe.



**Só para concluir, o Largo de Kinaxixe teve importância no desenvolvimento do PDM de Luanda?**

Não. Na altura em que fiz o PDM o Mercado de Kinaxixe já existia e esse mercado era para a população europeia que vivia na Av. dos Combatentes e na Brito Godins. Eu nunca vi lá negros a entrar e comprar, era para uma população com mais dinheiro. Até na baixa havia o Mercado do Bungo, onde eu ia muitas vezes com o meu pai, na zona da Quitanda, e quem lá estava a vender eram portugueses. Os mercados dos indígenas eram ao ar livre no musseque.



**Entrevista**

**Arq. Manuel Correia Fernandes**

*Realizada a 2 de Dezembro de 2011*



**Como conheceu o Arq. Vasco Vieira da Costa? Durante quanto tempo trabalhou com ele?**

Conheci-o em Dezembro de 1969, quando cheguei a Luanda para fazer o serviço militar. Fomos apresentados por um amigo comum, que era também arquitecto e que achou que seria interessante estabelecermos relações profissionais. Acabei por trabalhar com ele nos dois anos seguintes.

**Quem era o amigo comum?**

O Arquitecto Troufa Real.

**Ele escreveu um artigo sobre Vieira da Costa no Jornal “Arquitectos”.**

Exactamente. Ele trabalhou com Vieira da Costa, mas quando cheguei a Angola já não trabalhava. Eu e o Troufa Real fomos colegas na tropa. Ele tem uma história muito peculiar, a minha, por outro lado, é mais normal. Eu lembro-me que quando cheguei a Luanda fui com Troufa Real ao escritório de Vieira da Costa por volta das 18:00 e ficámos lá a conversar até às 21:00 ou 22:00. Foi assim um “amor à primeira vista”.

Portanto, as minhas relações com o Vieira da Costa começam em Dezembro de 1969 e duram 2 anos, nos quais estive a fazer o serviço militar e onde trabalhei no escritório dele. Quando acabava o trabalho da manhã no serviço de obras militares no Quartel, ia para o gabinete dele no Laboratório de Engenharia e fazia uma colaboração muito pontual entre as 12:00/12:30 até às 13:00/13:30. Estabelecemos uma relação muito próxima e ele fez tudo o que pôde para conseguir com que o comandante do Quartel me concedesse um “*part-time*” no Laboratório de Engenharia. Claro que não consegui porque eramos apenas 2 ou 3 arquitectos militares para Angola inteira, mas mantive aquela colaboração durante a hora do almoço. Depois ao fim da tarde, por volta das 17:30/18:00, lá me apresentava outra vez no escritório dele para ajudar nas coisas que ele tinha para fazer.

**Vieira da Costa depois de trabalhar na Câmara Municipal de Luanda foi directamente para o Laboratório de Engenharia?**

Ele não foi directamente para o Laboratório de Engenharia. Não lhe sei dizer exactamente as datas. Ele sai relativamente cedo da Câmara de Luanda e o Laboratório é criado, creio eu, nos anos 1960.

**Então entre estes dois espaços ele devia ter tido um escritório privado não?**

Tinha, era no chamado “Prédio do Totobola”, que se encontrava na baixa de Luanda. O prédio tinha sido projectado por um arquitecto muito interessante de Angola chamado António Campino, que fez esse edifício muito “corbusiano” onde se encontrava a agência da Totobola. O *atelier* de Vieira da Costa estava num dos pisos de cima e era um duplex do tipo do Bloco de Marselha, com aquele piso “*mezzanine*” onde ele olhava para os desenhadores que se encontravam no piso inferior, ao passo que no piso de cima estávamos nós: eu e mais uns colaboradores que havia na altura. Um deles vive aqui no Porto e seria interessante falar com ele, que é o Arquitecto José Quintão, que trabalhou muitos anos com Vieira da Costa.

**Em que projectos participou durante a sua colaboração com Vieira da Costa?**

Os projectos em que participei directamente foram dois laboratórios de medicina veterinária, um para Nova Lisboa (actual Huambo) e outro para a antiga Sá da Bandeira (actual Lubango) e fiz um projecto para uma casa-museu, que julgo que não se chegou a construir, de um escritor angolano chamado Óscar Ribas. Depois colaborei em coisas pontuais, mais de apoio nos trabalhos. O laboratório do Huambo estava integrado na Faculdade de Medicina Veterinária.



### **Como correu esta transição desde de que Vieira da Costa saiu do atelier que tinha no Totobola para o Laboratório de Engenharia?**

Bom, numa primeira fase, que foi no tempo pré-independência, faz-se com naturalidade, pois ele de manhã trabalhava no Laboratório e à tarde no *atelier*. Portanto, fazia aquilo religiosamente.

Como já disse, colaborei com ele no *atelier* nos projectos que já referi. No Laboratório de Engenharia fazia-se fundamentalmente o projecto da própria Faculdade de Engenharia da Universidade de Luanda, que se encontrava ao lado do Laboratório. O projecto do Laboratório era composto, nesta altura, apenas por um primeiro edifício, que era um esqueleto e que agora está concluído. Portanto, estávamos a fazer os principais edifícios da Faculdade de Engenharia e eu colaborei também nesse projecto.

### **Quanto tempo demorou a construção desse projecto?**

Eu penso que foi relativamente rápido, mas não lhe sei dizer datas. Quando cheguei a África já estava pronto. Estava em construção o edifício da Faculdade de Engenharia, que se encontrava no terreno ao lado e que era uma biblioteca e centro de documentação! Era uma estrutura muito bonita de betão que se manteve o tempo todo que lá estive inacabado. Só depois da independência é que ele é fechado e acabado.

### **Quando foi criado o curso de arquitectura em Luanda?**

Foi em 1979, a convite da Universidade Agostinho Neto. Vieira da Costa, com a independência, fechou o seu escritório e passou a trabalhar só no Laboratório. Portanto, a independência foi em 1975 e em 1978/1979 Vieira da Costa é encarregado pelo Ministro da Educação para criar o curso de arquitectura em Angola.

### **O curso de arquitectura e urbanismo.**

Sim, isto tem um precedente que coincide com a minha estadia lá. Quando estive lá, Vieira da Costa recebeu de Veiga Simão, que era o Ministro da Educação, através do reitor da Universidade de Luanda, cujo nome não me recordo, a incumbência de criar o curso. Ele veio logo ter comigo e disse no seu tom característico: *“Oh filho! Tenho aqui uma coisa muito interessante para si e preciso da sua colaboração!”*. Ele tinha alguns escrúpulos quanto a esse plano para criar o curso, pois sabia que teria de corresponder a um modelo que não era o modelo que tinha na cabeça. Sabe, ele não era politicamente activo, mas politicamente desalinado. Não era propriamente um adepto do regime salazarista. Era um tipo com muita informação, pois lia tudo o que era informação vinda do exterior.

### **Ele não chegou a participar em nenhum grupo como os ODAM e as ICAT? Acabava por ser esse tipo de organizações que ia buscar a informação de fora.**

Sim, mas ele não fez parte de nenhum desses grupos. Ele deixa Angola para fazer o curso, depois regressa e praticamente não volta a Portugal. Ele é um africano puro! Ele só sai de Angola quando não tem outra hipótese. Portanto, Portugal era uma coisa que não lhe dizia muito.

Ele tinha um jipe Willys com uma plataforma em cima e era nisso que ele fazia o dia-a-dia, apesar da mulher o usar com mais frequência. Perdido e achado, encontravam-no sempre fora da cidade. Ele racionalmente era um progressista, completamente anti-salazarista, mas também lutava contra algumas coisas que eram viscerais a nós. Por exemplo, contra um aparente racismo que todos temos dentro de nós, mas ele conseguia vencer essas limitações [que ele próprio considerava de limitações].



### **Ele era empático com a linha de Pinto de Andrade do MPLA?**

Sim, tinha uma relação muito próxima.

Bom, o curso de arquitectura abre em 1979, começa imediatamente a funcionar e ele já não chega ao fim do primeiro curso. Nós, os que estivemos envolvidos nesse projecto, vamos a Angola todos os anos participar em avaliações ou dar umas conferências. E bem, ele já não chega a assistir aos primeiros formatos do curso que criou. Morre a mulher e, logo a seguir, morre ele em Portugal e está enterrado aqui em Matosinhos. Ele andava doente da vista, tinha muitos problemas e veio cá para se tratar.

### **O Arq. Francisco Castro Rodrigues explicou-me que nessa altura em que o Arquitecto ficou viúvo, ele começou a isolar-se um pouco das pessoas...**

É natural. Vieira da Costa faz esse processo todo. Ele mantém uma independência grande durante todo o tempo, mesmo quando lá estive apercebi-me disso. Era um individuo que afirmava as suas convicções e as defendia, ou seja, era eticamente impoluto, completamente incapaz de estabelecer um compromisso que correspondesse a alguma perda significativa.

Ele nunca abandona Angola, nem mesmo no início da guerra em 1961 ele nunca abandona a casa onde está. Ele vivia numa pequena casa junto à Av. dos Combatentes, num “bairrozinho tipo Estado-Novo” de casas muito pequenas que se fizeram aqui em vários sítios e ele era praticamente o único morador que tinha restado. O resto dos habitantes tinha desaparecido. Eu vivia ali na Av. dos Combatentes e a casa dele era relativamente perto da minha, mas era uma vivendazinha, enquanto eu vivia num prédio.

Bom, ele vivia ali e chega a uma altura em que ele tem de pagar a renda [a casa não era dele, era arrendada]. Ora, o dono da casa era um construtor civil, não queria aceitar a renda do Arquitecto, pois os dois tinham uma relação muito nobre e consideravam-se mutuamente. Quando Vieira da Costa lhe perguntava «porquê?», o empreiteiro respondia-lhe que já se dava por muito contente em ter alguém a ocupar aquela casa, tendo em conta que as restantes do bairro já se encontravam abandonadas. Em suma, todos os meses Vieira da Costa pagava religiosamente a renda daquela casa e, religiosamente, o construtor devolvia o dinheiro a Vieira da Costa. Quando se dá a independência Vieira da Costa mantém-se na mesma casa, apesar da guerra e de ali perto estar o Quartel-General da UNITA, na Av. João II, que era bombardeado todos os dias! Nesta altura o Arquitecto fecha o escritório, põe-se à disposição do novo governo, para o que desse e viesse, e nunca chega a colocar a hipótese de se ir embora. Os tempos passam, chegamos a 1979 e ele telefona-me um dia a dizer que ia a uma consulta ao Porto e a perguntar se podia contar comigo para criar o curso.

### **Quem foram os fundadores do curso de arquitectura em Angola?**

Daqui fomos três. Vieira da Costa convida-me e disse: *“Oh filho! Arranje aí mais duas ou três pessoas que estejam na disposição. Eu já tenho aqui um que me indicaram da parte brasileira [porque o Brasil tinha muita cooperação com Angola] um arquitecto que foi director da escola de Brasília, está agora em Gotemburgo [pois saiu do país durante a ditadura militar] e que vem”*. E eu sugeri então o Professor Nuno Portas. Nós os quatro formámos a equipa que fez o primeiro plano de estudos durante um seminário, que se realiza oito dias depois de Agostinho Neto ter morrido, onde estava programado o início para a formação da escola de Luanda. Esse seminário durou três ou quatro dias e nós tínhamos por incumbência depois desse seminário – no qual participou muita variada gente – fazer o primeiro plano de estudos, estabelecer as primeiras hipóteses de funcionamento, constituir o corpo docente, portanto, dar um corpo aquele projecto que, de facto, nasce a partir dali.



Antes disso, por volta de 1970, houve um dia em que ele se me dirige e diz: *“Olha! Acabei de estar com o reitor da Universidade que recebeu a incumbência da parte do Ministro da Educação Veiga Simão, de fazermos aqui uma proposta para a abertura do curso de arquitectura em Angola. Disseram-me também que o mesmo pedido foi feito em Lourenço Marques (actual Maputo). O que acha?”*

*“Oh Arquitecto, isso é excelente! É ótimo!”*

E então, fazemos os dois, com participações pontuais de Troufa Real e de San Maurice, que era um arquitecto de Lisboa que esteve comigo na fase final da tropa. De facto, a proposta é feita por mim e por Vieira da Costa e assinada por ele, obviamente. Essa proposta foi feita no âmbito do Laboratório.

É curioso como Vieira da Costa insistiu muito para que o modelo do curso fosse diferente do de Moçambique, que foi uma das razões porque o curso não tinha sido logo criado na altura. O curso de arquitectura em Moçambique era a cópia do modelo de cá. O reitor de Moçambique decidiu que era igual ao que estava em Lisboa e no Porto. Em Angola a minha proposta e a do Vieira da Costa foi no sentido de criar um curso de arquitectura e a especialidade de urbanismo. Por outro lado, ele fez uma coisa que levou ao desespero do regime e do próprio reitor da Universidade de Luanda e que era a possibilidade da Direcção da Escola ser partilhada pelos alunos, o que era revolucionário para a altura! Por isso é que o curso só abriu depois da independência. A ideia que Vieira da Costa tinha na cabeça foi aquilo que ele fez quando se formou: formou-se no Porto em arquitectura e vai para Paris estudar urbanismo, onde trabalha com Corbusier. Ele era para ir para Londres...

### **Ele estava para ir para Londres em primeiro lugar?**

Ele era para ir para Londres! Ele foi encorajado por Carlos Ramos para ir para Londres fazer urbanismo – que era o que Vieira da Costa queria – para a escola de Leslie Patrick Abercrombie, só que começam os bombardeamentos da guerra. Quando Vieira da Costa estava para ir, os bombardeamentos intensificaram-se!

Ele viaja então para Paris com esperança de que os bombardeamentos em Londres acalmassem, para depois ir para lá. Como a situação não melhorou, ele inscreveu-se na escola de urbanismo, tenta encontrar trabalho e, naturalmente, vai bater à porta do Corbusier. Foi isso que ele fez, pois tinha de sobreviver, pois ele era um bolseiro, não tinha fortuna pessoal.

Foi aí que conheceu a mulher com quem casou. Ela era americana, de família Rothchild, ou seja, bem instalada na vida, mas estava em Paris, julgo que a estudar antropologia ou coisa parecida. E conhecem-se aí, apaixonam-se, casam-se e são felizes durante muitos anos. Ele fica em Paris porque ir para Londres já não fazia sentido. Acaba o curso e vem apresentar o concurso no Porto em 1948. Após isso regressa imediatamente a Angola.

Portanto, ele torna-se desenhador da Câmara de Luanda e é nessa altura que lhe é encomendado o Mercado do Kinaxixe pelo presidente da Câmara. Há uma história muito engraçada que é verdadeira e que determinou a saída dele da Câmara de Luanda. Ele estava a desenvolver o projecto e um dia que apresenta o projecto ao Presidente da Câmara, o qual diz: *“Está bem! Está bem! Agora enrole aí isso que eu faço os alçados.”* E o Vieira da Costa ficou a olhar para ele com o ar mais estupefacto, como era de imaginar! A indignação foi de tal forma grande que ele foi-se embora da Câmara assim que teve oportunidade, mas não antes de ter completado o projecto. Saltou-lhe a tampa!



**Que características realça no método de trabalho utilizado por Vieira da Costa durante o desenvolvimento dos seus projectos como, por exemplo, o Mercado do Kinaxixe?**

O Vieira da Costa era muito autêntico na forma como construía os seus projectos. Evidentemente, eu não estive com ele na altura em que projectou o Mercado do Kinaxixe, mas ele tinha por hábito ser absolutamente racional. Portanto, ele criava as formas a partir de uma história que ele próprio construía, com duas coisas que eram muito importantes para ele:

- Escassez de meios, chamado “*low cost*” em termos absolutos. Tinha a perfeita noção de que estas coisas se conseguem, não pelo gasto do dinheiro, mas pela excelência da forma como se montam as peças da arquitectura.
- Por outro lado, uma grande preocupação pelo funcionamento propriamente dito, quer tivesse a ver com o clima ou com o sol, quer com a comodidade das pessoas relativamente ao espaço que utilizavam.

E ele era muito pouco dado a modelos. Evidentemente que lemos na arquitectura dele o léxico do modernismo “corbusiano”, mas sem radicalismo, no sentido em que tinha a noção de que aqueles princípios que estavam na arquitectura de Le Corbusier tinham de ser filtrados para a realidade da terra onde estava. E isso para mim era uma coisa muito nova!

As grelhas que utilizou na fachada – as lâminas – não eram pré-fabricadas. Aquilo era, dentro das tecnologias que na altura era possível utilizar, estudado com muito detalhe, portanto, a forma como a sol entrava, a luz que produzia, o efeito térmico...

Ele tinha uma coisa muito curiosa que era o seguinte: ele não visitava as obras enquanto estavam a decorrer os trabalhos. Ele tinha gente que visitava as obras durante a semana, em horas de trabalho. Um dos momentos altos do escritório era quando vinham os emissários, normalmente eram um ou dois, mas um especial era o Sr. Cardozo, que visitava as suas obras sistematicamente de manhã à noite e trazia as “novas” das obras, ou seja os problemas a resolver. Para além disso, transportava também as soluções no dia seguinte.

O Sr. Cardozo era um desenhador. Ele chegava ao escritório ao anoitecer, por voltas das 17:30/18:00, e subia até à “*mezzanine*” cheio de papéis para o Arquitecto ver como ia cada uma das obras. O Vieira da Costa só visitava as obras ao fim-de-semana, quando não havia lá ninguém. E então, sozinho, encontrava as soluções, tomava as suas notas, etc. e depois comunicava ao Sr. Cardozo ou, então, aos próprios empreiteiros.

Na altura, era hábito lá e aqui, na chamada “*Metrópole*” em Portugal, os empreiteiros, que nesse tempo se vestiam muito formalmente, aparecerem nos escritórios dos arquitectos para falar dos problemas das obras que estavam a construir. Isso acontecia com todos os arquitectos que davam aulas na Escola de Belas-Artes, que foram meus professores e com quem nós convivíamos, pois éramos muito poucos. Trabalhávamos com o Loureiro, com o Gigante, com o Siza e uma “cena sempre do fim da tarde” era a vinda dos empreiteiros de chapéu, fato domingueiro, de gravata a falar com o Sr. Arquitecto sobre as questões que se colocavam nas obras. Esse “momento” do Vieira da Costa era um momento pelo qual ansiávamos muito porque víamos o Vieira da Costa a reagir face às notícias do que calhava bem, do que calhava mal, etc. O Sr. Cardozo, neste caso, era uma espécie de “pião das nicas”! Coitado do homem... (risos)

Era muito interessante a forma como esta transmissão do arquitecto para a obra se fazia no caso do Vieira da Costa. Portanto, o Mercado de Kinaxixe não é mais do que a absoluta convicção da forma como devia funcionar um espaço daquele tipo.



### **Essa estratégia foi tão eficiente que acabou também por ser aplicada no Mercado do Lobito.**

Exacto! Eu costumo dizer que a verdadeira arquitectura vamos encontrá-la nos países tropicais, quer seja Brasil, Angola ou Moçambique. Por isso, é que o Modernismo teve tanta entrada nos países quentes. Toda a questão da circulação do ar, da temperatura, do conforto e da escassez de meios, para além desta possibilidade que os edifícios têm...

### **São sustentáveis, não é?**

Digamos que não são caixas fechadas. São construções semiabertas ou completamente abertas que se relacionam com o meio envolvente. Eu quando fui para África não concebia aquilo! Tinha a concepção europeia da arquitectura ser uma caixa fechada, isolada do exterior, seja por envidraçados, por paredes grossas, etc. Quando cheguei a África vi que as fachadas “à nossa moda” não faziam sentido.

A fachada era um conjunto de elementos que separam, sem separar, o interior do exterior, porque o segredo para, em climas tropicais, tornar o espaço interior habitável, consiste em diminuir a humidade. Não existem problemas de temperatura [pois não atinge, por exemplo, os 50º], mas sim de humidade extrema! O que é que resolve esse problema? A circulação do ar, chamada ventilação transversal, a qual era uma “regra de ouro” que Vieira da Costa seguia completamente.

### **Ele implantava os edifícios de acordo com a circulação dos ventos.**

Exactamente. Portanto, todo o “ferramental” desse tipo, Vieira da Costa tinha sempre presente. Depois utilizava aquilo de acordo com a sua própria interpretação. Ele era muito avesso a “receitas”. Não tinha um olho no modelo de Corbusier e outro olho no projecto dele. Estava autenticamente no projecto dele e tinha todo um conjunto de informações que ele próprio “digeria” e transportava para o problema com que se deparava:

“Olha fulano tal resolveu assim!”

“Mas isso foi a maneira como o fulano resolveu, não fui eu! Temos de encontrar uma solução diferente!”

Era muitas vezes quase que a rejeição, por sistema, daquilo que podia ser a “receita” encontrada por outro para ser aplicado numa dada situação. E portanto, aí tinha muita liberdade. O homem construía com uma grande convicção!

### **Na sua opinião, o que conduziu à degradação do mercado? Teria havido maneira de o reverter num programa mais apelativo à vida contemporânea?**

Repare, Luanda entra em colapso com a independência e as guerras. Não havia nada que funcionasse! Quando nós lá chegámos em 1979 por causa da chamada para o curso de arquitectura, encontramos uma cidade quase disfuncional. Estava tudo a colapsar: edifícios públicos, privados, infra-estruturas, arruamentos, não havia táxis, não havia restaurantes... Não havia rigorosamente coisa nenhuma! O mercado era em qualquer sítio, não havia produção organizada.

### **A saída dos portugueses após a independência de Angola trouxe alguma alteração ao funcionamento do Mercado, tendo em conta que este era frequentado na sua maioria pelos colonos?**

Não. Ele localiza-se numa zona da cidade “branca”, da cidade do asfalto. Luanda tinha 60.000 habitantes na zona do asfalto e 300.000 fora. Agora tem milhões! A cidade do asfalto pura e simplesmente colapsou e, portanto, todos os edifícios, não só o Mercado de Kinaxixe, colapsaram!



Só agora é que chegaram os novos investidores, mas até ao fim da guerra civil foi uma degradação progressiva. Por isso, o Mercado de Kinaxixe naturalmente morreu, como também morreram os cinemas e todos os equipamentos que a cidade tinha. O Mercado de Kinaxixe, porque tinha uma posição central, tornou-se numa zona altamente apetecível para outro tipo de edificações que hoje estão a fazer em Luanda e por toda a Angola: edificação de tipo europeu, baseada nos altos consumos de energia.

### **Basta ver o novo projecto que têm para o *Shopping Kinaxixe*.**

Exacto! É a antítese de Vieira da Costa. Eu cheguei a escrever um artigo a dizer: *“Ainda bem que o Mercado foi abaixo, porque quem o deitou abaixo não tinha direito a ter aquela jóia no seu património”*. E portanto, desapareceu! É daquelas coisas que, em certo sentido, é natural... Hoje, se Vieira da Costa visse aquilo diria: *“Oh filho! Aquilo já não fazia sentido...”*. De certeza que encarava aquilo com uma grande naturalidade.

### **Acha que a população de Luanda associa a presença destes edifícios à colonização portuguesa?**

Acho. Quer dizer, em relação à população não consigo generalizar a esse nível. Sei que um dos argumentos que aparecia nalguns “ditos” públicos quando se falou na demolição do Kinaxixe era que devia ser demolido porque era um sinal da ocupação colonial branca.

### **Nem olhavam para a importância arquitectónica.**

Nem a importância arquitectónica, nem do espírito do próprio autor. Dá-se a ironia de o projecto ter sido feito por um angolano de coração!

### **Então porque não tiveram a mesma opinião relativamente ao Banco de Angola, o qual foi também feito por portugueses e cujo estilo arquitectónico era mais próximo da linha do Estado Novo?**

Porque o Kinaxixe tinha um tipo de actividade que mais facilmente desapareceu. Era um mercado de frescos, um mercado diário. Aquela zona da cidade deixou praticamente de ter habitantes que utilizassem aquele equipamento e, portanto, os seus ocupantes passaram a ser outros, de outro tipo de negócios: a droga, o contrabando, da prostituição – o que levou à degradação. Passou a ser um abrigo disponível para todos os sem-abrigo.

Os mercados de frescos, os mercados de abastecimento diário estavam no musseque. Como o musseque era cada vez maior e afastava-se cada vez mais do centro, os vários mercados, desde os mais célebres aos menos, foram-se distribuindo pelo musseque e não pela cidade do asfalto.

Recentemente, foi demolido o edifício da Cuca que era de Taquelim de Carvalho e que estava ao lado do Kinaxixe. Portanto, já desapareceram os grandes ícones do modernismo!

### **Por fim, qual a sua opinião sobre a importância de Vasco Vieira da Costa no quadro da arquitectura angolana, pré e pós independência, e que papel teve o Kinaxixe na estruturação de Luanda?**

O Kinaxixe é, por um lado, a consequência da reestruturação de Luanda, ou seja, da construção de uma centralidade urbana ligada ao momento em que a cidade dá o salto, cresce. Portanto, estamos nos anos 1950 e havia a noção de que era preciso fazer qualquer coisa com as questões relacionadas com a independência, ou melhor, da autodeterminação das colónias. Foi nesta altura que se tomaram atitudes que começaram a ter efeitos. Os presidentes de câmara, governadores e ministros começaram a ter de olhar para a cidade de Luanda de uma forma diferente.

Angola foi sempre diferente de Moçambique. Angola sempre teve um estatuto social menor, enquanto



Moçambique era das elites devido à ligação com a África do Sul, etc... Era mais “snobe”. Angola era a terra dos “degradados”. Quando se condenava alguém ao degredo era para Luanda que ia. Portanto, muitas das grandes casas comerciais angolanas têm origem em gente que foi condenada, foi para Angola e depois teve de lá sobreviver. E lá eram livres, eram brancos, embora “degradados”, e estabeleciam os seus negócios. Isto tudo fazia de Angola um território que era necessário promover e houve um grande desenvolvimento a partir do fim da segunda guerra mundial.

**Acha que a forma do Mercado de Kinaxixe foi baseada nalguma tipologia de mercado já existente na altura.**

Ora bem, do meu ponto de vista, a forma que o Mercado do Kinaxixe possuía era a da “praça”, a forma de um quadrado, de um rectângulo mais ou menos subdividido. Aquilo traduzido em linguagem moderna, se olhar para a planta do Bolhão é exactamente a mesma coisa. É um rectângulo que faz uma praça a meio, tem as lojas para fora, tem lojas para dentro e depois tem uma passerelle a meio.

Claro que quando a gente olha para o Ministério da Educação de Corbusier, no Rio de Janeiro, aparece a lâmina e ao lado um edifício cortado a meio, mas é um mero acaso! Na cabeça de Vieira da Costa não estavam coisas desse tipo. Agora, estava toda uma aprendizagem, todo um conjunto de referências modernistas. Esta forma de ele olhar para a arquitectura muito agarrado ao sítio e ao local era uma coisa que de certo modo era contraditório com os princípios do modernismo.

Os princípios do Modernismo eram, de certo modo, abstractos, universalizantes, internacionais e tanto fazia construir no Rio de Janeiro, como em Argel ou em Bangladesh. Mas Vieira da Costa faz isso, coisa que os outros não fazem. Não é que a arquitectura do Pinto da Cunha, do Campino, do Simões de Carvalho, etc. seja de menor qualidade, mas o Vieira da Costa tem uma qualidade superior na medida em que é extremamente agarrado às cores, aos materiais. A forma como utiliza sabiamente esses elementos é muito diferente de todos os outros. Infelizmente, não podemos ver em Portugal, pois não deixou cá nada feito, mas ainda existem muito boas obras que podem ser vistas em Angola.

**Por que razão Vieira da Costa projectou a pérgula apenas no sector poente da cobertura do Mercado?**

Eu não tenho a certeza, mas acho que há elementos que não foram completados. Isto é, o projecto tinha mais coisas do que aquelas que acabaram por ser executadas.

**Portanto, o Mercado acabou por ser um projecto incompleto, por assim dizer?**

Sim, mas em aspectos secundários. Tenho uma vaga ideia de que há momentos, tal como acontece sempre em projectos feitos, em que a obra introduz novas dinâmicas e algumas alterações. Vieira da Costa fazia isso com muita frequência! Ele via às obras e corrigia o projecto quando algo não lhe agradava, ou quando achava que a opção que tinha sido feita era má e ele próprio intervinha e alterava. Seria muito interessante ter os desenhos das alterações que ele fez já depois dos projectos de execução estarem feitos, acabando assim, por intervir na obra. Tenho a impressão que no caso do Mercado houve alguns elementos, que embora não constando no projecto foram construídos e outros que, constando no projecto foram alterados. Alguns, mas não sei dizer quais, não terão sido concluídos...

**E qual a sua opinião pessoal do projecto do Mercado de Kinaxixe?**

No fundo, o Mercado de Kinaxixe foi a primeira grande obra modernista com “sabor português” que vi. Representou uma das 3 vezes que me emocionei com uma obra de arquitectura. As outras foram o Convento de La Tourette de Corbusier e a Capela Pazzi de Brunelleschi em Florença.



**Entrevista**

**Arq. José Quintão**

*Realizada a 9 de Dezembro de 2011*



### Como conheceu o Arq. Vasco Vieira da Costa?

Por mero acaso. Eu fui estagiar no Ministério das Obras Públicas em Angola. Nós tínhamos que ter um estágio antes de nos candidatarmos ao CODA. Como vocês hoje em dia fazem o estágio na Ordem, nós fazíamos-lo onde fosse! Penso que o ministério se chamava de Obras Públicas e Transportes... E tinha lá uma pessoa que me disse que queria sair do *atelier* Vasco Vieira da Costa, porque não se sentia muito bem com o “velhote” e eu fui substituí-lo. Pelos vistos o Vieira da Costa gostou muito de mim e eu também gostei muito dele também. No fundo, eu perdi o meu pai aos dezasseis anos e ele para mim foi um “pai espiritual”, uma referência. Ele era uma pessoa “fora de série”, extremamente inteligente, culto e casado com uma descendente dos “Rothschild”. Conheceram-se em Paris, onde Vieira da Costa trabalhou durante um ano no *atelier* do Le Corbusier, e Vieira da Costa era “corbusiano” acima de tudo. Ele gostava de Mies van der Rohe, mas penso também que, em relação à arquitectura feita em climas tropicais, olhava mais para a arquitectura de Corbusier, nomeadamente, quando faz aquelas intervenções na Índia em Chandigar e depois do Rio de Janeiro com aquele edifício que tinha albergado várias coisas, entre eles, o Ministério da Educação.

Agora, resta saber – e eu já tentei saber várias vezes, se bem que sem grande esforço – quem é que teve a ideia dos *brise-soleils*? Corbusier como bom virtuoso que sempre foi, aproveitou e soube explorar daquela maneira maravilhosa. E mais! Quando chega à Índia sabe explorar a falta de mão-de-obra! Para mim das coisas mais notáveis na obra plástica de Corbusier é isso: nada é perfeito. Eu nunca lá fui, mas sei pelas fotografias... Ele sabe tirar partido da falta de mão-de-obra, o que para mim é uma visão maravilhosa do arquitecto, porque nós também, muitas das vezes, temos que fazer das necessidades coisas bonitas. Pelo menos, que agradem.

Vasco Vieira também gostava de Mies van der Rohe, mas penso que a arquitectura da Farnsworth House, por exemplo, seria tudo menos adequada a Luanda. Numa casa em vidro daquelas, uma pessoa morria cinco minutos depois de estar lá dentro, por muito ar condicionado que tivesse, com certeza.

### O edifício que vai substituir o Mercado do Kinaxixe é assim.

Eu já vi e não quero ver mais, sinceramente... Fiquei com uma tristeza, com uma dor de alma pavorosa! E aquele edifício é um crime para a arquitectura em qualquer parte do mundo. O Castro Rodrigues tem um edifício, ou melhor, um mercado no Lobito, que vai buscar alguma coisa ao Vieira da Costa, mas não tem o “bujo”, nem digamos, se calhar, a originalidade que tem o próprio Vieira da Costa. Penso que Castro Rodrigues deixou-se influenciar por ele.

Ora bem, acho que o Vieira da Costa soube transmitir uma maneira de pensar arquitectura para servir e não para ficar bonita. Pelo menos era o discurso dele.

### Mais funcional.

Sempre e acho que ele tem coisas muito boas em Luanda, principalmente, a Casa dos Ingleses. É no morro e é quase impossível lá ir! Tinha umas grandes palas onde havia umas persianas que rebatiam para baixo, portanto, filtrando completamente o sol poente, que dava todo para a baía, e depois havia um mecanismo em que elas ficavam paralelas ao chão quando era de noite ou de manhã, de maneira a que o ar circulasse completamente. Uma coisa lindíssima que só se filmava de longe e já na altura era muito difícil! Agora, não sei se pertence a alguém do governo.



**Vieira da Costa tem uma obra fundamental que é o Laboratório de Engenharia de Angola.**

Acho que isto é das coisas mais bem feitas. Repare que nestes pavilhões é fundamental que o ar penetre em baixo, vá buscar o calor todo e saia por cima! Um dos grandes disparates que havia na altura era que, antes de as pessoas pugnarem pelo bem-estar, sem recurso ao ar-condicionado, pensava-se que o grande pé-direito solucionava as questões. Era um disparate completo! Para já, o ar mal entrava e depois aquilo ia acumulando, acumulando, o que acabava por provocar um efeito de estufa. Interessa que tudo tenha ventilação.

**Portanto, criar situações de ventilação cruzada o mais possível.**

Sempre! O Mercado de Kinaxixe tinha isso tudo.

Bem, tanto quanto me lembro, no mercado as camionetas entravam pelo meio para descarregar. Temos este esquema no Mercado de Matosinhos. Eu uma vez questioneei Vieira da Costa, mas tenho a impressão que ele não sabia disso. Foi uma mera coincidência! Agora não sei como o Mercado de Matosinhos funciona desde que foi remodelado, mas tinha também a meio a zona para fazer as cargas e descargas das mercadorias. Isso era uma ideia extremamente interessante: não estar a despejar tudo pelo lado de fora para o abastecimento do mercado.

**Em que altura é que Vieira da Costa estagiou com Corbusier durante os três anos que esteve em Paris?**

Eu tenho ideia de que ele só esteve um ano em Paris, mas eu não quero estar a induzi-lo em erro... Perdão, a trabalhar com o Corbusier só esteve um ano! Aliás, ele devia ter estado na Sorbonne porque foi lá que conheceu a mulher, a Dona Barbara. Ela era descendente dos Rothschild, tinha uma bolsa em Paris e foi lá que eles se encontraram e se apaixonaram. Ele vai para Luanda e ela, dos EUA vai lá ter com ele.

50 | 51

**Ela tinha tirado o curso de antropologia, não foi?**

Exactamente. E depois filmavam os animais, as pacaças, as cobras, etc. Eles adoravam aquelas vida de África. E de facto, era o que ele dizia: “Oh filho, não vale a pena viver em África e não ‘viver’ África” e “Oh filho, se vem para Luanda a pensar que está em Paris, a sua vida vai ser um inferno”.

**Por acaso, o Professor sabe em que projectos Vieira da Costa participou quando esteve a estagiar com Corbusier?**

Não. Tenho a impressão que foi sob o ponto de vista do urbanismo e mais nada.

**Portanto, relacionados com a recuperação de França, de Paris, por causa da 2ª Guerra Mundial?**

Sim, sim. É nesse rescaldo.

**O vosso gabinete era no “Prédio Totobola”.**

Exactamente. Era muito agradável. Quer dizer, se calhar não seria assim tanto para quem estivesse em baixo, pois sentiam-se vigiados, mas Vieira da Costa não era nada desse género! Havia uma coisa muito engraçada, que era ele não ter pachorra para os clientes. E muito menos para as obras! Ele gostava de ir lá ao fim-de-semana e sem ninguém o chatear. E tínhamos um senhor, o Sr. Cardozo, que era chamado o “Dakota”, pela maneira como “aterrava” no escritório ao fim do dia! (risos) O Dakota era um avião de transporte que a DTA (Divisão de Transportes Aéreos) tinha e acho que, ainda hoje, é um dos grandes aviões do mundo. Era ele que ia às obras,



de maneira que ouvia cada raspanete do Vieira da Costa! Às 18:00 aquilo era um inferno, às vezes! Esse homem já não deve estar vivo... Ele era mais velho que eu pelo menos uns 15 ou 20 anos.

**O Manuel Correia Fernandes até dizia que ele era um “pião das nicas” porque levava sempre em cima.**

Epá tudo, tudo! Uma vez, no edifício da Mutamba (Ministério das Obras Públicas) havia uma entrada em que o Vieira da Costa queria um pé-direito triplo e na obra houve um engano! Um dos donos do edifício, que era engenheiro, enganou-se e meteu aí uma viga, de maneira que aquilo ficou só com pé-direito duplo. Ora, o engenheiro chega lá e começa:

“Oh Sr. Arquitecto e se a gente metesse um painel?”

“Um painel aonde filho?! Desembuche! Aonde quer o painel?”

Bem, saltou a tampa ao Vieira da Costa! Eu juro que não sabia onde me havia de meter! Era uma coisa impressionante às vezes...

**Quando é que ele sai do edifício do Totobola e começa a trabalhar para o Laboratório de Engenharia de Angola a tempo inteiro? Eu sei que houve uma altura em que ele trabalhava para o L.E.A. de manhã e à tarde ia para o gabinete.**

Era quando eu lá estava. De manhã, eu estava sozinho.

**Quem foram os principais fundadores do curso de arquitectura de Angola? Foi Vieira da Costa, Manuel Correia Fernandes, Nuno Portas...**

O Nuno Portas, sim, mas isso já foi posterior. Repare, quando eu vim para cá, fui trabalhar para o escritório de Manuel Correia Fernandes. Fiquei durante uns anos a trabalhar com ele, mas estive mais implicado no S.A.A.L. (Serviço Ambulatório de Apoio Local) do que noutra sítio qualquer. O Manuel já era professor e eu só muito mais tarde, em 1981, é que entrei como professor para a Escola de Belas Artes. O Manuel esteve sempre lá ligado e foi uma peça importante na formação do curso em Luanda. Para lá foi o José Manuel Soares, o Henrique Carvalho, a Luísa Brandão... O Sérgio Fernandez ainda foi lá duas ou três vezes, mas penso que, implicado na criação do curso era o Manuel e o San Maurice também.

**Em que projectos participou durante a sua colaboração com Vieira da Costa.**

Eu trabalhei com ele para Luanda e também para a Faculdade de Medicina Veterinária em Nova Lisboa (actual Huambo). Tenho duas coisas feitas por mim no gabinete dele. Uma das coisas que Vieira da Costa tinha era um acampamento da Mocidade Portuguesa na Ilha de Luanda, salvo erro. Um barracão muito bonitas com a arquitectura que só ele fazia. Ele lá tinha uma coisa muito bonita que era um pavilhão... Nem sei se se chamava pavilhão, era uma bancada para basquete... Uma coisa multidisciplinar. Era uma bancadinha, uma coisa muito linda, ligeiríssima com os balneários por baixo. Na altura, isto podia constituir alguma novidade, mas hoje, se calhar, já não sei. Ele tinha coisas muito singelas, muito bonitas. Trabalhámos muito bem na Mocidade Portuguesa, fizemos um conjunto muito grande sobre uma residência para universitários e liceais, cujos pais vivessem fora de Luanda.



**Isto tudo entre 1968 e 1972?**

Não, foi de 1970 a 1974.

**Agora em relação ao Mercado. Na sua opinião, o que conduziu à degradação do mercado? Teria existido modo de o reconverter a um programa mais apelativo à vida contemporânea?**

É uma boa pergunta sobre a qual ainda não pensei muito bem. O que eu penso é o seguinte: porque é que o Mercado do Bom Sucesso também lhe deu o “beribéri”? É porque, de facto, já não há condições para isso ou porque há outros interesses pela mais-valia do terreno, etc... Sai de lá à já bastante tempo, mas não penso que Luanda tenha atingido uma dimensão de grande urbe ao nível de as pessoas começarem a comprar e empacotar tudo em supermercados.

O meu termo de comparação é o mercado do Bolhão no Porto, o estado em que está... E este aqui do Bom-Sucesso. O de Matosinhos penso que é o único que ainda continua mais ou menos a funcionar, ou porque está ligado à actividade do peixe que também é importante, ou porque apesar de tudo, ainda há uma população residente que prefere o mercado a ter de ir aos centros comerciais. Depois, há este grande fenómeno do final do séc. XX de cidade espalhada. Ainda ontem, por exemplo, fui a Anageiras, fomos de carro e praticamente não há um pedaço de verde! É só casas, prédios bonitos e outros pormenores. Não sei se isso aconteceu a Luanda.

O Kinaxixe estava muito bem situado no planalto de Luanda e eu pergunto: Será que o Mercado, nos termos convencionais, não continua a ser funcional? Penso que, apesar de tudo, se existe um mercado, se existem víveres e se as pessoas querem comer alimentos frescos, não há nada que o substitua. Quer dizer, existem os centros comerciais como é óbvio, mas os mercados têm outro tipo de atractivo, penso eu. Acho que quem está lá nas bancas tem outra vivência.

**Havia muita vontade de demolir aquele mercado porque ficou ao abandono, virou um antro da droga.**

Pois, essas coisas acontecem porquê? Eu penso que essas coisas não acontecem por acaso. Há um grupo de interesses tremendo atrás disso tudo. Facilita-se e dá-se luvas para sair e abandonar o Mercado. Para três ou quatro vendedores dá-se uma quitanda para eles estarem a vender noutra sítio.

**Por fim, qual foi para si a importância de Vasco Vieira da Costa no quadro da arquitectura angolana, pré e pós independência e que papel teve o Kinaxixe na estruturação de Luanda?**

Penso que ao nível da estruturação de Luanda, na altura até foi bastante importante, na medida em que era um grande marco. Não sei se, inclusivamente, teria sido aproveitado pelo regime... Não que o Vieira da Costa o favorecesse, porque ele era anti-regime. Não tinha nada a ver com movimentos comunistas ou separatistas, mas acreditava que Angola devia ser dos angolanos. Penso que tinha uma simpatia por Agostinho Neto, mas acho que não era homem para se meter nesse tipo de aventuras.

Em relação à questão de referência do Mercado de Kinaxixe, penso que foi um marco em Luanda. Não tenho a mínima sombra de dúvida. Aliás, era um sítio extremamente honroso para qualquer edifício estar ali. A história da arquitectura colonial portuguesa está toda por fazer, penso eu. Quer dizer, vai-se fazendo aos poucos, nomeadamente a Ana Vaz Milheiro, por aí fora: o Paulo Cunha, de quem Vieira da Costa dizia muito bem, tem obra muito boa em Luanda; o pai do Adalberto Dias, que já morreu, era professor e arquitecto lá e fez um dos cinemas, o “Cinema Tropical”; mais o Castro Rodrigues... Esta história está toda por contar e acho muito bem que vocês peguem nisso.



O grande mal – mas penso que isso é generalizado nas colónias tropicais, sejam portuguesas, sejam inglesas, etc. – é que a primeira tendência era exportar os edifícios tal e qual eles os conheciam cá. Acho que passou muito tempo até se chegar à conclusão de que a arquitectura tinha de ser enquadrada no ecossistema.

### **Está a referir-se a que período em particular?**

Entre os anos 20 e 40. Eu lembro-me que em Lourenço Marques havia a casa de madeira e zinco, que era um quadrado e estava envolvida por uma varanda muito larga. Essa casa assentava sobre uns mecos de betão, o que permitia que se pudesse pegar na casa sempre que a pessoa quisesse mudar de bairro, ao estilo americano. Uma qualidade dessas casas era a protecção solar, mas havia uma coisa que as pessoas esqueciam: a questão dos insectos. Em Lourenço Marques esse era o nosso drama, tínhamos redes metálicas nas janelas – coisa que em Luanda não havia, porque lá o mosquito não tinha a malária como acontecia em Lourenço Marques – e o ar não atravessava a rede, causando assim um sufoco! Portanto, uma coisa era já essa pretensão de minimizar os efeitos adversos do clima esquecendo-se depois da questão dos insectos.

### **Chegou a entrar no Mercado de Kinaxixe?**

Sim, mas confesso que fui lá poucas vezes.

### **Como era composta a equipa que trabalhou no Prédio do Totobola?**

Houve um momento em que éramos só dois. O Manuel Correia Fernandes vinha no fim da tropa à tarde e eu estava lá o dia todo, se bem que o Manuel entrou antes de mim. Eu estive praticamente 4 anos com o Vieira da Costa, todos os dias, mas o António Madureira também passou por lá.

O Manuel estava com a casa-museu Óscar Ribas, que concluiu. O António Madureira deu uma colaboração, mas não foi obra completa, acho eu. Depois apareceu a mulher do Michel Toussant Alvares de Pereira, que trabalhou lá pouco tempo, de passagem. Mais uma senhora, a Teresa de San Maurice, a mulher de San Maurice. Foi esporádico, mas ela ainda fez um projecto inteiro para a SECIL do Cacuo. Ainda estive lá uns meses.



**Entrevista**

**Arq. Sérgio Fernandez**

*Realizada a 4 de Maio de 2012*



### **Como foi o seu contacto com Vieira da Costa?**

Tive algum contacto com o Arquitecto Vieira da Costa porque, de facto, havia colegas nossos que estavam por Luanda e que até trabalharam com ele, como o José Quintão e o Manuel Correia Fernandes. Entretanto, o Manuel Fernandes e o Vieira da Costa, em conversa, formularam a hipótese de se fazer uma escola de arquitectura em Luanda e o nosso grupo, nomeadamente, o Manuel Fernandes, eu e o Alexandre Alves Costa achámos que sim.

### **Isto já foi em 1979?**

Foi depois da independência. Quando eu fui para Luanda a escola já existia. Penso que foi em 1981. Bem, as nossas relações amadureceram bastante, fizemos uma colaboração em que os nossos colegas iam para lá dar aulas durante um ano lectivo inteiro e numa dessas idas eu fui também. Fui para lá um mês e tal e como estava ligado à escola, estive a fazer avaliações na cadeira de projecto do primeiro ano, mas nunca tive um desempenho oficial, embora conhecesse muito bem o Arquitecto Vieira da Costa.

O Vieira da Costa era uma personagem muito interessante para nós porque trabalhou com o Corbusier, mas mais do que isso, ele escreveu uma tese que deve conhecer, “Cidade Satélite Nº3”, que foi uma espécie de “sacudidela” aqui na escola. Embora a escola já fosse muito aberta na altura, foi assim um tipo de afirmação pura e dura de Modernismo.

### **E foi a primeira a abordar a temática do urbanismo.**

Exactamente. Portanto, o Vieira da Costa já era conhecido por causa disso. Aliás, acho que a tese até só foi publicada bastante mais tarde. Seja como for, toda a gente sabia que havia uma tese sobre Luanda. Para além disso, Vieira da Costa era um homem muito dotado do ponto de vista profissional.

Na altura, sei que a escola de Luanda tinha uma colaboração de uma malta de fora, por exemplo, o Svensson, um homem que ainda é vivo. Ele vinha do Brasil, esteve em Gotemburgo e acho que agora está novamente no Brasil. Ele era um dos ideólogos da escola. Havia também um tipo de Cuba... De resto, era uma escola muito incipiente e cheia de problemas porque não tinha um corpo docente [era um bocado, mais ou menos, o que calhava] e Vieira da Costa ia administrando aquilo.

Depois tinha aqueles problemas da altura, relacionados com a guerra civil de Angola. Havia coisas extraordinárias como, por exemplo, uma sala maior do que esta em que estamos a falar cheia de estantes com canetas Rotring e os alunos quando precisavam iam lá buscar. Enquanto por um lado havia muitos excessos, por outro, havia também muitas carências. Lembro-me de quando ia ao bar, a senhora que me atendia estava sentada num grande sofá por detrás do balcão e dizia-me que não havia pó de café. Havia muitos problemas porque Angola estava ideologicamente muito marcada. Tudo era em prol do proletariado e das classes oprimidas.

### **A escola era muito influenciada pelo governo?**

Influenciada directamente pelo governo, talvez não. Tinha-se acabado de ser independente. O ambiente em que se vivia era esse.

### **A ideia com que eu fiquei das entrevistas que fiz foi que Vieira da Costa era muito ligado à linha do MPLA, de Agostinho Neto e Pinto de Andrade.**

O Pinto de Andrade depois fez uma dissidência e separou-se do MPLA, enquanto o Agostinho Neto não, mas o Vieira da Costa era muito ligado, evidente. Até diria justificadamente, porque em plena luta pela



independência era pouco provável que pusessem um tipo “do contra”. Isto estava aliado a qualidades de inteligência e profissionais que eram, realmente, invulgares. Basta olhar para os projectos que ele fez e que são muitíssimo bons.

### **O que achou do sistema de ensino da escola?**

A escola começou por ser feita à imagem da de cá, mas com carência de gente qualificada e foi por isso que vieram cá buscar. Por exemplo, os professores de projecto do primeiro ano eram os assistentes aqui do Porto. Eram tecnicamente supervisionados por Vieira da Costa, mas na prática eram os assistentes cá. A malta que queria ir também era gente muito especial, porque para ir a Angola naquela altura era preciso ter um certo espírito e uma certa abertura. Aquilo não era nada fácil! Era instável e tinha imensas carências. Por exemplo, a casa onde nós [eu, o José Manuel Soares e a Luísa Brandão] estávamos não tinha caixilharia – se bem que com aquele clima também não fazia falta porque ventilava – e para aquecermos a água tínhamos de ter o ferro de engomar virado para cima. Não era fácil e não foi fácil durante muitos anos. Depois disso, não voltei lá.

Contudo, tinha outras coisas bestiais: tinha a malta que era de uma simpatia fantástica e havia também gente muito interessada e empenhada porque aquela escola de arquitectura em Luanda foi como uma benesse “que tinha caído do céu”. Agora, tinha alguns problemas. Por exemplo, contrariamente a Manuel Correia Fernandes, nós não tínhamos um grande conhecimento sobre Angola. Estávamos ali um bocado de “pára-quadras”.

### **A relação que existia entre as escolas do Porto e a de Luanda ainda se mantém?**

Não, durou uns anos e acho que foi depois da morte de Vieira da Costa que se estragou tudo isso. Houve uma “invasão” de tipos vindos de escolas italianas que procuravam expandir-se. O governo de cá começou a cortar financiamento enquanto os italianos pagavam à malta para estar lá. Houve também uma fase vietnamita, mas não a conheço directamente. Sei que houve pelo menos a tentativa de contratar gente do Vietname. Lembro-me inclusivamente de alguém de lá me ter dito que eram tipos bestiais. Entretanto, as relações com o governo português foram-se degradando bastante. A cooperação foi-se degradando muito e aquilo acabou por esmorecer. Embora, por várias vezes, o Alexandre foi lá chamado para fazer intervenções, avaliações, coisas desse género.

### **Só para concluir este ponto. Diria que os fundadores do curso foram o Vieira da Costa, Manuel Correia Fernandes, Frank Svensson...**

Não, o Frank Svensson entrou depois. O Svensson, de facto, era importante, mas foi depois. Os fundadores foram Manuel Correia Fernandes, Alves Costa e o Vieira da Costa.

### **E o Nuno Portas?**

Tem razão, ele esteve na primeira reunião que fizemos com o Manuel Fernandes. Não sei se se pode considerar um fundador, mas ele esteve no restaurante connosco.

### **Conheceu o Mercado de Kinaxixe?**

Conheci, quer dizer, não muito bem porque não ia lá muitas vezes. Era uma coisa absolutamente inesquecível.

### **Qual a sua opinião sobre o tratamento que se tem dado aos edifícios modernos como o Mercado de Kinaxixe?**



Não é preciso irmos para Angola, basta olhar para aqui. Acho natural que tenha que haver alterações ao longo do tempo. Em relação ao que é construído, de facto, ao longo de toda a vida os edifícios se foram adaptando a outras circunstâncias. O problema está naquilo que nós consideramos que deve ser alterado, mantendo o reconhecimento do que é autêntico, ou seja, não descaracterizando as coisas.

**Um dos elementos que, na minha opinião, levou a esta falta de interesse nos edifícios modernos foi porque a partir dos últimos vinte anos da ocupação portuguesa das colónias começou-se a produzir muita obra modernista que acabou, de certa maneira, por adquirir uma vulgarização.**

Sim.

**E depois estamos a falar de um povo cuja idade média dos seus habitantes é de dezoito anos.**

Pois é muito baixa, o que é mau. Não sei se foi pela quantidade ou pela profusão dos edifícios modernistas porque Luanda, designadamente, tem vestígios de outras épocas. O que acontece é que fomos habituados a considerar património tudo que seja “do século XV para trás” e o resto não é. Foi tratado sempre assim e aqui também, ninguém preserva coisíssima nenhuma do que são coisas contemporâneas!

**E a questão da vulgarização é importante para avaliar o tratamento que o Banco de Angola em comparação com o Mercado de Kinaxixe. É uma arquitectura muito mais ligada ao Estado Novo, ao tema do colonizador e é apreciada pelos angolanos.**

Eu não sei se é apreciada pelos angolanos, mas acredito que seja.

**É usado como um edifício de Estado.**

Pois claro, mas angolanos não são as autoridades angolanas. Isso é outra coisa! (risos) É um edifício representativo dum poder que eles ainda não têm, ou que estão agora a ter. Aquilo representa uma espécie de um saudosismo. Nós também achamos o Estilo Manuelino bestial e ele é bestial, de facto, mas também tem aquela componente de que no século XVI é que tínhamos dinheiro, etc. Realmente, a maior parte da arquitectura que há em Luanda é contemporânea. Nem toda é boa, aliás, muita não é boa, mas havia um conjunto de coisas que são absolutamente invulgares e uma delas era o Kinaxixe.

Em relação ao tratar mal, ainda ontem fui a Guimarães mostrar uns slides de umas obras de Celestino Castro e está tudo completamente abandonado. E já se sabe há muitos anos que a obra dele é boa.

**O governo é que simplesmente não está interessado em recuperar.**

Pois não, mas não um problema só do governo. É um problema genericamente cultural. É um problema das pessoas não cuidarem da sua identidade, etc. Não é que o governo tenha determinado que se estraguem os edifícios, mas se estragarem, ele não fica incomodado com isso.

**Deve-se, portanto, incutir nas pessoas um gosto por este tipo de arquitectura. O problema é que isso não acontece.**

Exactamente, mas para dizer a verdade, acho que essa situação está melhor do que era. Em certa medida, nunca a arquitectura teve o prestígio que tem agora. Quando eu decidi fazer o curso de arquitectura, era uma profissão considerada “abaixo de trolha”.



**Não davam muito valor à profissão?**

Pois não. Havia um ou dois arquitectos que tinham uma posição mais importante, mas quando eu entrei na escola, a percentagem de projectos assinados por arquitectos era da ordem dos dois por cento. Agora, eu até diria que se sobrevaloriza a imagem do arquitecto. Atrás disso até vem uma preocupação com essas coisas que não havia antes, mas a direcção, o cariz que esses elementos tomam nem sempre são os correctos, como se pode ver pela arquitectura que vem hoje nas revistas. Portanto, isto tudo vem de problemas culturais mais genéricos.

**A saída dos portugueses teve algum impacto no funcionamento do mercado?**

Para já ocupava uma situação fundamental na cidade. Tinha uma presença física inigualável e, portanto, aquilo era um centro de vida. Provavelmente, mais vivificado quando estavam lá os europeus. Depois, com as guerras da independência e civil tudo isso se alterou muito. As pessoas não iam ao mercado comprar coisa nenhuma porque não havia, pura e simplesmente. Arranjavam uma coisa ali, outra acolá...

**Por fim, na sua opinião, qual foi a importância de Vasco Vieira da Costa no quadro da arquitectura angolana, pré e pós independência e que papel teve o Kinaxixe na estruturação de Luanda?**

Houve uma altura, quando a situação começou a dar para o torto, em que o governo português começou a investir imenso naquilo. Aliás, a criação da Universidade tem a ver com isso. Portanto, imagino que nessa altura, Vieira da Costa e todos os outros arquitectos tenham trabalhado bastante. A marginal de Luanda tem uma série de edifícios interessantíssimos e que não devem ser muito anteriores à guerra, ou seja, nos anos 1960. Tem lá uma série de projectos muito bons do Pinto da Cunha, etc.

Por outro lado, aqui em Portugal passava-se muito mal. O Arquitecto Viana de Lima, de quem eu era amigo porque trabalhei com ele, pôs muitas vezes a hipótese de ir para Angola trabalhar porque lá vivia-se muito melhor. Imagino que tenha havido uma espécie de um surto de “bem-estar” para alguns e isso conduziu a que se construísse muita coisa boa. O Simões de Carvalho fez a Radio Nacional de Angola, o Vieira da Costa fez o Laboratório de Engenharia e são iniciativas estatais. Por isso era preciso investir, até mais em Angola do que Moçambique, porque era a que apresentava mais perigo e era já, na altura, aquela que se adivinhava que vinha a ser mais rica. Tem petróleo, tem ouro, etc. Era um país com uma perspectiva de riqueza infinita e por isso valia a pena investir para segurar aquilo, julgava o Salazar.

Tenho a certeza que Vieira da Costa fez muitas coisas antes da independência e depois continuou a ter o mesmo prestígio. Ficou lá radicado e não lhe passava pela cabeça ir embora.

**Não houve nenhuma situação que lhe venha à memória sobre o papel de Vieira da Costa como presidente do curso?**

Não... Fazíamos reuniões, debates sobre questões da escola. Ele participava sempre. Era um líder, mas não era bonzinho, era para a frente como devia ser e pronto! Era muito afirmativo e não estava com paninhos quentes. Nunca!



# Lista de Obras de Vieira da Costa

INFORMAÇÕES RECOLHIDAS DE:

- *"VASCO VIEIRA DA COSTA 1911-1982"* DO ARQ. JOSÉ QUINTÃO,
- *"GEOGRAFIA DE UM LUGAR: LUANDA E A ARQUITECTURA DE VASCO VIEIRA DA COSTA"*, PROVA FINAL DA ARQ. MARGARIDA QUINTÃ
- *"ARQUITECTURAS DE LUANDA"*, PUBLICAÇÃO COODERNADA PELA ARQ. ISABEL MARTINS



**LUANDA**

1950-1952 – Mercado do Kinaxixe – Largo do Kinaxixe

1963 – Anangola – Av. Paiva Couceiro (actual Av. Cónego Manuel das Neves)

1965 – Casa Inglesa – residência do gerente Hull Blyth Angola, Beco do Balão

1965 – Edifício para os Servidores do Estado – Av. Lisboa (actual Av. Amílcar Cabral)

1965 – L.E.A. – Rua do Laboratório de Engenharia de Angola

1968 – Edifício Alfredo Matos (actual Ministério das Obras Públicas) – Largo da Mutamba

1968 – Instituto Pio XII – Largo das escolas, Av. Ho Chi Min

Edifício Lemos Figueiredo – Largo da Sé de Luanda (actual Largo Rainha Ginga)

Hotel Turismo (remodelações) – Largo da Sé de Luanda (actual Largo Rainha Ginga)

Edifício Garantia África – Av. Salvador Correia (actual Av. Rainha Ginga)

Edifício Sousa Leal, Lda. – Av. Marginal (actual Av. 4 de Fevereiro)

Torre Secil – Av. Marginal (actual Av. 4 de Fevereiro)

Sede da Câmara dos Despachantes de Angola – Av. Marginal (actual Av. 4 de Fevereiro)

Fábrica de bicicletas “Famibor” – Estrada do Cacuaco

Fábrica Secil – Estrada do Cacuaco

Diamang – Bloco residencial, Rua Lopes Lima

Cinema S. Paulo – Av. Paiva Couceiro (actual Av. Cónego Manuel das Neves)

Escola Inglesa – Futungo de Belas

Residência de Estudantes – Gaveto da Rua Rei Katyavala com Rua Luther King

Acampamento da Mocidade Portuguesa – Ilha de Luanda

“Guedal - Guedes & Almeida” – Stand e oficinas – Alameda Deolinda Rodrigues

Casa de Júlio Ferreira

Edifício CAOP

Casa Museu Óscar Lopes



## **NOVA LISBOA/HUAMBO**

“Guedal - Guedes & Almeida” – Oficinas

Faculdade de Medicina Veterinária

Prédio Lello

## **SÁ DA BANDEIRA/LUBANGO**

Laboratório de Medicina Veterinária



**Ficha de Aluno de Vieira da Costa  
do Instituto de Urbanismo de Paris**

Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris

2509

Nom : VIEIRA DA COSTA Prénoms : VASCO  
 Nationalité : PORTUGAISE né à AVEIRO dép. PORTUGAL n° 12-3-1911  
 Domicile : ~~HOTEL DES MINES Bd de Michel Paris~~  
 CITE UNIVERSITAIRE - MAISON DE MONACO - PARIS (XIV<sup>E</sup>)  
 Titres ARCHITECTE  
 Depuis quand l'étudiant réside-t-il dans le département de la Seine ?

I.U. II-B. - Paris, I. A. C. (10-43) z 214

INSCRIPTIONS	NUMÉROS		DATES de la prise des inscriptions	DROITS SOUSCIS	CONSIGNATIONS		TAXE	DATES ET RÉSULTATS DES EXAMENS											RÉSULTATS
	Bull.	Quit.			Bull.	Quit.		1 <sup>er</sup> Exam.	E.V.	O.S.	O.A.	O.E.	A.U.	C.R.	C.A.	M.	A.I.	A.C.	
1 <sup>re</sup>	11294	2402	29 Nov 45		12232	4074		1 <sup>er</sup> Exam.	18	15	15	8	15	14	15	14	Admis	112.5	2 <sup>e</sup>
	13744	1976	5 NOV 1946		13240	1410		2 <sup>er</sup> Exam.	15	15	15	15	15	15	15	15	Admis	112.5	2 <sup>e</sup>
	13711	1799	3 <sup>e</sup> Année 6 <sup>e</sup> NOV 46		14208	1833		2 <sup>er</sup> Exam.	15	15	15	15	15	15	15	15	Admis	112.5	2 <sup>e</sup>

DIPLÔME

Mémoire déposé le : 18 Décembre 1948  
 Soutenance du : 18 Décembre 1948  
 Résultat : Admis Note : 18 Mention Très Bien  
 N° du bulletin : 18031 Quittance : Date : 17 Dec 1948

	<p>Je soussigné (Nom très lisible <u>Vasco Vieira da Costa</u>) (N° d'inscription .....)  dont l'état civil figure au recto du présent dossier, déclare prendre la 1<sup>re</sup> inscription à l'Institut  d'Urbanisme.</p> <p>Je déclare, en outre, ne pas accomplir mon service militaire légal (Loi du 7 août 1913).  (non incorporé)</p> <p>Signature : <u>Vasco Vieira da Costa</u> Adresse : <u>Hôtel des Minnes, Boulevard</u>  Date : <u>29-Novembre-1945</u> <u>Saint-Michel - Paris</u>  <u>CITE UNIVERSITAIRE - MAISON</u>  <u>DE MONACO (PARIS (XIV)) 2</u></p>
	<p>Je soussigné déclare prendre ma inscription à l'I. U. conformément aux règlements.  (non incorporé)</p> <p>Signature : <u>Vasco Vieira da Costa</u> Adresse : <u>Cité Universitaire - Maison de</u>  Date : <u>5 - Novembre - 1946</u> <u>Monaco</u>  <u>Paris (XIV)</u></p>
	<p>Je soussigné déclare prendre ma inscription à l'I. U. conformément aux règlements.  (non incorporé)</p> <p>Signature : ..... Adresse : .....</p> <p>Date : .....</p>
	<p>Je soussigné déclare prendre ma inscription à l'I. U. conformément aux règlements.  (non incorporé)</p> <p>Signature : ..... Adresse : .....</p> <p>Date : .....</p>
<p style="text-align: center;"><b>OBSERVATIONS</b></p> <hr/>	



# **“Luanda do Futuro”**

*IN “RONDA PELO ULTRAMAR, ANGOLA TERRA DE PORTUGAL”*

*EDIÇÕES TAPETE MÁGICO, LISBOA, DEZEMBRO DE 1963*

**Arq. Fernão Lopes Simões de Carvalho**

# LUANDA

POR  
F. SIMÕES DE CARVALHO  
ARQUITECTO URBANISTA

## DO FUTURO

AS profundas transformações económico-sociais, trazidas pelo progresso técnico a partir do Século XIX, criaram a necessidade de um corpo de urbanismo adequado à «era-nova» que vivemos.

O âmbito da «vida de relações» do homem, continuamente alargado, pela multiplicidade dos transportes, pela concentração industrial e comercial cada vez mais intensa, pelo aumento demográfico, pela amplitude dos movimentos migratórios (campo-cidade), pela modificação das estruturas sócio-profissionais, transformou por completo as condições de vida das populações.

As cidades crescem, muitas, desregrada e desmesuradamente, e nestas apercebe-se então que elas são a sede de múltiplos **Desperdícios**:

- «Desperdição de vidas humanas
- de força e trabalho humano,
- de terreno» (R. Auzelle).

É isto como consequência da **Penúria** e do **Supérfluo**.

«Da **Penúria** — por falta de alojamentos decentes, por falta de higiene, possível pela conjugação de normas de urbanismo e arquitectura, por falta de sol,

de ar respirável, por promiscuidade, por falta de água, por excesso de barulhos, por falta de comunicações úteis». (Le Corbusier).

Esta penúria existe tanto nas zonas velhas das cidades como nas zonas periféricas de expressão desordenada.

Do **Supérfluo** — Por «condições perigosas de vida familiar, devidas ao problema da Distância, consequência de um desenvolvimento desmesurado e incontrolado das distâncias», por «condições de vida familiar desequilibradas por excesso de mecanização no equipamento provocando sujeições sem contrapartida válida. Mentalidade ultrapassando a norma exacta. Excesso. Relações tensas ridiculamente impostas aos membros da família (lar) mulher, marido, crianças. Este fenómeno de supérfluo não é consequência de um desenvolvimento harmonioso, mas o efeito de uma economia desregrada (medo da produção óptima, etc., etc.)» — (Le Corbusier).

Para remediar estes males, para evitar todas estas perdas, uma solução aparece:

- A organização da vida económica e social dos





FOTO DE ANTÓNIO MONTEIRO

territórios por meio da aplicação de planos Regionais, Nacionais, ou mesmo Mundiais. Observando a nossa capital Provincial-Luanda — a sua zona de influência, a sua Região — sentimos que ela tem de ser estudada como parte de um todo, como influenciadora e influenciada.

Luanda, actualmente com cerca de 300 mil habitantes e que dentro de vinte anos deverá possuir mais de 500 mil, e apenas dez anos depois, talvez um milhão, tem sofrido de muitos males apontados. Com os seus tentáculos, a cidade tem vindo anexando criminosamente mais e mais terrenos, provocando, como diria Le Corbusier, «a apoplexia do centro e a paralisia nas extremidades». Chegou o momento de se definir a ocupação do solo, de se fixarem as densidades populacionais, de estabelecer o plano do seu equipamento à «escala humana», em suma de se elaborar o Plano Director da Cidade que definirá os princípios que devem guiar a utilização dos terrenos não só da cidade como da Região em que se apoia.

Será pois de acordo com os dados desse Plano Director, actualmente em estudo, que exporemos o que poderá ser Luanda do futuro.

Em 1980, os seus 500.000 habitantes viverão distribuídos em unidades de vizinhança, bairros de 3 a 10.000 almas, com equipamento próprio — escolas primárias, jardins, escolas, creches, centro elementar de saúde, cinema, capela, comércio e artesanato para as necessidades quotidianas, espaços livres e arborizados, campos de jogos, etc. Isto é, junto dos locais em que se vive, a distâncias calculadas, haverá tudo o indispensável ao perfeito e harmónico desenvolvimento da vida de relações. Cada uma destas unidades, bairros, células ou sectores, serão lugares em que o «Espaço, o Sol e a Verdura», dominarão, provocando a calma, e ajudando ao equilíbrio psíquico do indivíduo.

Nenhuma via automóvel rápida as atravessará. As ligações entre si serão feitas por vias periféricas rápidas onde a velocidade não será prejudicada por demasiados cruzamentos. Distribuídos por vários pontos da cidade, comuns a três ou quatro unidades de vizinhança, haverá vários mercados de bairro.

Disseminadas entre estes bairros de habitação haverá zonas de trabalho, zonas industriais condicionadas.

Estabelecimentos de ensino secundário dispersar-se-ão pela cidade.

O centro cívico da cidade — a Baixa — completamente remodelado terá duas grandes Praças: — A Praça das Portas do Mar com uma frente de 400 metros sobre

a Baía, estendendo-se do Edifício dos C. T. T. ao Banco de Angola; nesta praça situar-se-á o novo edifício do Comando Naval.

A outra abrangerá toda a zona de velhas construções limitada pelas ruas de Pereira Forjaz, Largo Almirante Baptista de Andrade, Rua de Sousa Coutinho, Rua Duarte P. Pereira, Largo de D. Afonso Henriques e Rua de Capelo e Ivens.

Nesta última elevar-se-ão os principais edifícios de grande afluência.

Para resolução do problema da circulação rodoviária e do estacionamento — problema já hoje existente devido aos actuais 20.000 automóveis ligeiros, aos 18.000 camiões e às 14.000 bicicletas e scooters que dentro de 20 anos deverão atingir respectivamente os números aproximados de 84.000, 129.000 e 62.000, será posto em execução um esquema viário constituído por dois grandes eixos de penetração tratados como auto-estradas — um Norte-Sul e outro Este-Oeste, que ligarão o centro da cidade ao interior; cruzando-se com eles, 4 vias também rápidas, as vias de cintura, completarão com as vias envolventes das unidades de vizinhança, a rede viária principal.

Na zona central prevê-se a construção de pelo menos 3 grandes parques de estacionamento em altura.

O antigo Centro Ferroviário hoje encravado na zona baixa entre o Porto e as chamadas «barrocas» será deslocado para o «plateau» da Cazenga onde se construirá a gare de tiragem geral, a estação principal de mercadorias e fazendo fundo à ampla Praça das Gares, a Estação Central de passageiros. Nesta mesma Praça concentrar-se-ão as gares de transportes rodoviários extra-urbanos.

Próximo do Centro Ferroviário teremos o grande mercado abastecedor, mercado de grosso. Não muito longe, junto à entrada da cidade pela estrada de Catete, ver-se-á o recinto para exposições, certames internacionais e feiras recreativas.

Situado aproximadamente no centro geométrico da cidade, haverá o Parque Desportivo Provincial com o estádio de futebol cuja capacidade poderá atingir 50.000 lugares, 2 campos de treinos, pavilhão de desportos, ténis, basquetebol, voleibol, dança, patinagem, teatro ao ar livre, etc. A sua Praça de Touros no local em que se inciou deverá ser uma realidade.

Na zona central entre a Avenida dos Restauradores e a Avenida Marginal teremos três salas para cinema ou outros espectáculos recreativos.

Eis algumas das realizações previstas.



# **“O Arquitecto Vasco Vieira da Costa”**

*IN JORNAL ARQUITECTOS,*

*AGOSTO DE 1982*

**Arq. Troufa Real**



O ARQUITECTO  
VASCO VIEIRA DA COSTA

rosos Letras  
Augusto de S. Rosa

o Martins  
ara Vaz Serra  
rreira Alves da

isto Pais Apolinário  
M. Quintinha Serra  
a Silva Leite  
to de Carvalho  
Lopes Rosa  
s Ruivo  
e Lacerda C. de  
Sousa  
s Assis de Sousa

sto Battaglia Seleiro  
ia Pereira Duarte  
à T. de Sousa Tomaz  
Branco de Pinho

Vicente Flores  
tos de Carvalho  
Pais Figueiredo  
da Silva Conde  
el de A. Mesquita

uel Pires Messias  
el Jorge Alves  
lunes Pacheco

JDO

ÊNCIA

ificas — C.I.U.S.)  
...  
nte ou por escrito  
Telef.: 54 35 12.

ncepção-constru-  
o de um Parque  
na Ilha da Taipa.

oncursos inicia-  
de Maio. O prazo  
das propostas ter-  
fins de Agosto.

lega Nuno Teotó-  
se encontra em  
representante da

de Avaliação apre-  
hos dos três con-  
dum prazo que  
adados de Outubro.

Há bem pouco tempo no Porto faleceu Vasco Vieira da Costa.

Morreu um amigo, um pedagogo, um «mestre» da arquitectura em terras de África; com 71 anos de idade, desgostoso, muito cansado e doente apenas deixara Angola (Luanda), terra onde vivia e queria morrer para se vir tratar em Portugal.

Personalidade bem conhecida de todas as gerações de arquitectos que passaram por Angola ou se interessavam pela arquitectura da África Tropical.

Era uma «referência» obrigatória no roteiro da cultura dos arquitectos em África. Daí que Louis Kahn, aquando da elaboração do projecto do Consulado dos Estados Unidos da América (1963), o ter visitado e passado longas horas em conversa.

Estar com ele ou ver a sua obra aprender qualquer coisa de diferente do que se passava na Europa ou noutra parte do mundo ou mesmo, à sua própria volta, lá em Luanda, dado que o que ele fazia de facto era outra coisa que nada tinha a ver com a arquitectura que se produzia «normalmente» segundo os «padrões» ou «normas» da Metrópole e que brutalmente era implantada em terras onde a história era outra, e onde muita gente não sabia entender ou não queria compreender (por outras razões, claro!...).

Vasco Vieira da Costa estudara arquitectura na Escola do Porto, fizera Urbanismo em Paris e trabalhara no Atelier de Le Corbusier (que lhe deixou a marca) na década dos quarenta, portador de uma carga cultural marcadamente europeia e animada pelo movimento moderno, profundamente conhecedor da «sua terra» Anjoal, acabaria por ser dos

raros arquitectos que ao intervir na África Tropical conseguiu dar saída aos muitos dos problemas de relação com o «meio» (que então se levantavam) no acto de fazer arquitectura, sem trair a didáctica do movimento moderno (por vezes exageradamente)



Manda 1970

e sem ofender a terra onde intervinha.

Exigente na prática profissional, rigoroso no exercício do projecto, escrupuloso na ética profissional e intransigente nos valores e nos princípios que defendia, Vasco Vieira da Costa esforçava-se nervosamente por transmitir às gerações mais novas que passavam pelo seu pequeno atelier em Luanda (e eu fui um deles) tudo que aprendera alertando todos os cuidados e cautelas (pedagógica-mente) de que um arquitecto se devia reunir por forma a poder actuar sem os riscos (que ele sofrera e não foram poucos...) numa terra tão difi-

cil de exercer a profissão como era aquela naquele tempo. Muitas vezes o ouvi dizer «que a maior sorte que tivera na sua vida fora nenhum dos seus filhos ter seguido arquitectura».

De facto ele sabia-o e tinha-o sentido na pele. Nos primeiros embates da sua vida com a difícil máquina municipal da antiga colónia (por vezes ridícula), normalmente «crivo» fatal do trabalho de um arquitecto, que ele resistiu, combateu e, no nosso entender, saiu merecidamente vitorioso.

Foi e continuará a ser um exemplo para todos nós. Vale a pena ir a Luanda conhecer a sua obra cujo significado e qualidade são inegáveis. Pode-se destacar e apenas como referência, o Mercado de Quinaxixe, o Laboratório de Engenharia de Angola, a Sede da Associação dos Naturais de Angola, o Edifício Sécil, a Escola Inglesa, o Edifício no Largo da Mutamba, hoje Ministério das Obras Públicas, conhecido pelo «Pombal» devido à forte presença de uma «grelha» contra a insolação.

É importante referir o seu empenhamento e interesse na defesa da classe dos arquitectos tendo sido o primeiro presidente da Direcção de Secção de Angola do Antigo Sindicato dos Arquitectos, Secção que viria a ter uma forte acção na criação da Escola de Arquitectura de Angola, da qual até à sua morte fora o seu responsável, dinamizador e professor.

Angola perdeu assim um dos seus importantes quadros e Portugal um grande amigo. Da nossa parte restam-nos a saudade, a gratidão, um caminho a não esquecer...

Troufa Real  
arquitecto



Mercado Quinaxixe, Manda 1952

o jornal da Associação  
Arquitectos Portugueses  
Secção Regional do Si

Director:

António Matos Gomes

Coordenadores:

Carlos Ferreira, Fran-  
Silva Dias, Luísa R. Ma-  
e Helena Martins

Colaboraram neste nú

António Veloso, Fredé  
George, Fausto Simões  
M. Silva Passos, José  
tiago Faria, Nuno Teo-  
Pereira, Troufa Real e V  
Massapina.

Redacção e Adminis

Rua Barata Salgueiro, 1  
Tel. 54 35 12 — 1200 L

Propriedade:

Associação dos Arquit-  
Portugueses — Secção F  
nal do Sul, Rua B.  
Salgueiro, 36 — 1200 L

Assinaturas

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas:  
anual (12 números) 32  
semestral (6 nos.) 16  
Países africanos de expr  
portuguesa (via aérea) 82  
anual (12 números) 82  
Espanha (via aérea):  
anual (12 números) 49  
Resto da Europa (via a  
anual (12 números) 78  
Restantes países, inclui  
Brasil (via aérea):  
anual (12 números) 107

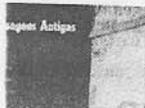
Execução gráfica:

Mirandela & C.ª (Irmão)  
Trav. Condessa do Rio  
1200 LISBOA

Tiragem deste número:  
3000 exemplares

Os artigos assinados put-  
dos no JA exprimem as  
niões dos respectivos au-  
e não necessariamente  
AAP/SRS ou dos coor-  
dores do jornal.

MODERNAS  
M  
S ANTIGAS  
o itinerante



e organizadas de acordo com o seguinte esquema:

1. Introdução: Conceitos gerais de Património, o processo

sagem rural e urbana, modernização, conforto e mutação social, novos materiais e tecnologias.

5. Alternativas propostas, caminhos possíveis? Recuperação de núcleos urbanos e centros históricos, integração paisagística e ordenamento do território, interacção de linguagens formais.

Dada a importância e actualidade do tema (que foi objecto de debate, com a apresentação de interessantes comunicações no recente Congresso da AAP), jus-

tiva, a exposição seria «uma primeira iniciativa», destinada a procurar reduzir aqueles aspectos negativos.

2. Logo nas primeiras sessões de trabalho ficaram claras, tanto as grandes limitações desta iniciativa relativamente ao objectivo visado, como a necessidade de levar a exposição, não apenas aos núcleos de emigrantes no estrangeiro, como também às respectivas regiões de origem no País, para aí se procurar sensi-

3. Estas considerações reflectir um tanto o que parece a orientação inicial do projecto, afastando uma ideia de condenação arrogante fenómeno que, além de nos seus pressupostos, conduzir a resultados contraditórios, apontando «culpa» e contrapondo sumaria «bons» e «maus» exemplo currou-se, ao invés, aplicando critério com base crítica sem escamotear os as-



# **“Breves Considerações sobre Urbanismo Tropical em Zonas Rurais”**

*IN “SEGUNDAS JORNADAS DE ENGENHARIA E ARQUITECTURA DO ULTRAMAR:  
COMUNICAÇÕES, VOL. IV”, 1969*

**Arq. Vasco Vieira da Costa**



ASPECTOS DE DEFESA CON  
TRA A EROSIÃO NA RUA  
PRINCIPAL DO MUÇEQUE  
PRENDA.



COMUNICAÇÃO - LXXXIV

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE URBANISMO TROPICAL EM ZONAS RURAIS\*  
(Brief Considerations of Rural Zones of Urbanisation in the Tropics)

por  
V. Vieira da Costa\*\*

RESUMO

Pretende-se reunir os princípios e regras gerais que deverão ser considerados no estudo dos planos de urbanização dos aglomerados rurais - povoações e regedorias - nas regiões de clima tropical quente e húmido.

SUMMARY

An attempt to combine the general principles and rules which will need considering in the study of planning for urbanisation of rural communities - built-up areas and settlements - in the hot and humid tropical climate regions.

\* - Exclusivamente referido aos climas quentes e húmidos. - Memória nº. 154 do Laboratório de Engenharia de Angola.

\*\* - Arquitecto e Urbanista, colaborador do Laboratório de Engenharia de Angola.

- 302 -

## 1 - INTRODUÇÃO

1.1 - O desenvolvimento comunitário, constitui hoje um dos principais apoios em que assentam os estudos dos planeamentos que visam o desenvolvimento económico e social das populações das regiões subdesenvolvidas, nomeadamente no Ultramar.

Os limitados meios a que os planeadores podem recorrer para "tornar produtivas as reservas de energia e a vontade de indivíduos activos que, por causas várias, se perdiam num ambiente de fadiga, de confusão e de angústia", impõem o estabelecimento prévio de um planeamento perfeito e completo, que permita o máximo aproveitamento dos valores mobilizados.

Só assim se poderá evitar perdas de tempo e de energias, aliás, irrecuperáveis.

No equacionamento dos complexos problemas com que deparam os técnicos do desenvolvimento comunitário, o urbanismo ocupa um lugar predominante.

Torna-se evidente que não poderá haver desenvolvimento comunitário se não existir um "quadro de vida" capaz de proporcionar o bem-estar material e espiritual aos habitantes do aglomerado e, simultaneamente, contribuir de forma imperceptível, mas decisiva, para a evolução económico-social de todo o grupo humano.

É a criação deste "quadro de vida" que constitui o objectivo principal do urbanismo.

1.2 - Neste trabalho procurou-se reunir as noções-base e as recomendações que deverão ser consideradas no estudo da organização e traçado geral das povoações e regedorias nas regiões de clima tropical quente e húmido.

Porém, tendo em consideração que cada aglomerado constitui um problema específico que exige soluções particulares, houve o cuidado de enunciar somente os princípios gerais que se torna necessário respeitar para que se obtenham resultados válidos.

## 2 - LOCALIZAÇÃO

2.1 - Nenhum factor tem influência tão decisiva na "vida" de um aglomerado como a sua localização.

Assim, a escolha do "sítio" geográfico para a implantação de qualquer agrupamento humano, deverá apoiar-se num cuidadoso e bem conduzido inquérito sobre os caracteres naturais e humanos que, na medida do possível, abrangerá toda a região interessada.

É esse inquérito que, facultando e pondo em evidência os ELEMENTOS E FACTORES DE ORDEM GEOGRÁFICA, ECONÓMICA E SOCIAL, levará à decisão da escolha definitiva do "sítio".

## 2.2 - Terreno

O terreno deverá:

- oferecer as necessárias condições de segurança e estabilidade;
- permitir a realização de fundações simples e económicas;
- apresentar características que facilitem o seu perfeito saneamento, principalmente no que diz respeito à drenagem das águas pluviais;
- não estar, contudo, sujeito aos graves inconvenientes da erosão.

## 2.3 - Condições naturais do "sítio"

O local deverá oferecer as melhores condições de salubridade:

- bem ventilado (evitar as baixas);
- suficientemente afastado de águas estagnadas e de locais propícios à proliferação dos insectos (mosquitos, principalmente);
- não se situar em zonas conhecidas como muito fustigadas pelas trovoadas (descargas eléctricas) ou onde existam grandes massas rochosas que se comportem como acumuladores de calor solar;
- não correr o perigo de submersão quer pelas enchurradas dos rios, quer pelas águas pluviais.

Por outro lado, sempre que seja possível,

- dar preferência aos locais agradáveis e aprazíveis (beleza panorâmica, plantações bem organizadas, etc);
- evitar as encostas expostas a poente, sem deixar no entanto de considerar os ventos dominantes durante a época mais quente.

Além dos aspectos atrás focados, atender-se-á ainda a que todos os núcleos populacionais deverão ser organizados de forma a facilitar a actividade dos seus habitantes, evitando-lhes fadigas inúteis.

Assim,

- a vizinhança de reservas de combustível para as necessidades domésticas;
- a possibilidade de uma fácil captação e adução de água, ou (no caso de não estar prevista a sua realização imediata) a existência de pontos de águas facilmente acessíveis - sem grandes pendentes a vencer ou longas distâncias a percorrer que obriguem a esforços inúteis;
- a proximidade de uma estrada que garanta acesso e comunicações fáceis;
- a existência, na sua periferia, de fontes fornecedoras dos materiais

- 304 -

necessários à construção das edificações, constituem importantes factores que muito podem contribuir para o perfeito funcionamento dos núcleos populacionais em causa.

### 3 - ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

3.1 - A primeira preocupação dos responsáveis pelo estudo da organização e do planeamento de qualquer agrupamento humano será sempre,

"CRIAR UM QUADRO DE VIDA CAPAZ DE PROPORCIONAR O BEM-ESTAR MATERIAL E ESPIRITUAL AOS SEUS HABITANTES E SIMULTÂNEAMENTE CONTRIBUIR DE FORMA DECISIVA PARA A SUA PROGRESSIVA EVOLUÇÃO ECONÓMICO-SOCIAL".

Assim, no estudo do plano geral atender-se-á a um grande número de elementos e de princípios que, embora interfiram uns sobre os outros, devem ser considerados simultâneamente, sem qualquer ordem de prioridade.

Todos esses elementos e princípios estarão sempre bem presentes no espirito de quem orienta os estudos, pois que só assim poderá concretizar o complexo trabalho de síntese que é a elaboração de um plano.

A incompatibilidade de alguns daqueles elementos obrigará a uma análise e ponderação profundas antes de decidir da sua prioridade.

No entanto pode-se considerar que, de uma maneira geral, as condicionantes que mais fortemente incidem sobre o traçado de um plano, são as seguintes:

- topografia;
- ventos dominantes;
- outros factores de emergência climática.

Torna-se evidente que, em regiões grandemente acidentadas, a altimetria do local condicionará todo o traçado. Os arruamentos, lógicos e economicamente, desenvolver-se-ão segundo as curvas de nível, mas de molde a facilitar:

- a drenagem fácil das águas pluviais, sem erosão;
- a ventilação das construções;
- o controle e policiamento.

### 3.2 - Forma dos aglomerados - zonagem

Admitindo a hipótese (rara) de que o "sítio" onde será implantada a povoação ou a regedoria, é plano e não existem outros condicionamentos de ordem topográfica ou climática os desenhos anexos (esquemas da zonagem) mostram, de forma esquemática, os princípios que regem a organização de uma povoação e de uma regedoria, pondo, simultâneamente, em evidência a posição relativa de cada uma das

seguintes partes (zonas) constituintes do aglomerado:

- a zona reservada à habitação;
- os espaços livres públicos;
- o "centro" com os seus órgãos de apoio à vida comunitária.

Para que actue como factor vivificante, a estrada que serve a região passará junto ao aglomerado, mas à distância suficiente para que o tráfego que a percorre não venha a gerar interferências nefastas.

Uma cortina de verdura com a largura mínima de 30m assegurará uma protecção eficaz.

O número de articulações da estrada à rede viária interna será reduzido ao mínimo indispensável e, sempre que seja possível, serão constituídas por vias de sentido único traçadas de forma a permitir uma boa visibilidade.

### 3.3 - O "centro"

Situando-se no eixo do núcleo populacional e equidistante das zonas reservadas à habitação, o "centro" - verdadeiro coração do núcleo populacional - agrupará os órgãos de apoio à vida comunitária.

O Mercado e o Parque de Estacionamento, pelas suas funções de contacto e de troca, ocuparão as zonas mais próximas da estrada de acesso.

Todas as outras edificações serão dispostas de forma a criarem um quadro propício à vida comunitária. As particularidades do terreno serão aproveitadas para valorizar as edificações mais importantes.

### 3.4 - Zonas reservadas às habitações

Em torno do "centro", equidistantes dos órgãos de apoio, distribuir-se-ão as zonas afectadas a habitação, cujas formas e desenvolvimento dependerão da densidade populacional prevista.

Os esquemas da zonagem, relativos às povoações, evidenciam de forma clara, embora esquemática, este princípio básico.

### 3.5 - Espaços livres públicos

Os espaços livres públicos constituem elementos tão essenciais à vida comunitária como os Serviços Comuns. A sua previsão e delimitação será objecto de cuidadoso estudo, tendo em consideração as suas variadas funções:

- estacionamento;

- 306 -

- reunião, manifestações e desfiles;
- recreio - inerentes às escolas;
- desporto;
- repouso;
- cemitérios.

A delimitação de cada uma daquelas zonas componentes do agrupamento implica o conhecimento prévio, embora aproximado, da sua importância - densidade populacional.

Porém, como (salvo raras excepções) todos os agrupamentos humanos deverão ser considerados susceptíveis de evolução e crescimento, prever-se-á, sempre o espaço necessário à sua expansão.

#### 4 - INFRAESTRUTURA

4.1 - Muito embora, geralmente não esteja prevista a realização imediata da infraestrutura

- saneamento;
- rede viária;
- adução de água;
- electricidade,

é de aconselhar que se faça, pelo menos o seu estudo sumário, para que as condições emergentes possam ser devidamente consideradas no estudo do plano geral, afim de evitar erros de difícil e dispendiosa reparação.

#### 4.2 - Saneamento

O estudo do saneamento abrangendo os seguintes problemas:

- drenagem das águas pluviais;
- esgotos (águas usadas e dejectos);
- lixos;
- protecção das fontes de água potável,

não dispensará que se ouça o conselho esclarecido de técnicos idóneos.

Porém tendo em conta que as limitações de ordem económica obrigam, quase sempre, a prever a drenagem superficial das águas pluviais (valas) torna-se necessário que logo no início da elaboração dos planos gerais se tenha presente que a realização de tal sistema exige que:

- o terreno apresente as pendentes necessárias;
- os perfis (longitudinais e transversais) dos arruamentos permitam a realização das valas com as secções apropriadas.

O problema da evacuação das águas usadas e dos dejectos merecerá especial atenção com vista à determinação da solução mais indicada para cada caso.

Independentemente daquela previsão e enquanto não se concretiza a sua realização, não se poderá esquecer que o chamado Sistema de Valas Abertas pode, sob o ponto de vista higiénico, considerar-se bastante aceitável, desde que as valas

- se situem fora do perímetro do aglomerado e a sotavento;
- atinjam a profundidade mínima a que as moscas já não descem - 5m.

#### 4.3 - Rede viária

No traçado do sistema de ruas que estruturará o plano (o que constitui talvez, um dos problemas mais ingratos para aqueles que não são técnicos) ter-se-á em consideração as seguintes recomendações:

- a rede viária deverá ser o menos densa possível, (imperativo de ordem económica);
- o número das ruas principais deverá ser reduzido ao mínimo indispensável;
- sempre que seja possível (sem prejuízo da facilidade de controle e policiamento) as ruas que servem as habitações poderão ser substituídas por simples caminhos para peões.

Por outro lado, deverá evitar-se o traçado em quadricula regular, porquanto a sua rigidez geométrica torna-o não só monótono e inexpressivo mas também anti económico.

De resto, o formalismo de tal traçado opõe-se extensivamente ao ambiente ru ral que envolve e que deve caracterizar as povoações e as regedorias.

Assim, como já se aconselhou, no estudo da rede viária deverá procurar-se

- a sua natural adaptação às particularidades topográficas do terreno (arborização ou mesmo uma simples árvore de grande porte, proeminência, desniveis, etc);
- a valorização das suas perspectivas (de forma a torná-los aprazíveis e de percursos agradáveis) através de traçados livres adaptados às curvas de nível.

Quando a importância do aglomerado o justifique torna-se lógico e económico prever tipos de arruamentos adaptados às seguintes funções:

- circulação mecânica;
- circulação de peões

- 308 -

Em zonas rurais (de fraca densidade de trânsito) a principal diferenciação não será tanto a capacidade viária mas a resistência do pavimento. Assim a largura dos arruamentos não será muito diferente entre os destinados à circulação de peões e os destinados à circulação mecânica. Mas os primeiros terão pavimento que evite pó e lamas; os segundos terão pavimento que, além disso, suporte o peso dos veículos.

## 5 - PLANO DE MASSAS

### 5.1 - Implantação das edificações

Durante o estudo do Plano de Massas (implantação das construções) deverá ter-se sempre bem presente este princípio basilar:

- as condições de conforto e habitabilidade de uma edificação dependem, essencialmente, da sua orientação.

Na realidade, facilmente se compreenderá que nos climas quentes e húmidos este princípio assume uma importância capital, uma vez que a sensação de desconforto causada pela temperatura elevada e pelo alto grau de humidade, só poderá ser atenuada por meio de uma ventilação eficaz e de uma defesa eficiente das construções contra a irradiação solar.

A determinação da orientação mais favorável, será estudada com base nos seguintes elementos:

- insolação
- ventos dominantes

Relativamente à insolação as edificações deverão ser orientadas de forma a que o seu eixo maior fique segundo a orientação nascente - poente.

Relativamente aos ventos dominantes as edificações deverão ser orientadas perpendicularmente à direcção em que eles sopram, de maneira que o plano da fachada de maior desenvolvimento seja normal àquela direcção.

### 5.2 - Orientação preferencial

Quando a direcção dos ventos dominantes conduzir a uma orientação que obrigue a fugir marcadamente da orientação nascente - poente (ideal em relação ao Sol) deverá adoptar-se uma solução de compromisso, que permita que a maior fachada seja (embora obliquamente) varrida pelos ventos, sem que, no entanto uma grande superfície das suas paredes fique exposta aos raios solares.

Isto é, nos casos em que a consideração de cada um daqueles dois elementos condicionantes da orientação (insolação e ventos dominantes) resultam soluções que não se conjungam, a implantação geral dos edifícios será determinada em função do que se chama a "orientação preferencial".

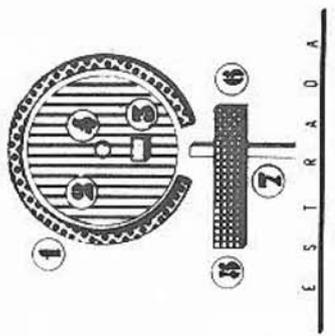
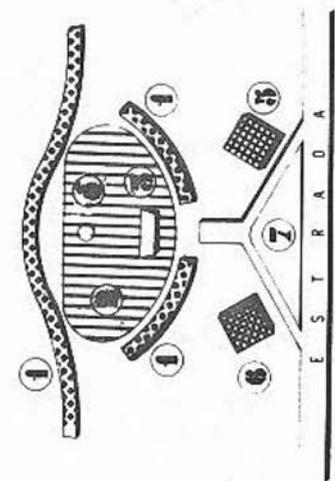
A implantação das habitações respeitará, como não podia deixar de ser, os princípios da orientação preferencial, sem qualquer preocupação de seguir a errada e anacrônica regra do paralelismo entre as ruas e as construções. (Ter sempre bem presente no espírito que o traçado de um arruamento não pode nem deve subordinar a orientação dos edifícios).

Porém, para evitar a monotonia que resultaria de uma implantação geral rigidamente uniforme, é aconselhável, dentro do possível, variar a orientação das construções sem esquecer, no entanto, que a ventilação constitui uma necessidade essencial.

Considerando as construções no seu conjunto, não se poderá deixar de atender à necessidade de:

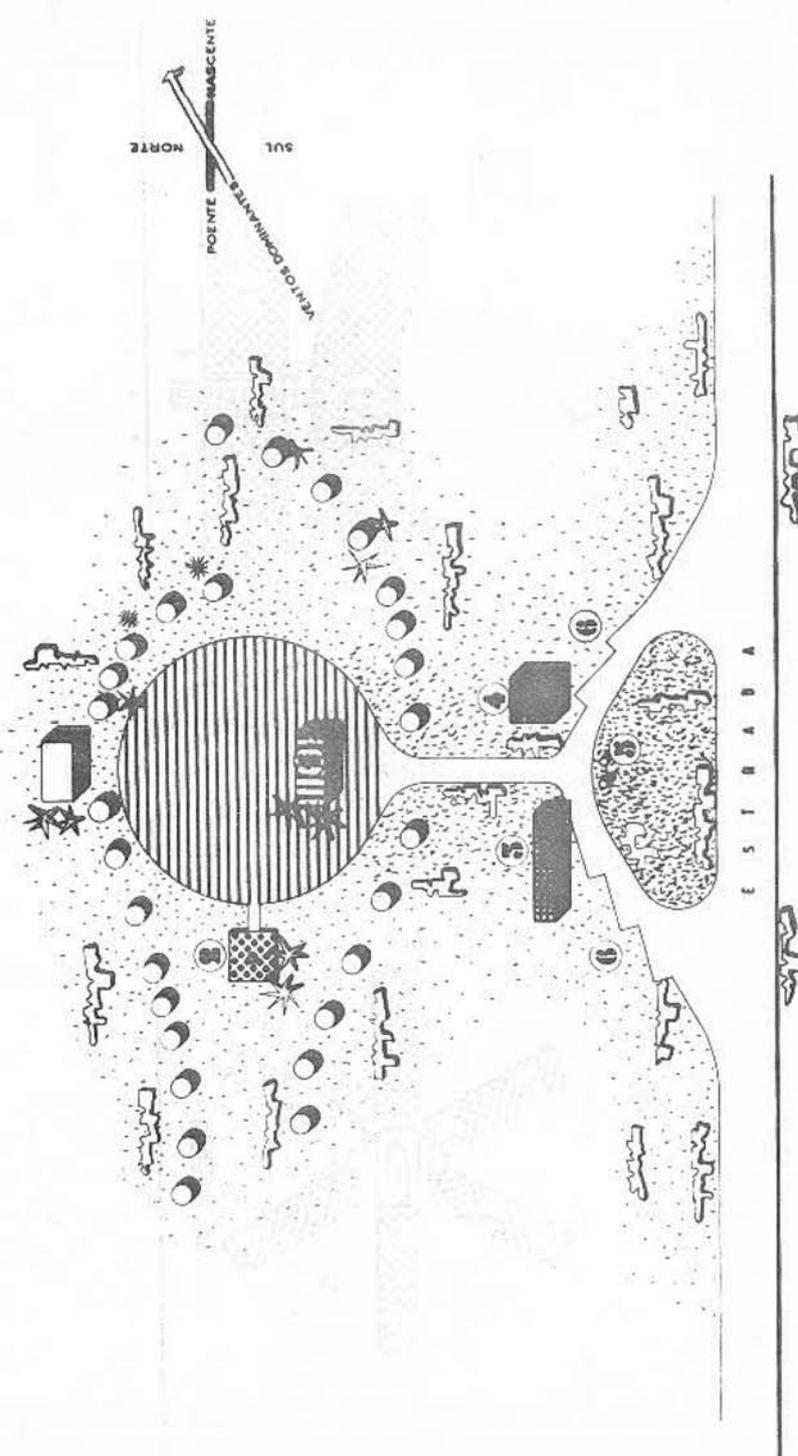
- implantar as edificações de maneira que umas não venham a impedir a ventilação das outras;
- deixar entre dois volumes de construção vizinhos a distância necessária para facilitar a ventilação das edificações situadas mais atrás;
- evitar que as edificações sejam atingidas pela irradiação reflectida ou difundida por paredes próximas ou pelos arruamentos que as servem.

**POVOAÇÕES**  
**ESQUEMAS DE ZONAGEM**



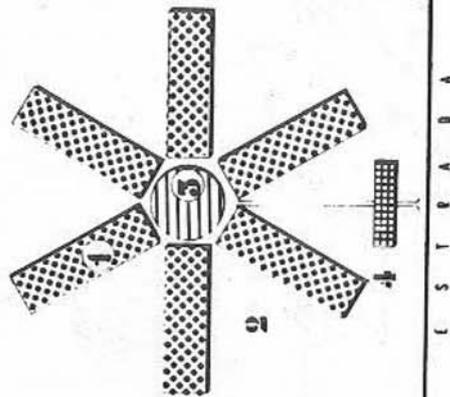
- (1) ZONAS RESIDENCIAIS
- (2) ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS
- (3) LOCAL DE BEBÍDAS
- (4) FORTEMIÃO
- (5) MERCADO
- (6) ARTESANATO
- (7) PARQUE DE ESTACIONAMENTO

**ESQUEMA DE UMA POVOÇÃO-TIPO**

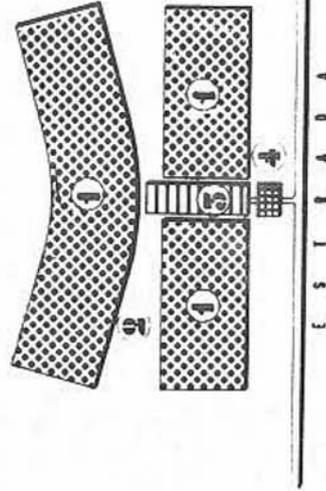


- 1 LOCAL DE REUNIÃO
- 2 FORTALEÇA
- 3 MERCADO
- 4 ARTEFABRIL
- 5 BARRACÃO DE COMODÓRIO
- 6 ESTACIONAMENTO

**REGIÕES**  
**ESQUEMAS DE ZONAGEM**

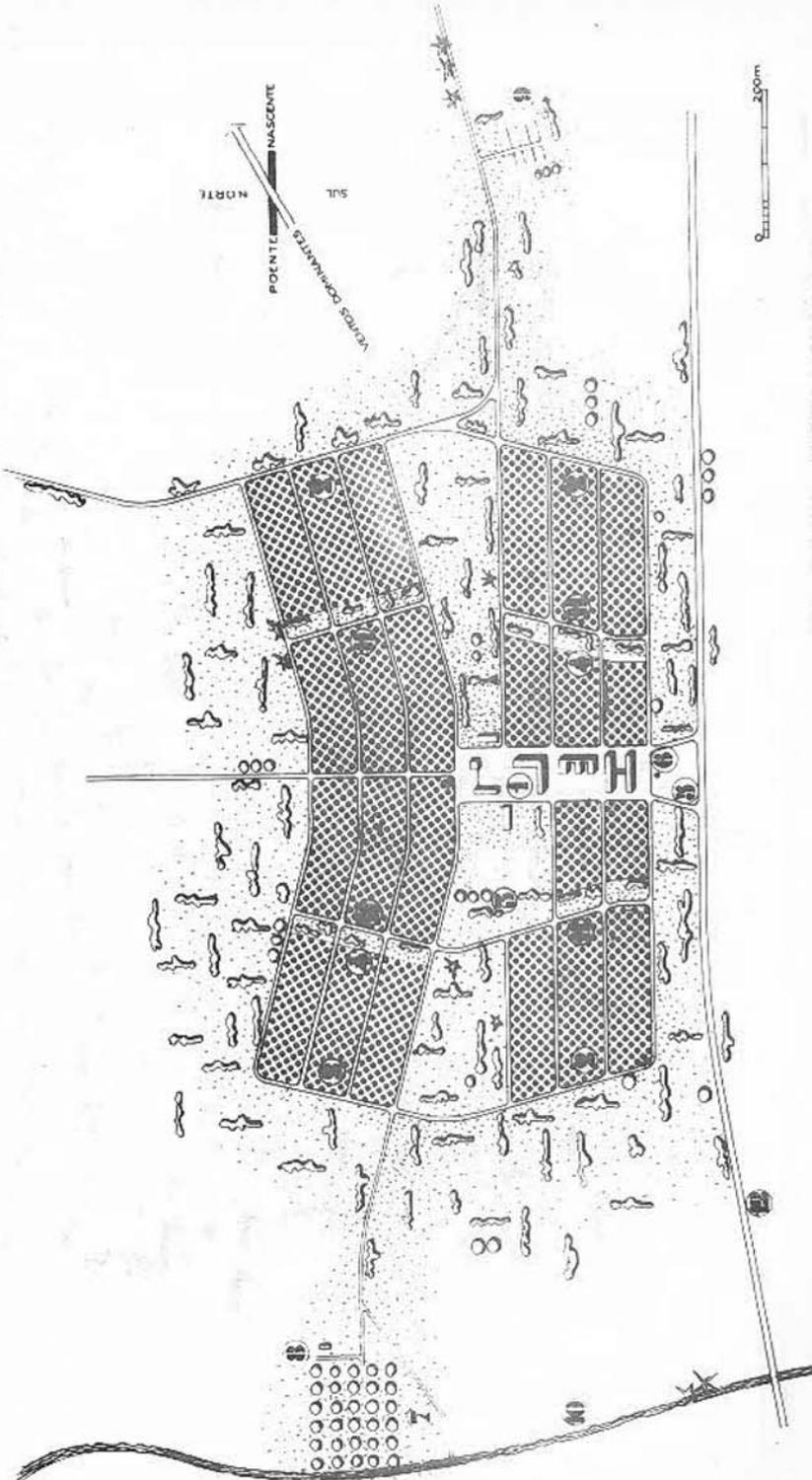


Nº 10 D03



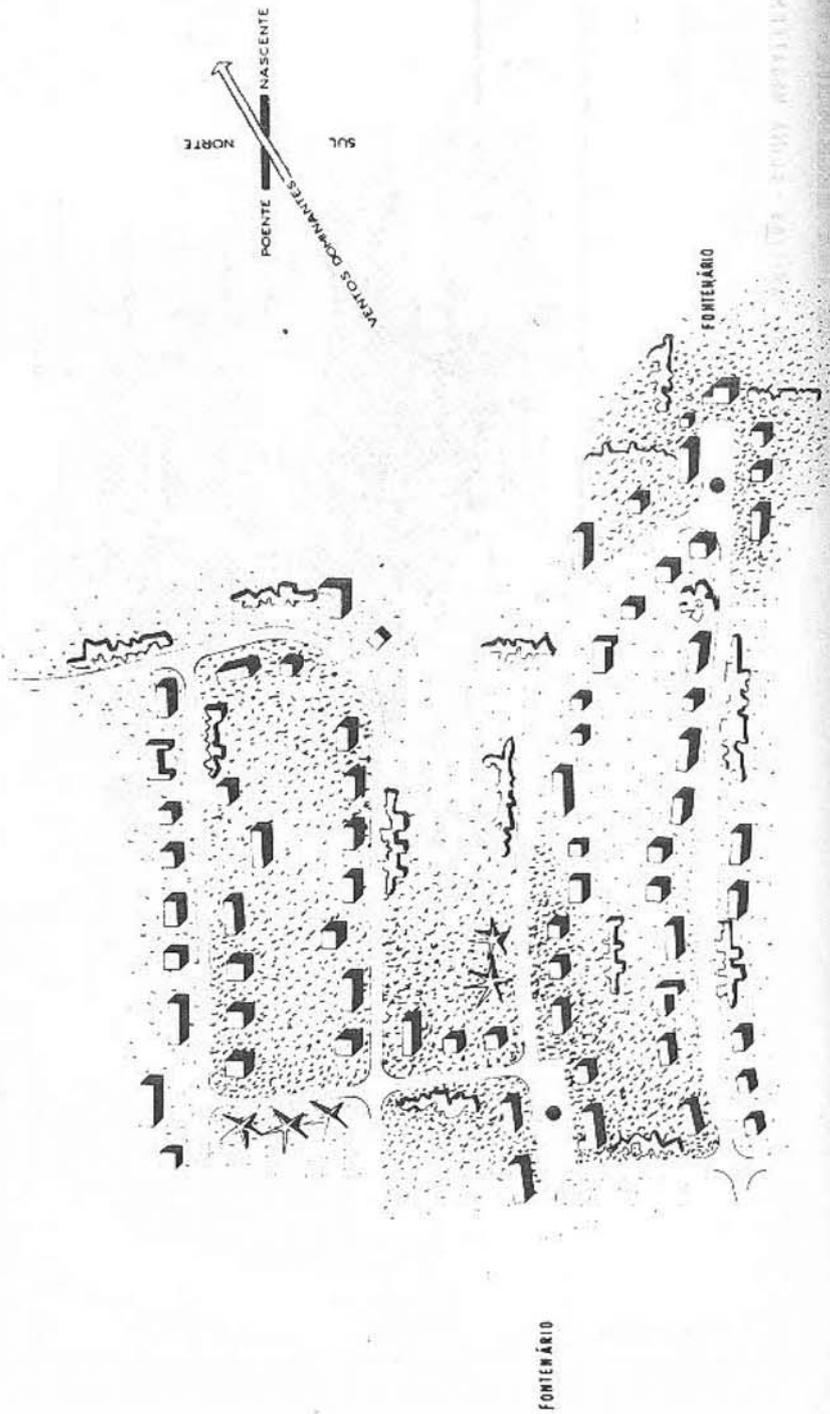
1 ZONAS RESIDENCIAIS - 2 ESPAÇOS LIVRES - 3 "CENTRO" (ORGÃOS DE APOIO À VIDA COMUNITÁRIA) - 4 MERCADO - ARTESANATO

**ESQUEMA DE UMA REDE DOURIA - TIPO D**  
**POPULAÇÃO: 400 FAMÍLIAS - CLIMA MEGATÉRMICO**



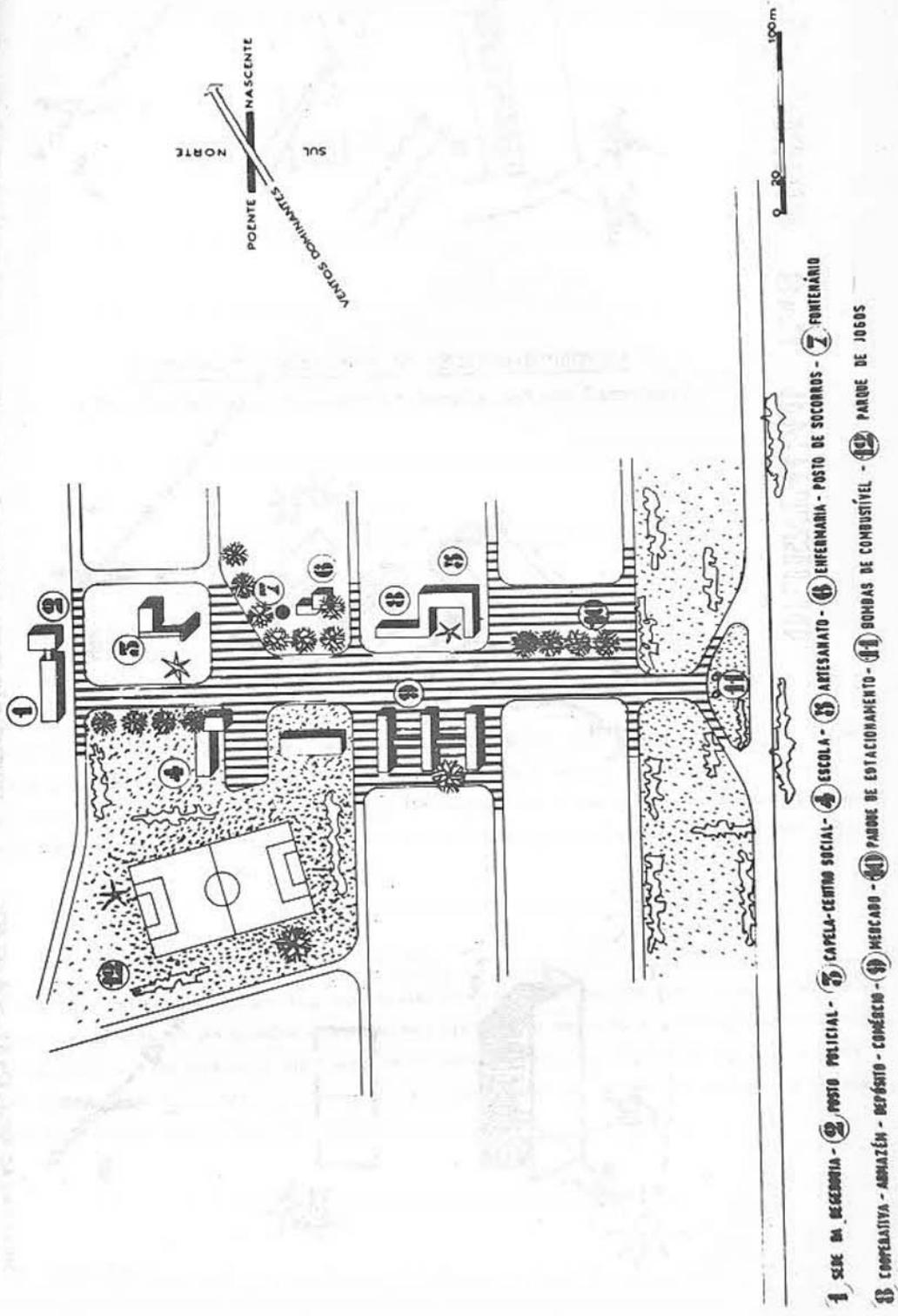
- 314 -

ESQUEMA DO PLANO DE MASSAS  
DA ZONA HABITACIONAL.



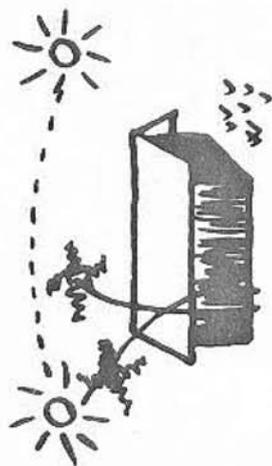
Nº 10003

ESQUEMA DO "CENTRO"

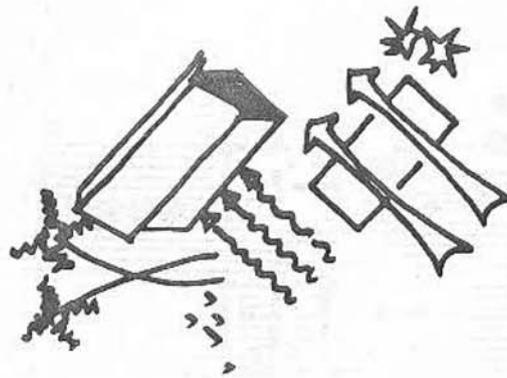


Nº. 10 003

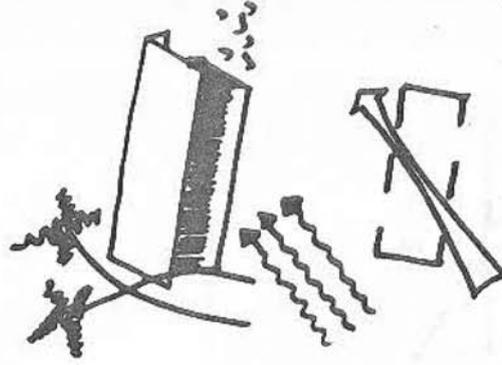
# ORIENTAÇÃO DAS EDIFICAÇÕES



ORIENTAÇÃO IDEAL EM RELAÇÃO AO SOL



ORIENTAÇÃO IDEAL EM RELAÇÃO AOS VENTOS



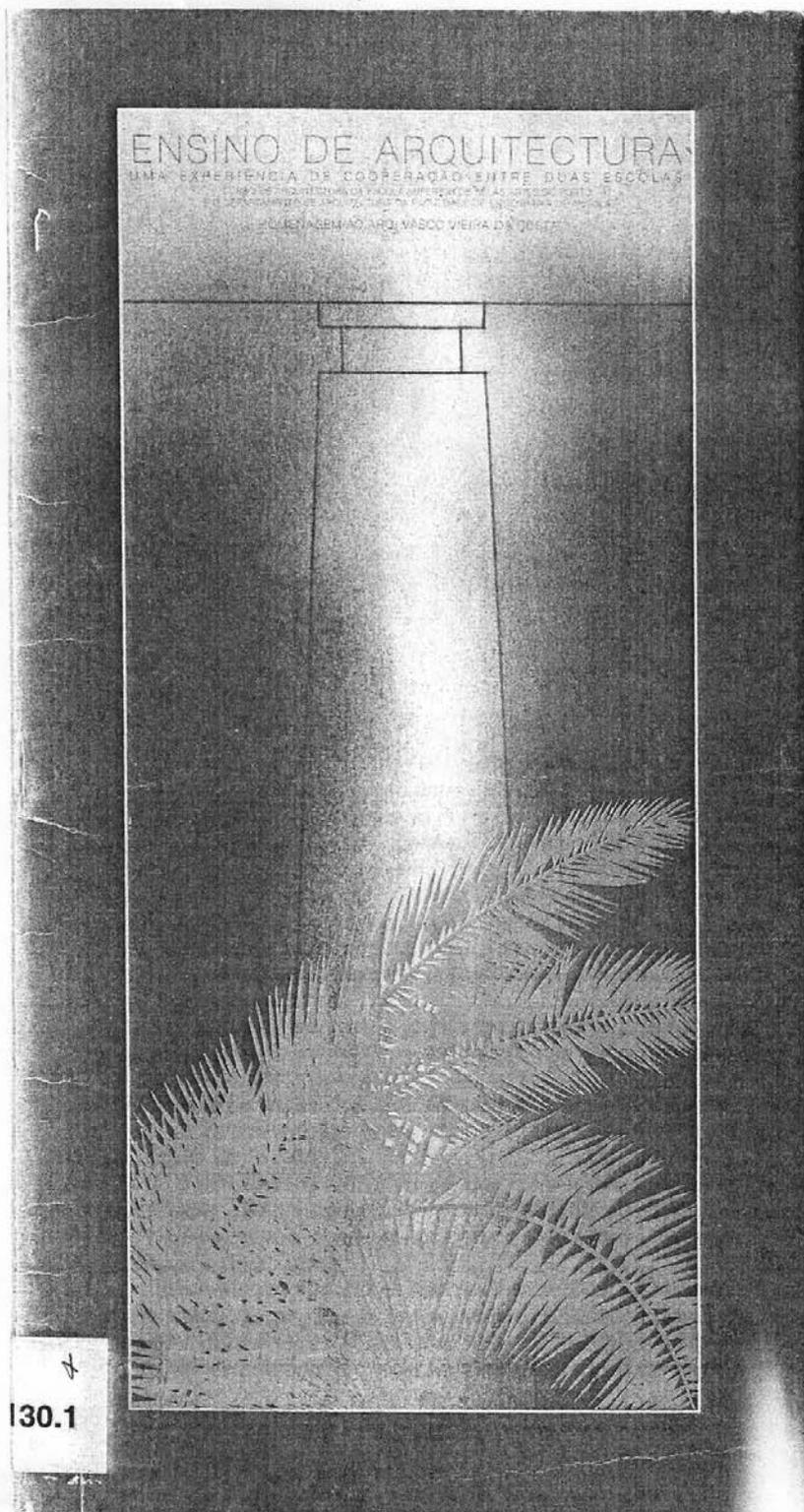
SOLUÇÃO DE COMPROMISSO





**“Uma Experiência de Cooperação  
Entre Duas Escolas: Porto e Luanda”**

**ESBAP, 1984**



## UMA EXPERIÊNCIA DE COOPERAÇÃO ENTRE DUAS ESCOLAS PORTO E LUANDA

*As relações de cooperação entre o Curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes do Porto e o Departamento de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola iniciam-se em 1979 quando em Setembro / Outubro desse ano se realiza em Luanda um "Encontro" destinado ao lançamento das bases do Curso de Arquitectura, até então inexistente em Angola. Para esse encontro deslocam-se a Luanda, por convite expresso da reitoria da respectiva universidade, dois docentes do Curso de Arquitectura da ESBAP.*

*Nos trabalhos participam, para além de muitos interessados angolanos, alguns convidados estrangeiros que, em conjunto, levam a cabo a tarefa de concretizar em curriculum e programas o arranque do curso, em cuja filosofia e estrutura acaba por ficar especialmente assinalada a experiência pedagógica do Curso de Arquitectura da ESBAP.*

*Iniciava-se, desta forma, um período de relações especiais de cooperação que até hoje e embora sobre dificuldades muitas vezes inultrapassáveis, conheceu momentos e situações de elevado interesse e significado.*

*Para além das relações de carácter institucional, desenvolveram-se, ainda, intensas relações de carácter pessoal que terão de considerar-se condição fundamental para o bom encaminhamento do intercâmbio ao nível oficial. Assim, a par de múltiplas visitas*

*e encontros entre responsáveis, docentes e estudantes, troca de documentação e material diverso, que em muitos casos incluíram mútua participação em actos e acções do quotidiano escolar, é possível resumir da seguinte forma os acontecimentos mais significativos que, em termos institucionais tiveram lugar até hoje:*

- *SET. /OUT. 79 — Encontro sobre O Ensino da Arquitectura. 1.º Seminário para lançamento do Curso de Arquitectura da Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola. (Quatro convidados estrangeiros, entre os quais os docentes da ESBAP Arq.ºs Alexandre Alves Costa e Manuel Correia Fernandes). Redigem-se curricula e programas.*
- *JUN. 80 A SET. 81 — Arq.º Luísa Brandão, docente da ESBAP, exerce funções no Departamento de Arquitectura da FEUA.*
- *JUN. 80 A SET. 81 — Arq.º José Valverde Miranda, docente da ESBAP, exerce funções no Departamento de Arquitectura da FEUA.*
- *MAIO 80 A SET. 81 — Arq.º José Manuel Soares, por proposta da ESBAP, exerce funções no Departamento de Arquitectura da FEUA.*
- *SET. /OUT. 80 — Arq.º Alexandre Alves Costa, docente da ESBAP, desenvolve, em Luanda, actividade de apoio pedagógico ao Departamento de Arquitectura da FEUA.*
- *FEV. 81 — Visita à Universidade do Porto e ESBAP de uma delegação constituída por Directores de Faculdades da UA. É assinado um acordo de cooperação com a Universidade do Porto, onde fica incluído o Curso de Arquitectura da ESBAP.*
- *ABRIL 81 — Arq.º Sérgio Fernandez, docente da ESBAP, desloca-se a Luanda, onde participa na actividade pedagógica do Departamento de Arquitectura da FEUA.*
- *JUNHO 81 — Deslocação a Luanda dos Arq.ºs Alexandre Alves Costa e Manuel Correia Fernandes, docentes da ESBAP, para participar no 2.º Seminário sobre o Ensino de Arquitectura. Balanço da actividade pedagógica desenvolvida desde o início do Curso.*
- *SET. 81 — Envio, ao Departamento de Arquitectura da FEUA, de proposta programática.*
- *OUT. 81 A SET. 82 — Arq.º Henrique de Carvalho, docente da ESBAP, exerce funções no Departamento de Arquitectura da FEUA.*
  - *Arq.ª Maria Manuel Lobo Pinto de Oliveira, por proposta da ESBAP, exerce funções docentes no Departamento de Arquitectura da FEUA.*
  - *Arq.º Rui Manuel de Lima Pinto, por proposta da ESBAP,*

*exerce funções docentes no Departamento de Arquitectura da FEUA.*

- NOV. 82 — *Deslocação ao Porto de uma delegação da UA constituída pelo respectivo Reitor e por Directores de Faculdades. Sessão de trabalho com os Órgãos de Gestão do Curso de Arquitectura da ESBAP, onde é apresentado um documento com proposta de cooperação.*

*Passados cerca de quatro anos sobre o início destas frutuosas relações e dada a importância que assumiram para a Escola, entenderam os Órgãos de Gestão do Curso de Arquitectura da ESBAP fazer um balanço público de tal experiência, no sentido de reforçar os laços que unem as duas instituições.*

*O conjunto de actividades programadas teve possível concretização porque se contou, antes de mais, com o empenhamento do Embaixador Gaspar da Silva, Secretário de Estado da Cooperação, e com a colaboração do Reitor da Universidade de Angola e do Director da Faculdade de Engenharia da UA, não só na cedência do material indispensável para a exposição que se leva a efeito, como no apoio para a deslocação ao Porto, a convite da Escola, de uma delegação do Departamento de Arquitectura da FEUA.*

*Na presente exposição tem lugar significativo a presença da figura de Vasco Vieira da Costa, arquitecto angolano formado no Porto, impulsionador e responsável do Curso de Arquitectura em Angola, que tomou as primeiras iniciativas nos contactos entre as duas escolas, cujas relações, ainda durante a sua vida, ganharam a dimensão de que se pretende dar aqui sinal. É a sua situação singular neste processo que o qualifica como símbolo maior da amizade e cooperação entre os dois cursos e, por isso, a também sua Escola lhe presta aqui justa homenagem.*

*Aos alunos de arquitectura angolanos, actores e autores desta exposição, o Curso de Arquitectura da ESBAP fica a dever, não só a forma aberta e amigável com que receberam os seus docentes, mas sobretudo a compensação que estes retiraram do seu trabalho, pela qualidade dos resultados obtidos. Com a "Sagrada Esperança" de Agostinho Neto, apetece dizer que os futuros arquitectos de Angola com as suas mãos irão colocar pedras nos alicerces do mundo e por isso merecem o seu pedaço de pão.*

*Desejaria o Curso de Arquitectura da ESBAP que resultasse claro desta iniciativa que todas as suas propostas assentaram num princípio que se considera fundamental e que a diferentes níveis e em diferentes ocasiões se tem afirmado inequivocamente: os problemas de Angola tem de ser tratados e resolvidos pelos próprios angolanos e toda a cooperação deve contribuir para que esse objectivo se concretize. O Curso de Arquitectura de Angola deverá ser e é obra dos próprios angolanos não cabendo a Portugal ou ao Curso de Arquitectura da ESBAP substituir-se-lhes. Será, no entanto, correcto acreditar-se que a Portugal e à Escola do*

*Porto poderá caber um papel relevante na resolução deste problema de assinalável importância para a RPA e para a sua Universidade.*

*Por se acreditar que ainda é tempo de agir no sentido do aprofundamento da solidariedade realmente desejada pelos nossos povos, o Curso de Arquitectura da ESBAP torna público o esforço que até agora desenvolveu nesse sentido e dentro do seu âmbito, para se afirmar decidido a continuá-lo.*

Janeiro de 1984

O Conselho Directivo do Curso de Arquitectura da ESBAP

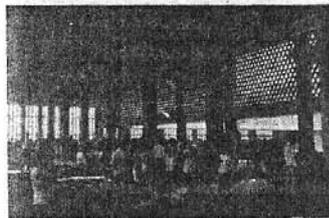
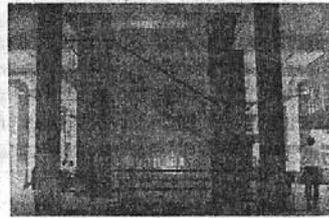
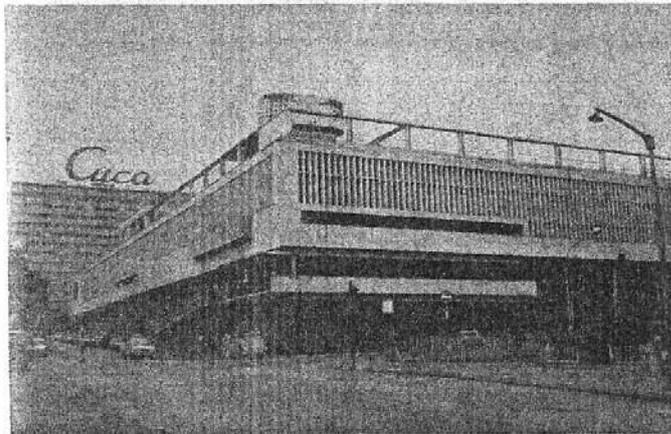
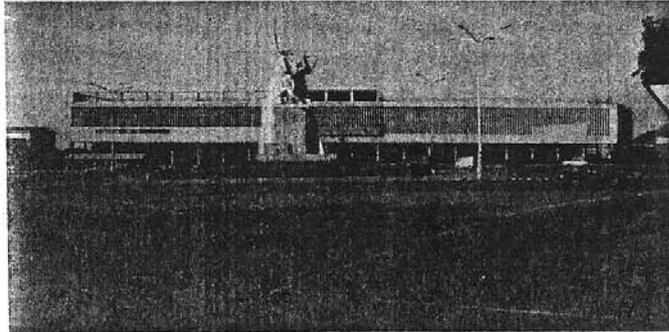
VASCO VIEIRA DA COSTA  
ARQUITECTO ANGOLANO

(1911 - 1982)

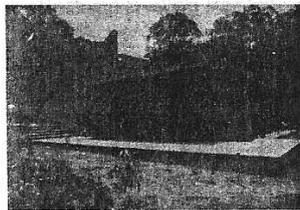
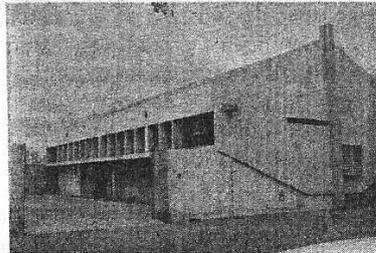
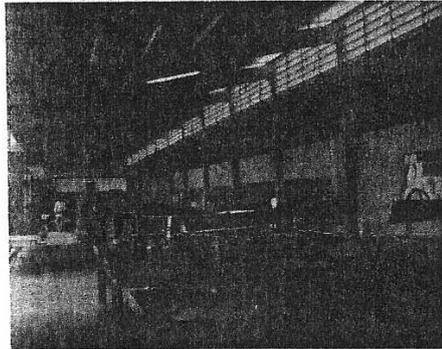
Vasco Vieira da Costa figura nesta exposição como sinal da justa homenagem que as Escolas de Arquitectura do Porto e de Luanda lhe querem prestar. Na nossa memória, no colectivo que somos, deixou Vieira da Costa, recentemente desaparecido, a imagem do companheiro e do homem de ofício cuja obra se ergue, hoje, como património inestimável da arquitectura do nosso tempo.

Vindo de Angola, estuda no Porto entre 1940 e 1945 e trabalha com Le Corbusier, em Paris, entre 1945 e 1948. Após brilhante currículo escolar apresenta, em 1949, na Escola do Porto o trabalho com que finaliza o curso — “Cidade Satélite n.º 3” — em que, pela primeira vez e naquelas circunstâncias, é versado um tema de urbanismo. É este trabalho que, também agora, o curso de Arquitectura da ESBAP dá a conhecer, publicando o que considera um documento relevante para a compreensão das questões do urbanismo e da arquitectura na década de 40.

Regressado a Angola em 1950, aí inicia uma carreira profissional brilhante, em silêncio e quase no esquecimento, e que só a independência da RPA em 1975 vai interromper para se dedicar



•MERCADO QUINAXIDE - LUANDA  
" " "



● CASA INGLESA - RESIDÊNCIA - LUANDA  
●● LABORATÓRIOS DE ENGENHARIA DE ANGOLA - LUANDA  
●● " " " " " "  
●● " " " " " "  
●●● INSTALAÇÕES DESPORTIVAS DA FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA

por inteiro e apaixonadamente à formação da Escola de Arquitectura de Luanda de que virá a ser o primeiro responsável. É nesta qualidade que, após mais de trinta anos de afastamento de Portugal, regressa ao Porto para obter a cooperação necessária à dura tarefa que, sonho antigo, aceitara levar a bom termo. Entre todos acaba por deixar fortes amizades pessoais e o exemplo de raras qualidades humanas e profissionais.

Toda a sua obra está em Angola. Apenas e sumariamente inventariada não existe recolhida e disponível a documentação que permita o seu estudo. As referências presentes nesta exposição e neste catálogo são, contudo, elucidativas da qualidade que imprimiu à generalidade dos seus trabalhos. Arquitecto do movimento moderno é certamente um dos mais brilhantes cultores da sua versão tropical. Fortemente impressionado por Le Corbusier com quem trabalha entre 1945 e 1948 (bloco de Marselha, Planta para St. Dié, etc.) ser-lhe-á sempre criativamente fiel. Obra de rigor e autenticidade, inultrapassável aguarda que pela sua divulgação e estudo se constitua no património que a disciplina não pode nem deve perder. Que esta exposição e a publicação da sua "Cidade Satélite n.º 3" sejam, para isso, o ponto de partida e o alerta necessário para além de, para nós, de Luanda e do Porto, a recordação saudosa dum amigo.

# ENSINO DE ARQUITECTURA

## DOMÍNIOS PEDAGÓGICOS DE COOPERAÇÃO E CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROGRAMAS DAS CADEIRAS LECCIONADAS POR DOCENTES E ARQUITECTOS LIGADOS À ESBAP

A actividade dos docentes portugueses da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, ou de arquitectos nela formados e por ela indicados para o exercício de docência na Faculdade de Engenharia da Universidade de Angola, circunscreveu-se a um conjunto restrito de Cadeiras; Iniciação à Arquitectura e Construção II — 1.º ano / 2.º semestre —, Arquitectura e Desenho I — 2.º ano / 3.º semestre —, Construção e Ambiente I — 2.º ano / 3.º semestre —, Arquitectura e Desenho II — 2.º ano / 4.º semestre — e Arquitectura e Urbanismo — 3.º ano / 5.º semestre.

Não obstante existir um programa geral do curso, que professores da Escola do Porto ajudaram a construir, os docentes destacados para Angola ensaiaram caminhos de experiência ao sabor das possibilidades que o processo pedagógico abria em cada momento e no início de cada novo semestre. Assim, mais importante que discorrer sobre o programa geral do curso de Luanda, é assinalar os termos reais da condução pedagógica em cada disciplina.

Para além disto importa assinalar que não é fácil compreender outro continente e, à partida, traçar uma conduta pedagógica em sintonia com as necessidades de outra cultura. Só tardiamente, já no termo da nossa estadia, surgem com alguma nitidez os contornos daquilo que se deveria ter ensinado e por que métodos. O conjunto das experiências aqui apresentadas poderá reflectir esta condição dos docentes portugueses. Mas, tanto resultados práticos como programas deixaram, apesar de tudo, pressentir, da parte dos docentes, a tentativa de ultrapassar os seus próprios horizontes culturais para se colocarem no terreno da cultura e dos problemas africanos.

ARQUITECTURA E DESENHO I — 2º ANO  
— 3º SEMESTRE — 1980. SOB RESPONSABILIDADE  
DOS ARQUITECTOS JOSÉ MANUEL SOARES  
E LUÍSA BRANDÃO

Os trabalhos desta disciplina correspondem a um período de aprendizagem que, no contexto curricular do Curso, se poderá sumariamente caracterizar:

- pelo lançamento de trabalho de projecto com forte aproximação à globalidade dos condicionamentos que a realidade política e económica da República Popular de Angola impõem — tipo de abordagem muito insipiente nos semestres anteriores;
- por pressupor uma intensa relação da proposta com o sítio, critério que por razões de conjuntura pedagógica está quase ausente da formação anterior, e por consciencializar assim, o estudante de que a intervenção do arquitecto não pode constituir um acto distante do contexto físico que deverá informar as suas propostas;
- por considerar que o processo projectual não deve ser analítico e linear — partindo da informação para a "forma" — mas que pelo contrário deve envolver, desde o primeiro contacto com o tema, uma proposta de "forma", um exercício imediato de síntese compreensiva das primeiras questões que ele levanta na consciência do estudante.

No campo dos objectivos pedagógicos poder-se-á dizer que este semestre se apresenta como uma iniciação à metodologia do projecto, já que nos dois anteriores a condução pedagógica foi dirigida para a aquisição de instrumentos básicos tidos como previamente indispensáveis (análise de ambiente urbano, desenho técnico etc.). O trabalho desenvolve-se através de exercícios despidos, deliberadamente e num sentido simplificador, de algumas "dimensões" importantes do projecto.

De resto, houve a preocupação de relacionar a temática do projecto com o conteúdo das restantes disciplinas do semestre, favorecendo o pensamento e a prática interdisciplinares.

O exercício de projecto refere-se a um espaço urbano real, em tecido estabilizado, motivador do ponto de vista histórico e morfológico, e de considerável vitalidade (condensando as actividades industrial, comercial e de serviços, a par de habitação).

Num vazio do tecido deveria inserir-se uma pequena unidade de indústria (confeccões) de programa e exigências de funcionamento simples, de molde a não dispersar a atenção do estudante para preocupações que se não deveriam tornar dominantes. Deste modo foi permitida uma rápida formalização do problema nos termos pedagógicos acima enunciados.

Do ponto de vista da relação do exercício de arquitectura com a problemática social angolana cabe referir que o tema se adequa à necessidade de alertar o estudante para a importância do tratamento de questões de ordem social, nomeadamente as do "conforto do local de trabalho", ausentes das preocupações da arquitectura da época colonial.

ARQUITECTURA E DESENHO I — 2.º ANO  
 — 3.º SEMESTRE DE 81/82.  
 SOB RESPONSABILIDADE  
 DO ARQ.º HENRIQUE DE CARVALHO

O programa e exercícios propostos para esta cadeira foram concebidos e levados à prática em circunstâncias de adaptação dos docentes que leccionavam pela primeira vez na República Popular de Angola. Talvez por este motivo o trabalho tivesse constituído experiência pouco rica. Por razões de excepção, a dimensão do período escolar foi substancialmente diminuída, facto que também não é alheio à qualidade da experiência.

O exercício a realizar constituiu, para os estudantes, o primeiro trabalho de projecto.

A escolha do tema "O Local de Trabalho", tem, na orientação geral do curso, o objectivo de levar os estudantes a uma reflexão sobre o Trabalho e Política Social, bem como permitir um exercício paralelo de pesquisa, em conjugação com os temas tratados na cadeira de História — "Os Lugares de Trabalho e a sua Relação com a Cidade; correspondência entre o Modo de Produção e as manifestações espaciais do habitat".

CONSTRUÇÃO E AMBIENTE — 2.º ANO  
 — 3.º SEMESTRE — 1981. SOB RESPONSABILIDADE  
 DA ARQ.ª MARIA MANUEL LOBO PINTO DE OLIVEIRA

Não obstante a cadeira de importância nuclear do 1.º ano receber a designação de Iniciação à Arquitectura e Construção, só no 2.º ano (terceiro e quarto semestres) se proporciona a abordagem sistemática desta disciplina.

Por oposição aos programas clássicos que abordam, numa situação propedéutica, um após outro, os temas técnicos susceptíveis de tratamento independente — reduzindo o conceito da disciplina a mero somatório de conhecimentos e propondo um quadro fragmentário da aprendizagem da Arquitectura por desvinculação dos primeiros exercícios de projecto — o programa proposto pelos docentes da Escola Superior de Belas-Artes do Porto contrapõe, para o conjunto do segundo ano, um quadro pedagógico melhor adaptado a essa situação escolar, dotando o estudante de uma filosofia da construção e pondo de lado, tempora-

riamente, conhecimentos aprofundados no domínio das tecnologias construtivas. O quadro proposto dirige o estudante para o conhecimento da "sistemática da construção". Propõe, assim, a abordagem das duas grandes classes que sistemas construtivos (de esqueleto e massivos) — das suas limitações e possibilidades em termos físicos, das suas diferentes possibilidades expressivas no edifício de arquitectura, das condições históricas do seu aparecimento e evolução — através de exercícios práticos de investigação, sobre exemplos de arquitectura angolana, de tradição local ou não, e, seleccionados de acordo com as necessidades de exemplificação.

Esta concepção da disciplina, nesta fase do curso, afigura-se coerente com o nível de abordagem proposto para os exercícios de projecto, para os quais e logicamente, antes de qualquer iniciação ao detalhe construtivo ou ao aprofundamento de questões tecnológicas de âmbito especial, se exige a iniciação à concepção construtiva essencial.

A programação proposta para a disciplina insere-se numa perspectiva de curso que remete para os restantes semestres as abordagens técnicas parcelares, sucessivamente mais aprofundadas, que obviamente se consideram indispensáveis.

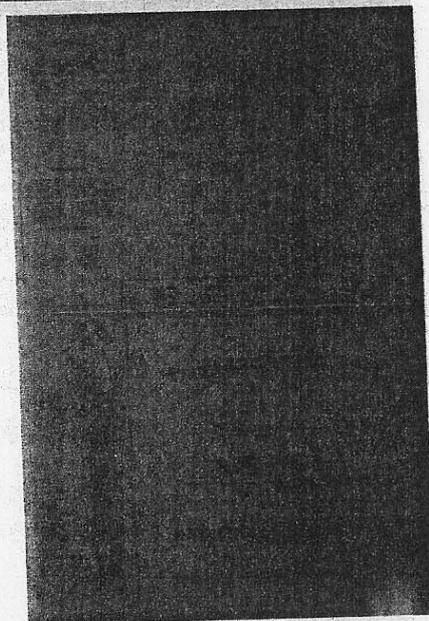
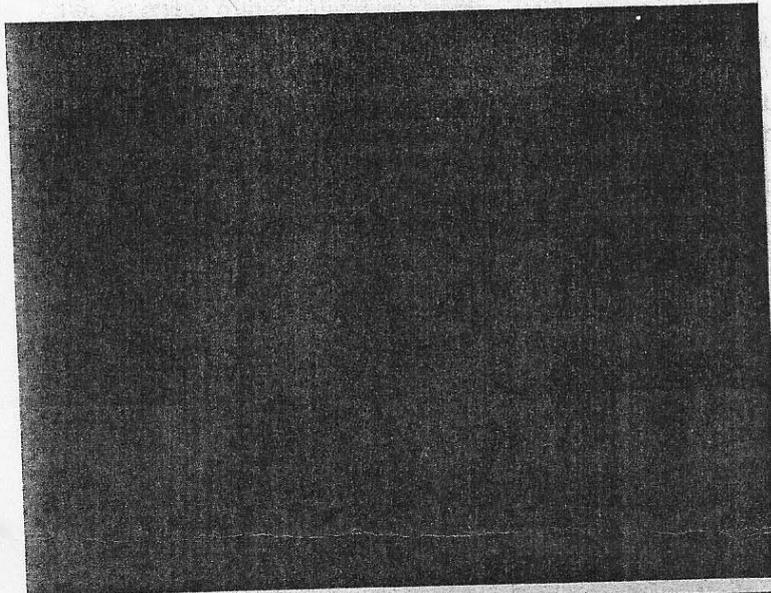
O trabalho exposto refere-se a exercícios que têm como suporte de análise, edifícios considerados representativos das diferentes tecnologias construtivas dos materiais empregues em Luanda (adobe, bordão, ferro e betão).

O processo analítico obedece a uma grelha do seguinte teor:

- A — Análise estrutural, discernindo, do ponto de vista do sistema construtivo, o essencial do accidental. Observação da estrutura do edifício (dissimulada ou não) e seu reflexo na linguagem arquitectónica.  
Observação dos materiais de revestimento — propriedades, dimensões, texturas — e o seu papel na imagem da construção. Análise de "elementos construtivos" e respectivos detalhes.
- B — Apontamentos desenhados (a rigoroso ou à mão levantada) que tornem clara e explicitem a análise do edifício.
- C — Apontamentos escritos, que acompanhem os desenhos e que descrevam os sistemas construtivos tendo em vista uma análise comparativa.
- D — Execução de modelos reduzidos, abstratizantes, de interpretação dos sistemas estudados (material a definir no decurso do trabalho).
- E — Organização de um processo (individual ou de grupo) com vista a um contributo ao estudo da arquitectura angolana, no que respeita às tradições construtivas criadas ou assimiladas.

INICIAÇÃO À ARQUITECTURA E CONSTRUÇÃO  
— 1.º ANO — 2.º SEMESTRE — 1982.  
SOB RESPONSABILIDADE DA ARQ.<sup>a</sup> MARIA  
MANUEL LOBO PINTO DE OLIVEIRA

O programa estabelecido alterou, num intuito experimental, os objectivos pedagógicos previstos no programa geral do curso. Assim, antecipou de um semestre a abordagem do exercício de



projecto (prevista só para o 3.º semestre) considerando adquiridos os instrumentos básicos que lhe são indispensáveis, principalmente a capacidade de descrição do espaço idealizado, por qualquer dos meios familiares ao arquitecto.

Ficou definido como objectivo pedagógico essencial o desbloqueamento da criatividade do estudante e a desmistificação da pretensa impossibilidade de resolução de um exercício de projecto por ausência de domínio da dimensão construtiva.

O programa envolvia o estudo de um centro lúdico no termo de uma ampla alameda sobranceira à Baía de Luanda. A alameda foi também objecto de estudo paisagístico, envolvendo o arranjo de espaços de lazer, em que era permitido ao estudante estabelecer programas de intervenção.

O centro lúdico seria obrigatoriamente constituído por um espaço polivalente, coberto ou descoberto, destinado a cumprir as funções de reunião ampla, projecção de filmes, representação teatral, bailado e espectáculos musicais.

#### ARQUITECTURA E DESENHO — 2.º ANO — 4.º SEMESTRE 1982. SOB RESPONSABILIDADE DO ARQ.º HENRIQUE DE CARVALHO

O programa de trabalho estabelecido para este semestre ficou substancialmente transfigurado por razões extraescolares. O trabalho previsto envolvia o projecto de um sector de residências para campesinato africano agrupado na região da Foz do Rio Zaire, previligiando particularmente relações interdisciplinares com os campos das tecnologias aplicadas (entretanto tratadas na cadeira de construção) e da Antropologia (no âmbito da qual se procederia a um inquérito geográfico e etno-antropológico rigoroso).

A par disto, e estreitamente ligada à abordagem antropológica do problema de arquitectura, tratar-se-ia, em termos de claro reflexo no projecto, a temática "Arquitectura e identidade cultural".

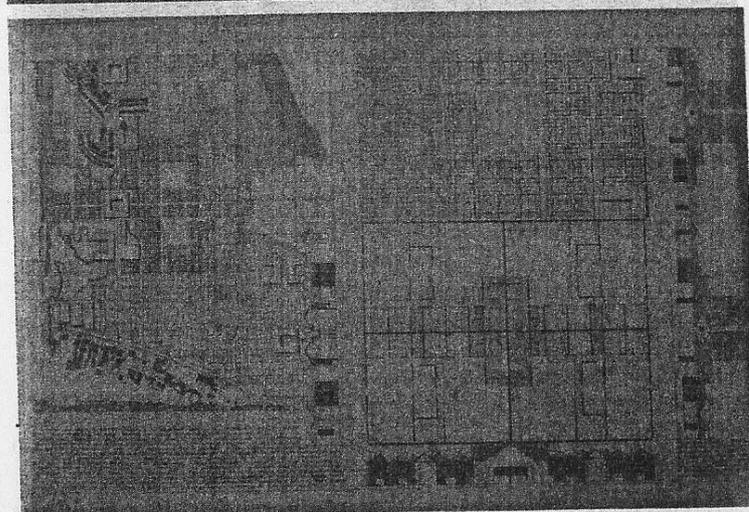
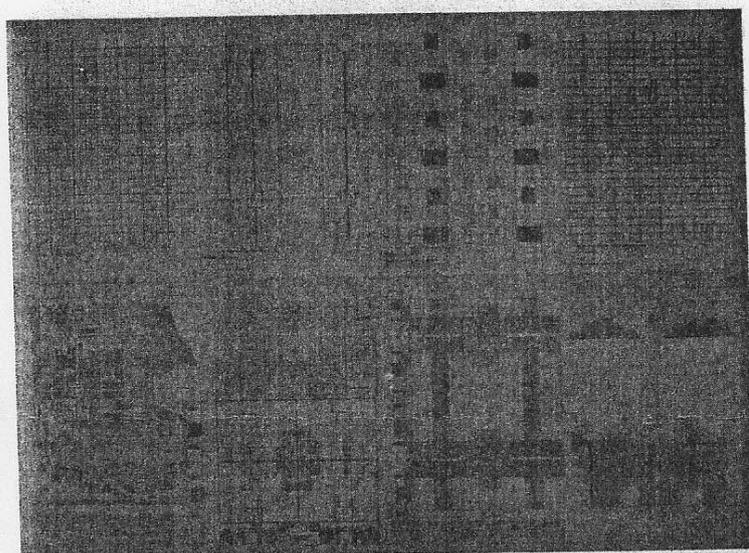
A escolha da Foz do Zaire prende-se com a necessidade de não contemplar somente a questão urbana e manter uma abordagem paralela da outra metade cultural — o "Campo".

Não tendo sido possível realizar esta experiência, tratou-se o tema "residência" através dos projectos de um abrigo ideal de uso temporário para técnicos no "mato" e de um conjunto de imóveis de habitação inseridos numa situação urbana típica — quatro espaços livres num cruzamento de ruas.

ARQUITECTURA E URBANISMO I — 3.º ANO  
— 5.º SEMESTRE — 1982. SOB RESPONSABILIDADE  
DO ARQ.º HENRIQUE DE CARVALHO COM  
ASSISTÊNCIA DA ARQ.ª MARIA MANUEL LOBO  
PINTO DE OLIVEIRA

O trabalho desta cadeira desenvolve-se em torno de um grande tema: "A cidade nova — proposta de matriz urbanística para frânjas da cidade de Luanda e projecto de uma unidade urbanística ideal de residência".

Os seguintes extractos do programa distribuído aos estudan-



pela unidade. A título de exemplo teríamos como essencial em matéria de equipamento: a loja do povo, instalações escolares, para serviços de saúde, para administração popular de bairro, para organismos políticos e para desporto e recreio, quando compatíveis pela sua escala de importância com a dimensão da unidade. Não deverá contudo o estudante ater-se somente a este núcleo base mas, ser criador também ao nível do programa.

A expressão arquitectónica e urbanística da solução para a "unidade-ideal" e dos próprios edifícios de habitação deverá ultrapassar os modelos comuns importados para África (retendo-se no entanto os seus aspectos positivos) para se tornarem permeáveis aos aspectos fundamentais da cultura africana.

Deverão ser definidos critérios de inserção da "habitação" na matriz se a solução encontrada não for rígida.

- 3.º — Propor uma habitação tipo com carácter "universal" relativamente à população negra de Luanda, não obstante a sua diversidade étnica. Os estudantes deverão, pelo conhecimento que tem dessa população, definir um programa da "habitação-tipo" partindo da concepção, ou de concepções, da casa do muceque. A solução de fogo deve ser evolutiva e passível de se levantar em regime de autoconstrução".

## HISTÓRIA DA ARQUITECTURA E DAS CIDADES (III, IV, V SEMESTRES) — 1981 E 1982 SOB RESPONSABILIDADE DO ARQ.º RUI MANUEL DE LIMA PINTO

A Cadeira de História da Arquitectura e das Cidades, estruturou-se, na organização vertical do curso de Arquitectura, ao longo dos 2.º, 3.º e 4.º anos, segundo 6 semestres lectivos. Antecede-a uma primeira abordagem, realizada no âmbito do 1.º ano na cadeira designada por História do Habitat (1.º e 2.º semestres), "introdutória e globalizante dos fenómenos da organização do espaço nas suas várias escalas, do espaço natural ao espaço construído, utilizando como referência visual o espaço Angolano e a cidade de Luanda".

Assim no 2.º ano curricular — ultrapassada que foi a fase rou-se fornecer, no âmbito da cadeira de que fomos responsáveis, um conjunto de referências consideradas indispensáveis e amplificadoras da capacidade dos alunos. Numa primeira fase da cadeira (III semestre) foi feita uma introdução às condições de formação, aprofunda a complexidade do exercício de projecto — preocupada relativamente à capacidade de interpretação dos fenómenos arquitectónicos e à prática projectual; e na medida em que na cadeira de Arquitectura e Desenho (III e IV semestres) se

raízes e desenvolvimento da cidade moderna que se intentou complementar numa segunda fase (IV semestre), com um percurso sistemático e historiográfico pelas experiências da arquitectura contemporânea. Num último semestre (V) e sob o título geral "os grandes sistemas de pensamento urbanístico e as novas metodologias de abordagem da arquitectura e das cidades" tentou-se fornecer elementos de apoio ao projecto desenvolvido no âmbito da Cadeira de Arquitectura e Urbanismo, na procura de alternativas para as novas formas de crescimento e estruturação das cidades.

ESBAP, Março de 1984

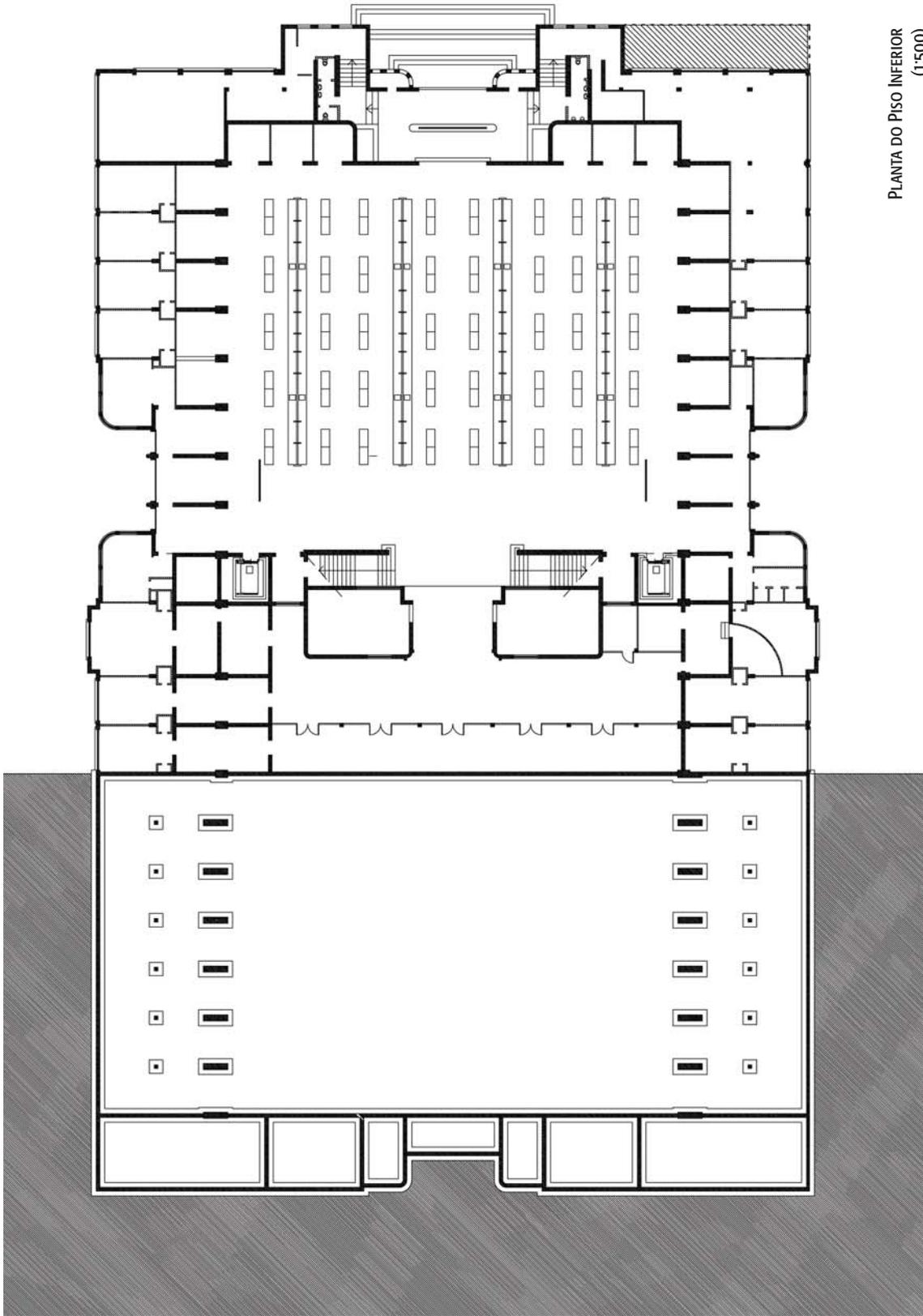
CURSO DE ARQUITECTURA  
ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES DO PORTO  
COM O PATROCÍNIO DA SECRETARIA DE ESTADO DA COOPERAÇÃO  
MARÇO DE 1984



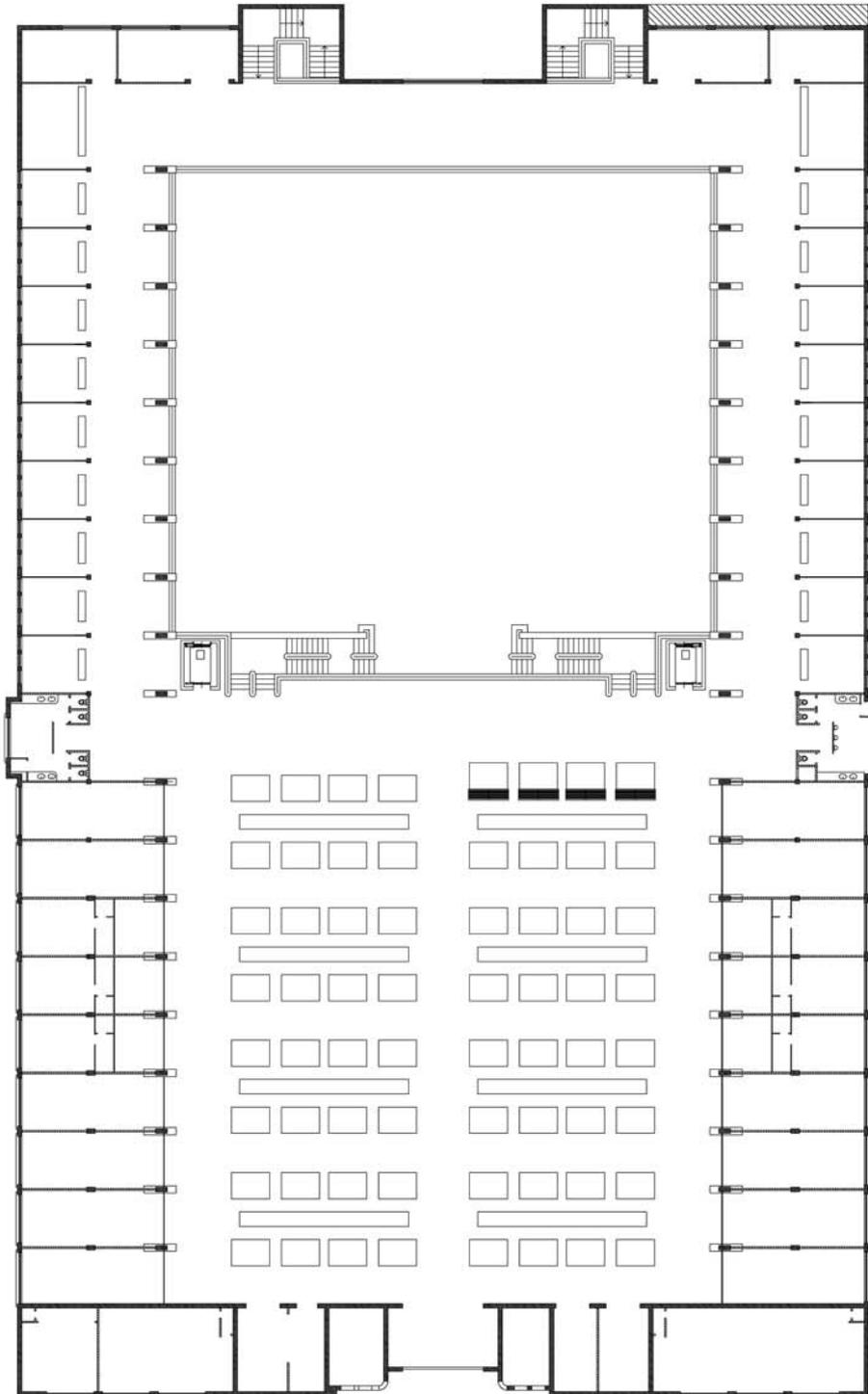
**Rigorous Mercado de Matosinhos**

**ARS - Architectos**

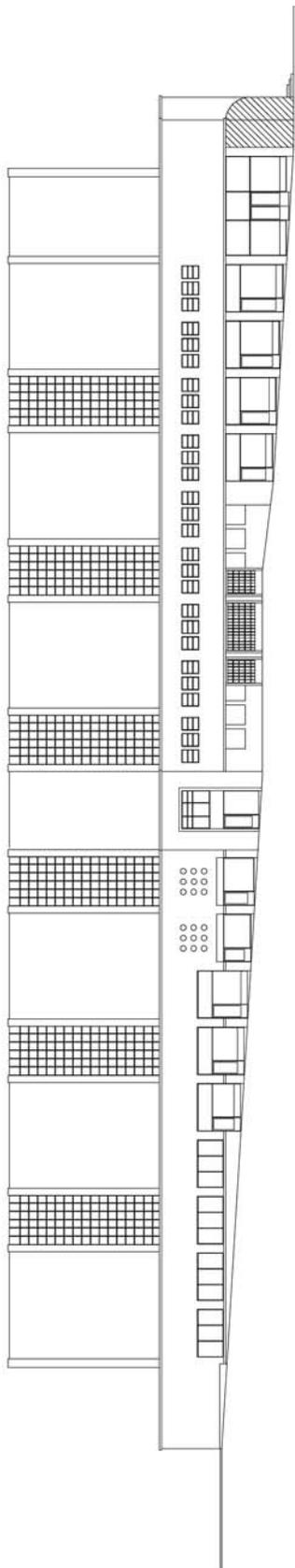
*Fonte: Câmara Municipal de Matosinhos*



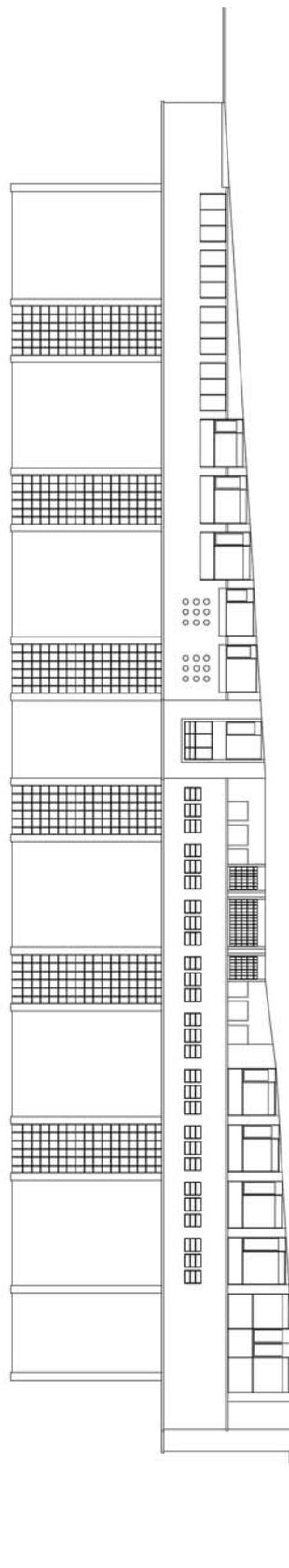
PLANTA DO PISO INFERIOR  
(1:500)



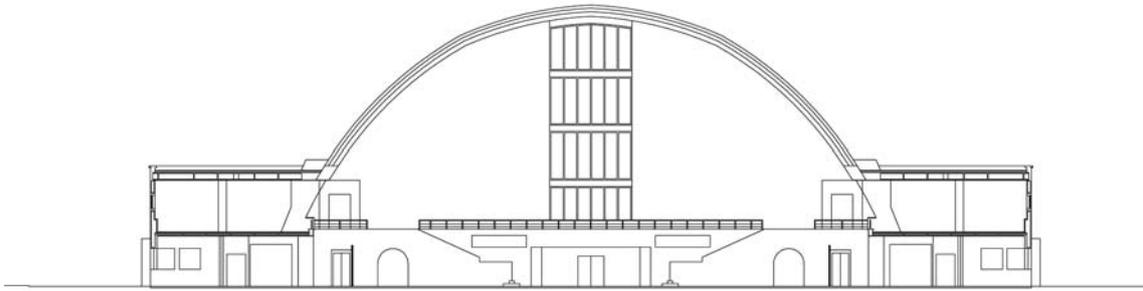
PLANTA DO PISO SUPERIOR  
(1:500)



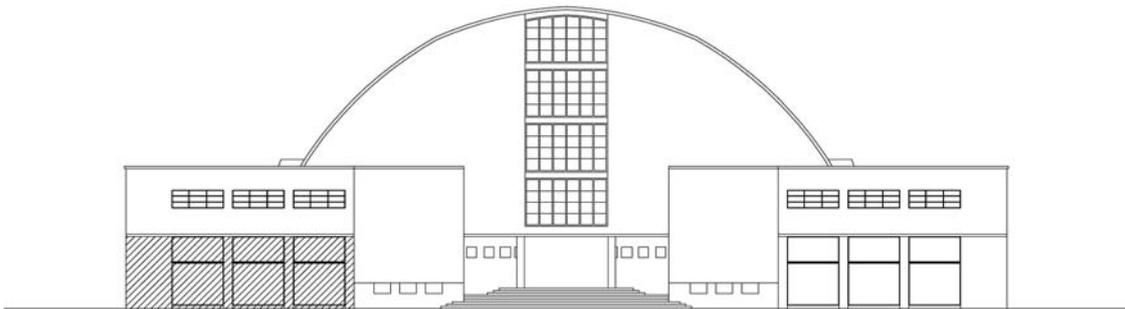
ALÇADO NASCENTE  
(1:500)



ALÇADO POENTE  
(1:500)



CORTE TRANSVERSAL  
(1:500)



ALÇADO NORTE  
(1:500)



ALÇADO SUL  
(1:500)



# Memória Descritiva do Mercado do Bom Sucesso

**ARS - Architectos**

*Fonte: Câmara Municipal do Porto*

H.B.S.

MERCADO DO BOM SUCESSO  
P R O J E C T O

MEMÓRIA DESCRITIVA

Entre os muitos e variados benefícios que o Porto fica a dever à actual Edilidade Camarária cabe aqui salientar o da remoção do velho e ineestético aglomerado de abarracamentos que durante longos anos se chamou Mercado do Anjo.

Necessidade por todos reconhecida mas tarefa difícil, que se opunham os mais desencontrados interesses sempre que alguém tentava lançar ombros ao empreendimento.

Com persistência digna do maior louvor conseguiu finalmente a Ex.ma Câmara vencer todos os obstáculos de modo a solucionar este já crónico problema.

A remoção do velho Mercado do Anjo, além de outras consideráveis vantagens de ordem urbanística, proporcionou a grande oportunidade de se desafogar o magnífico centro cultural e artístico da cidade, permitindo evidenciar os esplêndidos documentos arquitectónicos de várias épocas situados nesta zona.

O local foi assim extraordinariamente valorizado pelo enriquecimento de rasgadas perspectivas, adquirindo diversidade de aspectos, e permitindo realçar, como factor dominante, a maravilhosa expressão architectónica dessa joia do Barroco, que é a Igreja e Torre dos Clérigos, timbre inconfundível da cidade.

A resolução deste problema criou imediatamente a necessidade da construção dum novo Mercado que viesse preencher a lacuna deixada pela extinção do do Anjo.

Nesta conformidade determinou a Ex.<sup>ma</sup> Câmara que se procedesse ao seu estudo segundo os elementos do programa por ela elaborado, e no terreno para o efeito escolhido.

#### PROGRAMA

No estudo do projecto do Novo Mercado deverão ter-se em conta os seguintes elementos:

##### No interior

- a) Lugares de venda em lojas
- b) Lugares de venda em bancas
- c) Lugares de venda de terrado

11.9.

3

No exterior

Lojas para fins diversos

Os lugares interiores destinam-se à venda de produtos alimentares como:

- 1) Carnes verdes
- 2) Carnes secas e lacticínios
- 3) Peixes e mariscos
- 4) Criação e caça
- 5) Frutas verdes

ou produtos não alimentares como

- 1) plantas, flores etc.

Na elaboração do projecto definitivo deve ordenar-se a venda destes produtos por grupos e em sitios especiais tendo em atenção que os cuidados higiénicos variam com os produtos.

Dentro deste princípio achar-se-ia de toda a conveniência a criação duma zona especial para a venda de peixes e mariscos, com acessos e serventias independentes.

Embora se não possa contar um número certo de lugares das diferentes categorias apresenta-se como possível elemento de estudo o seguinte quadro obtido pelo movimento do extinto Mercado do Anjo:

M. S. S.

ARS  
ARQUITECTOS

4

NÚMERO E ESPÉCIE DE VENDEDORES DO ACTUAL  
MERCADO PROVISÓRIO DA CORDOARIA

## 1 - GERAL -

a) <u>de carreira</u>	Mínimo	Máximo
Hortaliça	119	220
Fruta	55	100
Flores	13	122
Feijão	8	16
Ovos	8	18
Aves	11	42
Diversos	20	26
	<u>234</u>	<u>532</u>

b) em lojas

Hortaliça e feijão	20	20
fruta	16	
ovos	1	1
batatas	33	33
flores	6	6
pão	24	
fressuras	29	
galinhas	9	
salsicharias	23	
talhos	15	
<i>Cantinas</i>	<i>2</i>	
<i>de lojas</i>	<i>2</i>	
	<u>175</u>	<u>60 = 119</u>
	<u>177</u>	

## 2 - PEIXE -

a) <u>de carreira</u>	Mínimo	Máximo
peixes e mariscos	20	130

b) em bancas

peixes e mariscos

70

O novo Mercado deverá conter ainda as seguintes dependências interiores:

- 1) Matadouro de aves e coelhos
- 2) Arrecadação geral
- 3) Arrecadação privativa dos Serviços (pequena)
- 4) Gabinete do chefe do Mercado
- 5) Sala dos fiscais (vestiário, lavabo e refeitória - 1 pequena mesa)
- 6) Sala dos varredores (vestiário, lavabo e refeitória)
- 7) Bilheteiras nas duas portas principais

O estudo obedecerá aos princípios que se seguem:

Fachadas tendo o caracter a que se destinam; ventilação fácil e permanente; coberturas que preservem as mercadorias dos grandes calores e dos frios excessivos, da chuva e do vento; boa iluminação; facilidade no trânsito interior e exterior; alimentação de água em abundância; máximo aproveitamento do edificio e boa distribuição de mercadorias por secções; facilidade na limpeza e no fornecimento de géneros.

Prever ainda:

Frigoríficos depósitos, elevadores, receptáculos

para géneros deteriorados, instalações eléctricas, "marquises" de protecção à descarga de mercadorias, etc.

O local escolhido para a implantação do Mercado é situado nos terrenos livres de construção marginando a Rua do Bom Sucesso, e considerando o seu futuro aproveitamento em função das duas vias representadas pela ligação da Rotunda à zona do Campo Alegre e pela correcção e alargamento da Rua de Agramonte.

À falta de um programa concreto de área, pavimentos e distribuição de serviços próprios, junta-se uma solução excluindo os traçados indicados para as citadas artérias, demonstrativa das possibilidades locais para os fins em vista.

Qualquer outra solução que venha a ser estudada terá o seguinte condicionamento, além do disposto pelos elementos do programa estabelecido pela 4ª. Direcção dos Serviços:

- 1) Os alinhamentos definidos no nosso estado para a Rua do Bom Sucesso.
- 2) A área ocupada pelo edifício do mercado e pelos acessos indispensáveis ao seu funcionamento deverão ficar incluídos na que a Ex. câmara pretende expropriar (marginada a azul na planta junta) ou em terrenos já da sua posse.

Ficará ao critério dos Arquitectos que tratarem este problema, o arranjo final do conjunto.

Chama-se a atenção para a conveniência de um acesso independente das vias com tráfego de atravessamento tal como vai exemplificado na planta topográfica.

Para finalizar, pretende-se que, atendendo à importância, localização e destino da obra, o edifício marque a sua época e o seu fim.

+ + +

## PLANO GERAL

Como se dizia na Memória Descritiva do ante-projecto surgiram consideráveis dificuldades em virtude de se não possuírem elementos certos para base de quaisquer cálculos sobre as áreas a atribuir ao Novo Mercado.

No interessante inquérito sobre matadouros e mercados do País, determinado por portaria de 7 de Maio de 1934 e publicado no Suplemento ao Diário do Governo nº. 127 de 1935, aponta-se como número a adotar para avaliação da área do mercado 1,22 por cada cinco habitantes.

Sendo a população do Porto constituída por 262.309 habitantes, segundo o censo de 1940, verifica-se que seriam precisos mais de 4 mercados iguais ao do actual Bolhão para que a cidade ficasse dotada de centros abastecedores em quantidade suficiente, de harmonia com aquele preceito.

Dispõe o Porto actualmente de 4 mercados Gerais: -o Bolhão, o provisório da Cordoaria ( ex-Anjo) que se pretende agora substituir, o da Foz do Douro e o da Ribeira.

Os dois últimos, porém, merecem da sua pequena importância nem sequer deveriam ser considerados para o efeito.

Um deles -o da Ribeira- só impròpriamente se poderá classificar de mercado, e o da Foz, pelas suas reduzidas dimensões e excentricidade apenas pode ser considerado como de recurso e portanto sem características de mercado central, cuja função é essencialmente a de regulador dos preços dos produtos.

Se compararmos o actual número de mercados de Lisboa com os do Porto em relação às respectivas populações teremos:

MERCADOS					
LISBOA	População	Generais	Peixe	Criação	TOTAL
LISBOA	694.389(a)	14	2	1	17
PORTO	262.309(b)	4	(c)	-	4

a) censo de 1944 publicado pelo INE

b) último censo, relativo a 1940

c) O único mercado de peixe independente que o Porto possuía passou a ser uma secção do mercado geral provisório da Cordoaria.

Isto é, para que o Porto estivesse servido semelhante-mente a Lisboa seria necessário que se construíssem pelo menos mais 3 mercados, além do agora projectado, o qual incluimos já na lista dos existentes por estar a funcionar, embora em instalação provisória.

Por outro lado a projectada deslocação deste último para o Bairro Ocidental e o número de freguesias que vai servir, cuja população é de 115.645 habitantes, indicar-nos-ia a necessidade dum mercado com área de 23.000 m<sup>2</sup> ou dois com superfície aproximada à do Bolhão.

Sabendo-se, porém, ser intenção da Ex.<sup>ma</sup> Câmara construir ainda outros dois mercados, embora mais pequenos, pareceu judicioso atribuir ao do Bom Sucesso uma área da ordem dos 10.000 metros quadrados, isto é, cerca do dobro do extinto Anjo, pelas seguintes razões:

- 1.<sup>ª</sup> - A área de 5.000 metros quadrados do extinto Mercado do Anjo, era insufficientíssima para o movimento diário, apesar da proximidade do Bolhão de certo modo contribuir para o seu descongestionamento.
- 2.<sup>ª</sup> - O novo mercado situando-se em pleno Bairro Ocidental da cidade vai servir uma zona bastante populosa que até aqui se abastecia ora no Anjo, ora no Bolhão.
- 3.<sup>ª</sup> - Ter de ser dotado dum ampla zona para venda de pescada e mariscos a fim de poder substituir o extinto mercado do peixe.

Por outro lado não se julgou aconselhável ultrapassar em muito aquela área porque:

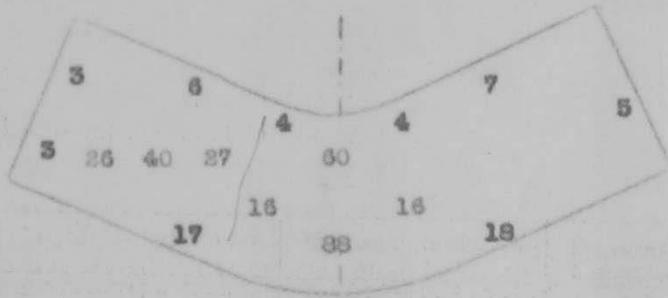
1º. - As condições económicas actuais, aconselham um certo comedimento nos limites máximos a dar aos novos mercados julgando-se preferível, para as grandes cidades, construir vários mais pequenos, como é já intenção da Ex.ma Câmara. Servir-se-á assim melhor a população permitindo ao mesmo tempo escalonar-se convenientemente o plano de realizações.

2º. - Os pequenos mercados secundários actuais, conquanto se reconheça funcionarem em precárias condições, ainda prestarão razoável auxílio para abastecimento dos habitantes, até que a Ex.ma Câmara possa executar integralmente o já estabelecido Plano dos Mercados.

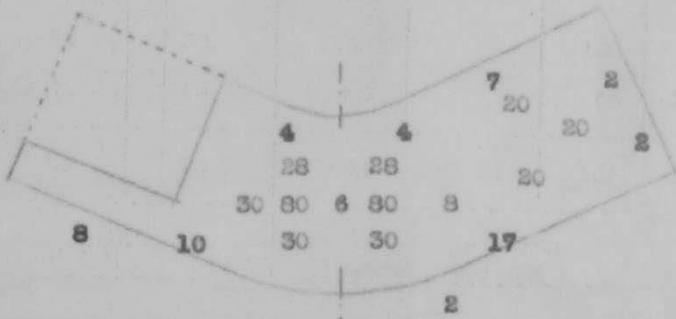
Adotada aquela área para o Novo mercado apresenta-se o plano da sua distribuição nos quadros que se seguem:

ESQUEMA DA DISTRIBUIÇÃO DOS LUGARES

3ª. PISO



2ª. PISO



1ª. PISO



LEGENDA:

- Lugares de Terrado
- Lojas Interiores
- Lojas Exteriores



Dadas as condições especiais de funcionamento dos mercados do Porto, antandeu-se aconselhavel produzir o maior número de lojas possível dentro do que o permitia a área adotada para o Mercado.

Se se comparar com os dois últimos mercados construidos - os mais modernos - e em condições semelhantes, vê-se que o número de lojas interiores, com áreas desde 12 m<sup>2</sup>. (mínimo) a 69 m<sup>2</sup>. (máximo), é o mais elevado como se verifica pelo seguinte mapa:

## MAPA COMPARATIVO DAS ÁREAS DAS LOJAS DOS VÁRIOS MERCADOS

Mercados	Áreas m <sup>2</sup> .	N <sup>o</sup> . de Lojas		Total	Lugares de venda com banca e de terrado
		Ext.	Int.		
Arcoios	4.340	-	28 (a)	28	270
Matosinhos	7.900	28 (b)	62 (c)	90	328
PORTO BOM-SUCESSO	10.000	16 (d)	132 (e)	148	760 653

(a) - Área média 25, m<sup>2</sup>  
(b) - Área média 24, m<sup>2</sup>  
(c) - Área média 15, m<sup>2</sup>

(d) - Área média 70, m<sup>2</sup>  
(e) - Ver o quadro seguinte  
do Resumo das áreas

## RESUMO DAS ÁREAS DAS LOJAS INTERIORES DO MERCADO DO BOM-SUCESSO

90 com a média de 18, m <sup>2</sup>
25 com a média de 24, m <sup>2</sup>
17 com a média de 42, m <sup>2</sup>
132

Isto é, o Mercado do Bom-Sucesso, tem cerca de 71% mais de lojas interiores que o de Matosinhos e 97% que o de Arcoios, em proporção com as suas áreas totais.

O Mercado foi disposto em 3 pavimentos, aproveitando o declive do terreno.

O primeiro pavimento, com acesso independente pela rua do lado Sul, destinar-se-ia exclusivamente ao peixe.

Os dois outros, mais desenvolvidos, seriam destinados a todos os restantes produtos.

Marginando todo o edifício pela frente dispuseram-se lojas independentes do mercado e abertas unicamente para o exterior. Os seus pavimentos acompanharão as inclinações da rua do Bon-Sucesso.

Embora, o Inquérito sobre matadouros e mercados atrás referido diga que não parece de recomendar a adoção de lojas para estabelecimentos comerciais no exterior do mercado e anexos ao edifício, a Ex.ma Câmara, entendeu que, por se tratar duma zona em que o comércio local é insignificante, seria conveniente prever-se a existência delas porque isso contribuiria para o desenvolvimento desse mesmo comércio além de contribuir uma fonte de receita para o Município.

Igual disposição e por semelhantes razões, foi já adoptada para os mercados de Aveiro, Funchal e Matozinhos.

As paredes de ligação das lojas, interiores ou exteriores serão construídas por forma a poderem juntar-se duas ou mais, consoante o desejo de quem as pretender em segun-

do a orgânica que a Ex.ma Câmara venha a estabelecer para o efeito.

Em cada uma das lojas exteriores, previram-se instalações sanitárias próprias e um entressolo para arrecadação ou escritório com acesso por uma pequena escada.

A venda de peixe, que constitue secções à parte dentro do próprio mercado, é, como se disse, feita em todo o 1.º pavimento contornado por lojas individuais abertas sòmente para o interior. Ao centro os lugares destinados à venda de peixe serão obrigatoriamente providos de bancas.

Nos lugares de venda do peixe adotaram-se dois sistemas que nos mercados modernos se estão a utilizar com grande vantagem.

- Lugares individuais com bancas de exposição dos productos providos de banca para amanho e lavagem dos mesmos com abastecimento de água privativa
- Lugares em que só existe a banca de exposição e uma banca de lavagem e amanho comuns, no centro da placa respectiva. Não se reservaram aqui placas para lugares de carreira por não serem de aconselhar.

No estudo especial do equipamento será este assunto tratado pormenorizadamente e assinalar-se-ão, os tipos e

qualidades de bancas, os tanques de água salgada para cada um dos lugares de venda e a canalização de água doce que permita mante-los sempre em perfeito estado de asseio.

No outros pavimentos, destinados aos restantes produtos, dispuseram-se em toda a volta lojas, e ao centro placas para lugares de terrado e para bancas, ou mesas.

No centro destas placas haverá bancas de lavagem, de serventia comum, com espaço de passagem para os vendedores.

Debaixo da parte do 3<sup>a</sup>. pavimento, do lado Norte, localizaram-se as arrecadações, matadouro de criação, instalações do frigorífico e venda de gelo.

O frigorífico ficou situado junto aos depósitos, na zona de serviço do 2<sup>a</sup>. piso, em condições de perfeito isolamento.

Previram se espaços reservados a câmaras frias, com capacidade para cerca de seis toneladas, o que permite ordenar a separação de produtos, isolando-se nomeadamente a carne e o peixe.

Destinaram-se ao frigorífico, propriamente dito, duas dependências, sendo na maior instaladas as máquinas frigoríficas (motor, compressor e condensador) e na menor o tanque gerador de gelo com evaporador, o qual ocupará uma area aproximada de 3,5x1,30 metros.

Esta instalação, a exemplo do que se usou para o Mercado de Matosinhos, foi calculada para a produção de 2.500 quilos por carga, podendo prever-se duas cargas diárias de 10 horas cada, com o que se obterá a produção de 5 toneladas por dia.

A localização do frigorífico permite a fácil expedição para o exterior, prevendo-se assim a sua exploração comercial com venda directa de gelo ao público.

As arrecadações são amplas e num dos lados -o oposto ao do frigorífico- instalaram-se os locais de matança para esola de criação e caça e ainda depositos para guarda de animais vivos.

O azeite e agrupamento por produtos foram objecto de estudo pormenorizado tendo em vista os seguintes elementos, como se pode verificar pela distribuição nas plantas.

- 1ª. - Talhos para venda de carnes verdes, de bovinos, ovinos, caprinos, suínos etc. Sub-produtos, secos, fumados ou preparados.
- 2ª. - Peixarias para venda de peixe fresco, salgado, seco, fumado ou preparado.
- 3ª. - Lojas para venda de criação e caça, ovos, etc.

4ª. - Lojas para venda de produtos hortícolas ou agrícolas, verdes, secos ou de conserva.

5ª. - Frutarias e lojas para venda de flores, lactínios, etc.

6ª. - Espaço para venda de produtos horto-agricolas per grosso.

## ACESSOS E COMUNICAÇÕES

Houve a preocupação de conseguir que a descarga de mercadorias se fizesse em local apropriado sem perturbação das vias normais de trânsito. Assim, determinaram-se apenas duas entradas para produtos; uma de pouca importância na rua do lado Sul, privativa do peixe, outra na fachada nascente, para todos os restantes produtos, provida de amplo abrigo para que os trabalhos de carga e descarga se façam a coberto.

Em frente desta entrada geral de produtos dispôs-se uma praça para serviço do mercado com ordenação de trânsito de viaturas e localizou-se o quiosque destinado à venda de bilhetes integrado no conjunto arquitectónico.

As outras duas entradas, a principal pela Rua do Bom Sucesso, abrigada por um vasto pórtico, e a do lado Norte, deverão ser normalmente apenas reservadas ao público.

Deste modo será mais fácil manter o asseio dos acessos do público e menos onerosa, para a Ex.ma Câmara, a fiscalização sobre o movimento de mercadorias.

As entradas da fachada nascente e do lado Sul não seriam interditas ao público, mas simplesmente as outras vedadas aos produtos, para as quais irá naturalmente a preferência do público mais limpo.

Os acessos aos três pisos far-se-ão do seguinte modo:

As entradas das fachadas Poente -principal- e Nascente abrem directamente para o 2º. piso -geral-.

Pela fachada Norte entra-se para o 3º. piso e a do Sul serve apenas o mercado do peixe.

Três amplas escadarias, racionalmente dispostas, estabelecem ligação entre os vários pavimentos.

Nas plantas vão indicadas as cotas exactas dos diferentes pisos em relação às vias circundantes.

## PORMENORES TÉCNICOS

Localizaram-se em pontos funcionalmente aconselháveis aproveitando-se para isso o sub-solo resultante do declive do terreno, diversos serviços do mercado como, de limpeza, arrecadações, lixos, frigoríficos, etc.

O Mercado é abrigado por uma cobertura <sup>com</sup> amplas aberturas de iluminação e ventilação natural, a poente e a Nascente.

Aconselha o Inquérito já citado e também o Douto Parecer do Conselho Superior de Obras Públicas quando se pronunciou sobre o Mercado de Matozinhos que estes estabelecimentos sejam totalmente abrigados.

Desse Parecer que contem valiosíssimos elementos de estudo, extraímos o seguinte passo que, por si só, basta para justificar o critério recomendado:

" parece a este Conselho que é de aprovar a solução adotada por atender à comodidade dos usuários, à protecção dos produtos alimentares, à duração da serventia diária do mercado de acordo com os hábitos locais e que atinge por vezes 12 horas e às condições de clima local -húmido, pluvioso e ventoso- confirmados pelo seguinte mapa: (a)

	Anos de				Número de dias	Percen- tagem	Observações
	1939	1940	1941	1942			
Número de dias de chuva	170	160	161	172	168	45,5%	
Número de dias de calma	9,3	17	18,3	15,3	14,97	4,1%	Velocidade média igual ou inferior a 1 km.
Humidade relativa-média	-	-	-	-	-	$\frac{80,4}{83,5}$	Observações feitas às 9 e 21 horas

(a) - Anais do Observatório Meteorológico do Infante D. Luis.  
Anos de 1939-40-41 e 42.

A cobertura do Mercado de forma racional e estudada de modo a obterem-se secções económicas com o mínimo de ferro será feita de cimento armado assente em pórticos.

Preferiu-se este género de cobertura às estruturas de ferro perfilado porque estas, além de serem mais caras, requerem constantes reparações de conservação e pintura.

A abóbada e os terraços que a rodeiam serão independentes, e seccionados por juntas de dilatação convenientemente distribuídas conforme indicado pelos cálculos respectivos.

Está previsto o isolamento térmico e impermeabilização da abóbada e terraços por meio duma combinação de betão celular e materiais hidrófugos, cuja descrição desenhada ou escrita fará parte dos pormenores e mapas de medições e orçamentos.

A iluminação e ventilação estão garantidas pelos amplos lanternins, armados com caixilhos de cimento "GRACIFER"

que correm pelos dois lados ao longo de toda a abóbada.

Apresentar-se-ão os cálculos justificativos da eficiente ventilação da atmosfera do mercado.

As paredes interiores serão revestidas por azulejo, e de mármore claro as prateleiras e balcões para exposição de géneros, afim de que tudo possa ser facilmente lavado e desinfectado.

Todo o recinto será provido de abundante abastecimento de água para que todo o mercado possa ser lavado diariamente à agulheta com água sob pressão.

As instalações sanitárias, em todos os pisos serão discretas, com perfeita separação de sexos, e providas de lavatórios e chuveiros.

O estudo das redes de esgotos e de abastecimento de águas, serão apresentados em projecto independente.

### O LOCAL

O edificio ocupa o terreno que pela dignissima Câmara lhe foi destinado próximo à Praça Mousinho de Albuquerque, e a forma do edificio em planta resultou do partido urbanístico adoptado pela Câmara.

As vias de acesso principais são as Ruas de Júlio Deniz e do Bom Sucesso ligadas entre-si por duas ruas secundárias a que chamamos Norte e Sul.

Estas são por seu turno ligadas uma à outra pela que corre ao longo da fachada nascente ao centro da qual há uma praça de serviço.

A fachada da frente confina com a importante Rua do Bom Sucesso ficando o pórtico da entrada principal no eixo duma praça formada pelo cruzamento de duas Ruas a do Bom Sucesso e a de Agramonte e seu prolongamento.

A Rua do Bom Sucesso estabelecerá ligação entre a Praça Mousinho de Albuquerque e a importante zona do Campo Alegre que a Ex.<sup>ma</sup> Câmara está actualmente a urbanizar.

## DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Por virtude de compromissos assumidos pela Ex.ma Câmara o prazo de que se dispõe para remover o actual mercado provisório da Cordoaria é demasiado estreito para se levar a cabo a construção que se projecta e dotá-la das condições necessárias ao seu funcionamento.

Em face disso os autores do projecto, procurando, tanto quanto possível, dar ao plano de trabalhos de construção um desenvolvimento que permita, de certo modo, atenuar aquele inconveniente, estudaram o modo de dar início às obras de forma a que as lojas exteriores e parte das interiores que rodeiam o mercado possam, num curto prazo, receber provisoriamente os vendedores, com serventia externa.

Como se verifica no traçado das plantas, a ocupação imediata dessas lojas nenhum prejuízo causará aos trabalhos de construção da parte abobadada, cujas obras poderão prosseguir no ritmo conveniente sem embaraços de maior.

## O PROBLEMA ESTÉTICO

Dentro do espírito do programa, importância do local e finalidade da obra, pretendeu-se dar ao edifício um aspecto condizente com o esforço que a sua construção representará para o Município.

Os efeitos estéticos não encarecem a obra quando são judiciosamente obtidos pelo estudo racional das plantas e dos elementos constructivos, em conjunto com os alçados e cortes, de forma a conseguirem-se volumes harmónicos e originais.

Proporção nas superfícies, harmonia de linhas e de cores, variedade de volumes sem perder de vista a natural sobriedade, são os recursos que arquitectura de hoje, valendo-se das possibilidades de certos materiais novos e relativamente económicos, contrapõe às custosas concepções dos estilos antigos, nestes edifícios de carácter acentuadamente utilitário.

Nas ombreiras dos portais e nos pontos mais sujeitos das fachadas dispuseram-se alguns elementos de granito bem como no envasamento do edifício que será, em toda a sua extensão revestido por um soco de cantaria a qual será independente das principais estruturas resistentes.

Neste sentido estamos certos de que, no nosso País o Novo Mercado do Bom Sucesso será, mercê da imponência sóbria do seu conjunto, uma manifestação actual de arquitectura e técnica sem prejuízo da cõr local que lhe será emprestada por certos elementos tradicionais adoptados na sua construção.

Porto, 18 de Dezembro de 1949

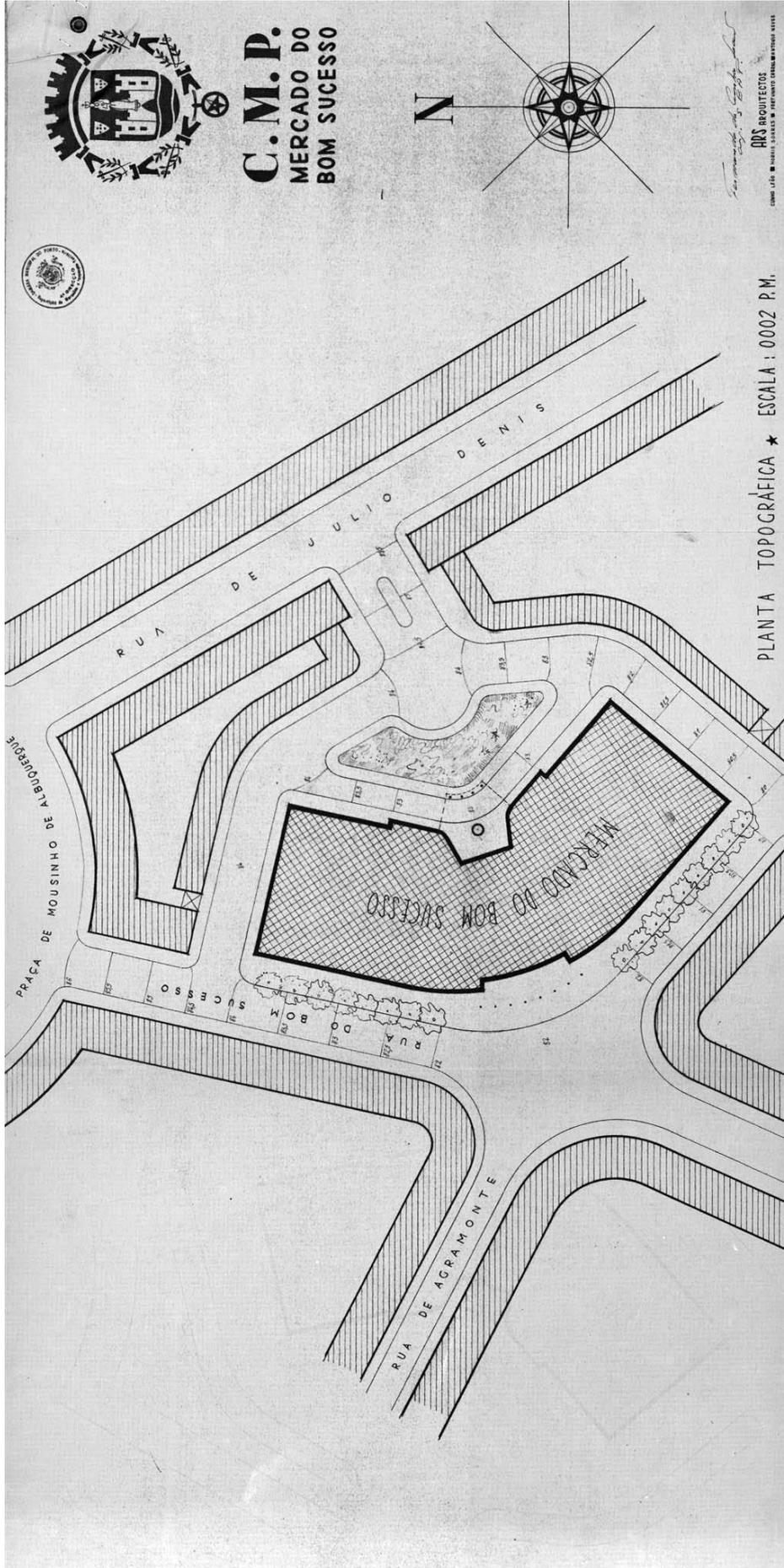
*Fernando de Castro Leal*  
arg. E B A P.

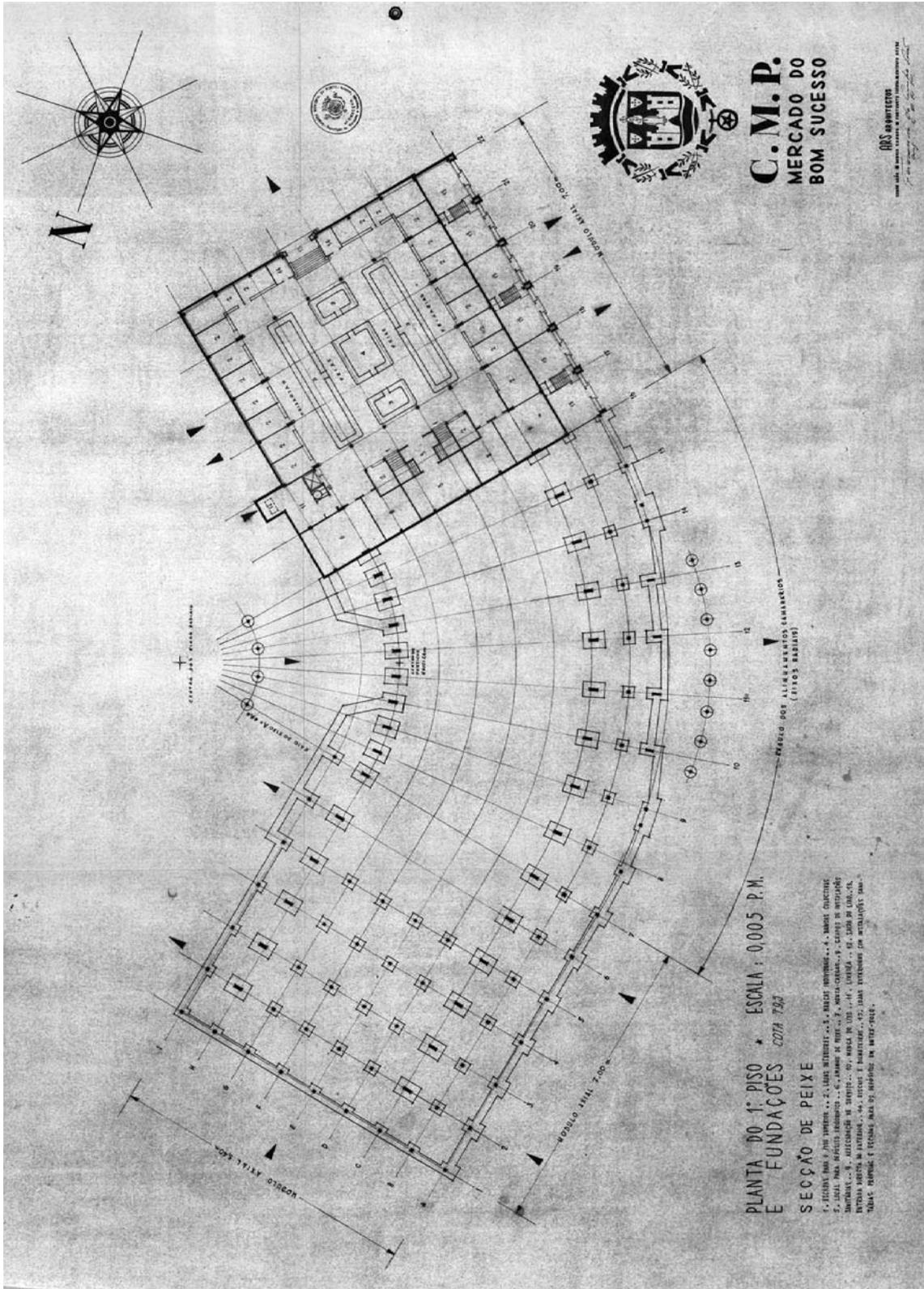


**Rigorous Mercado do Bom Sucesso**

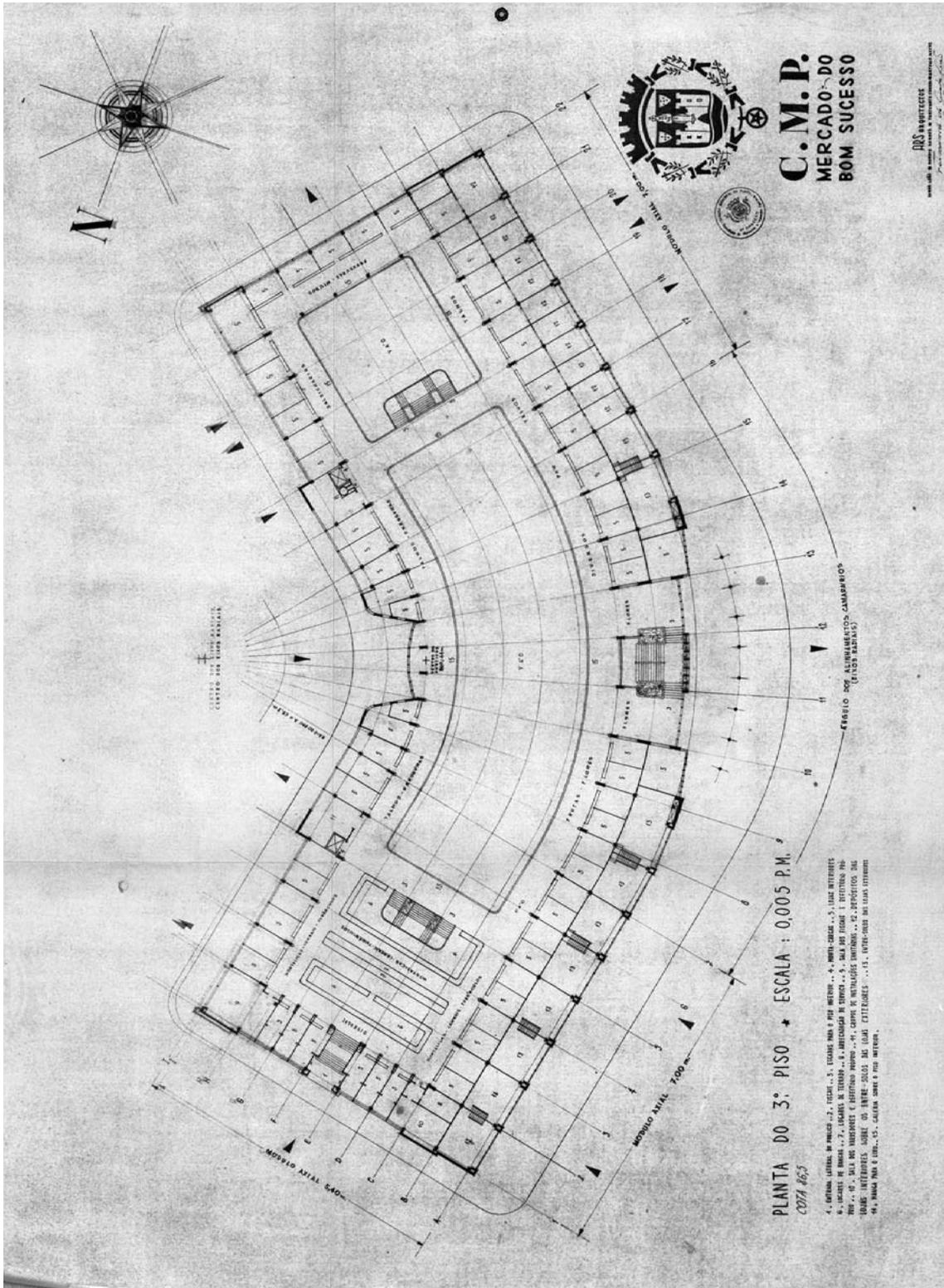
**ARS - Architectos**

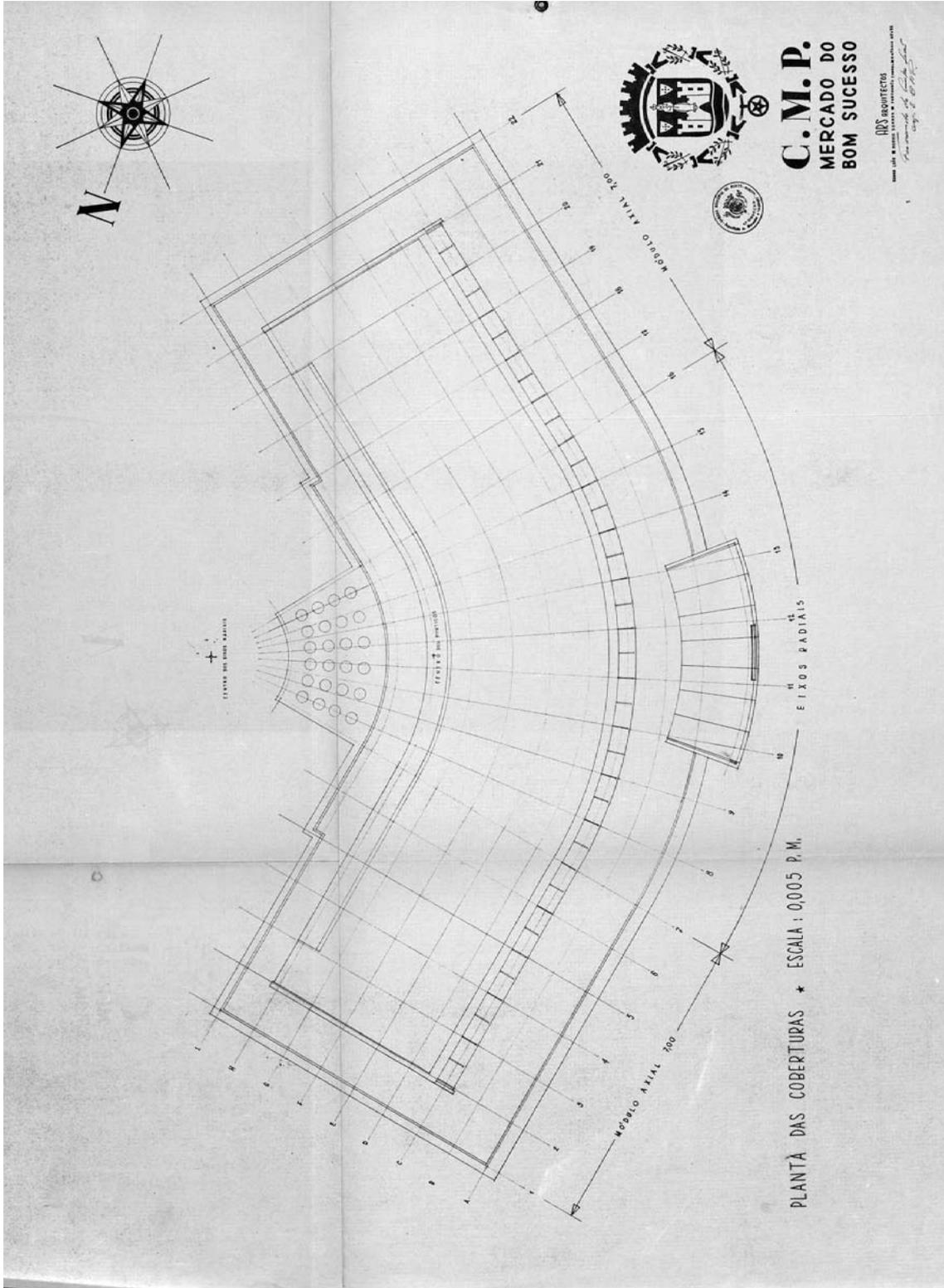
*Fonte: Câmara Municipal do Porto*

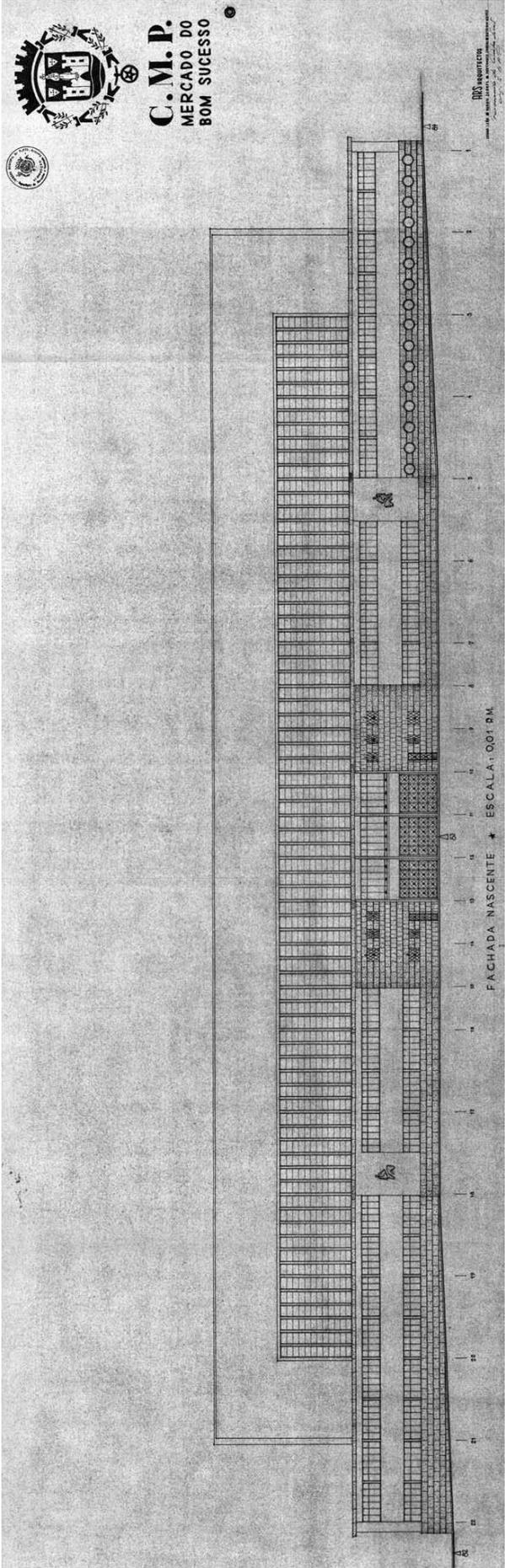
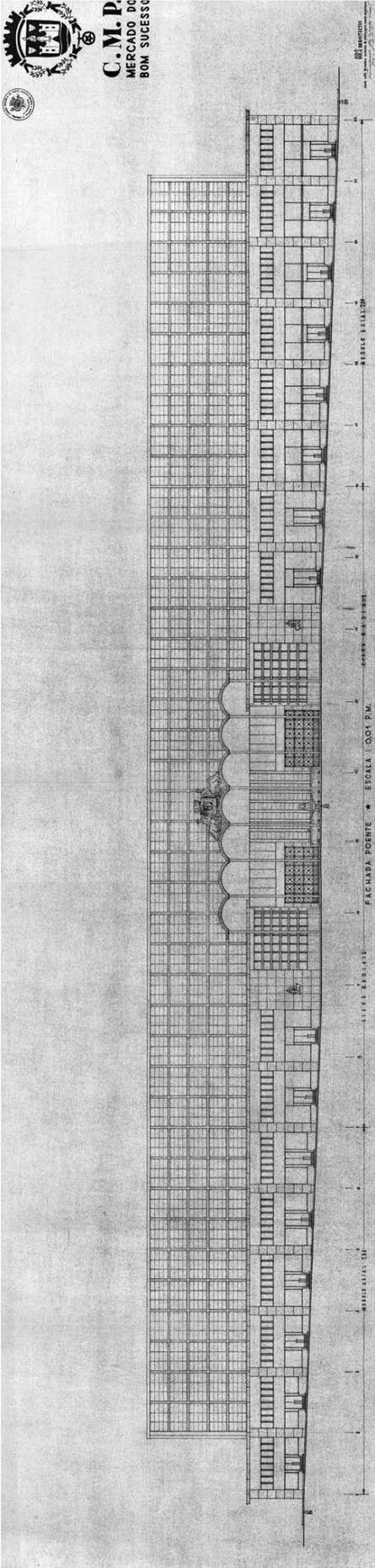


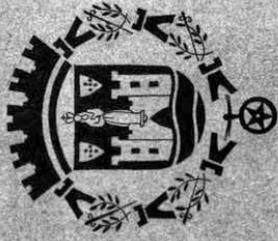
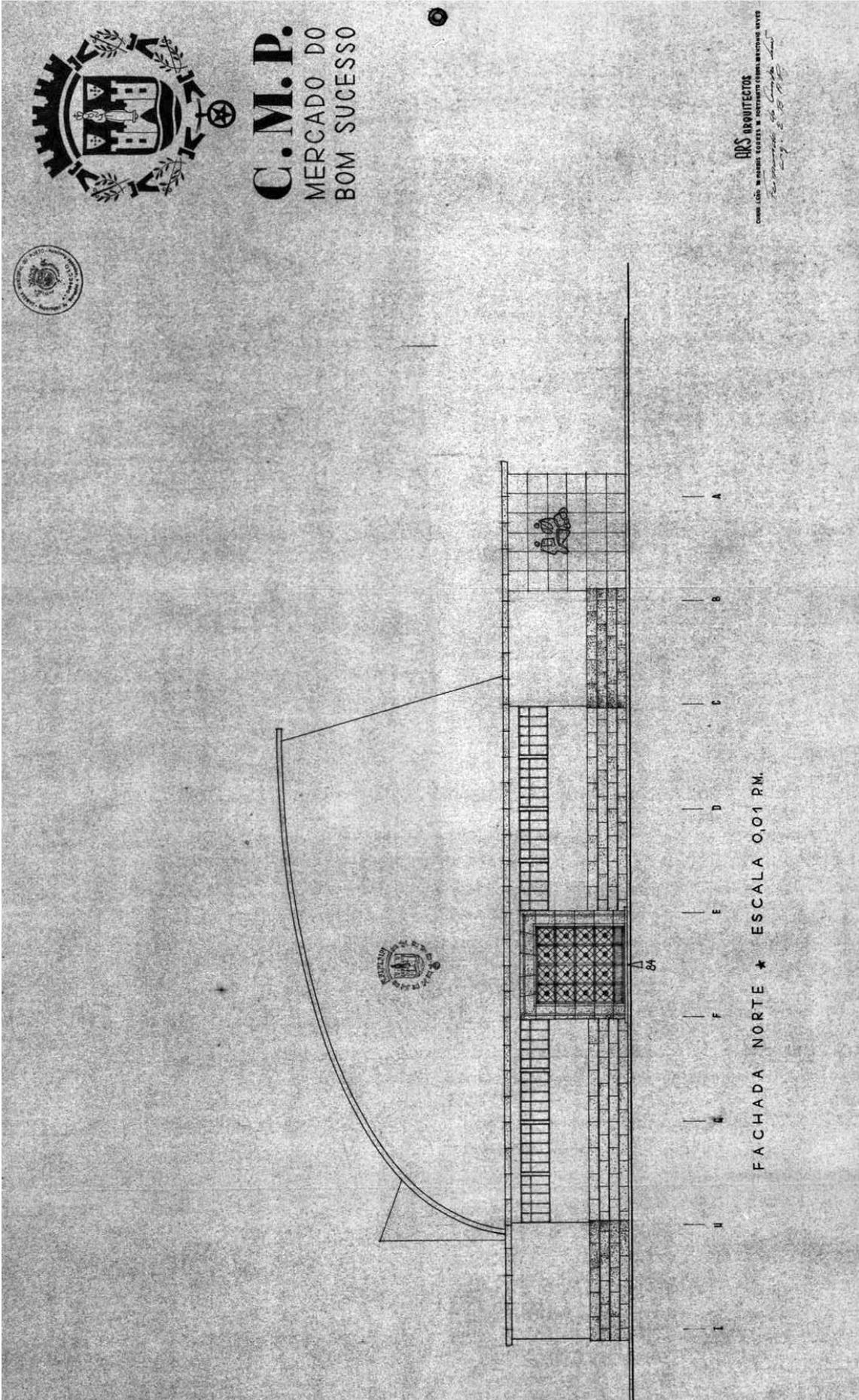












**C.M.P.**  
MERCADO DO  
BOM SUCESSO

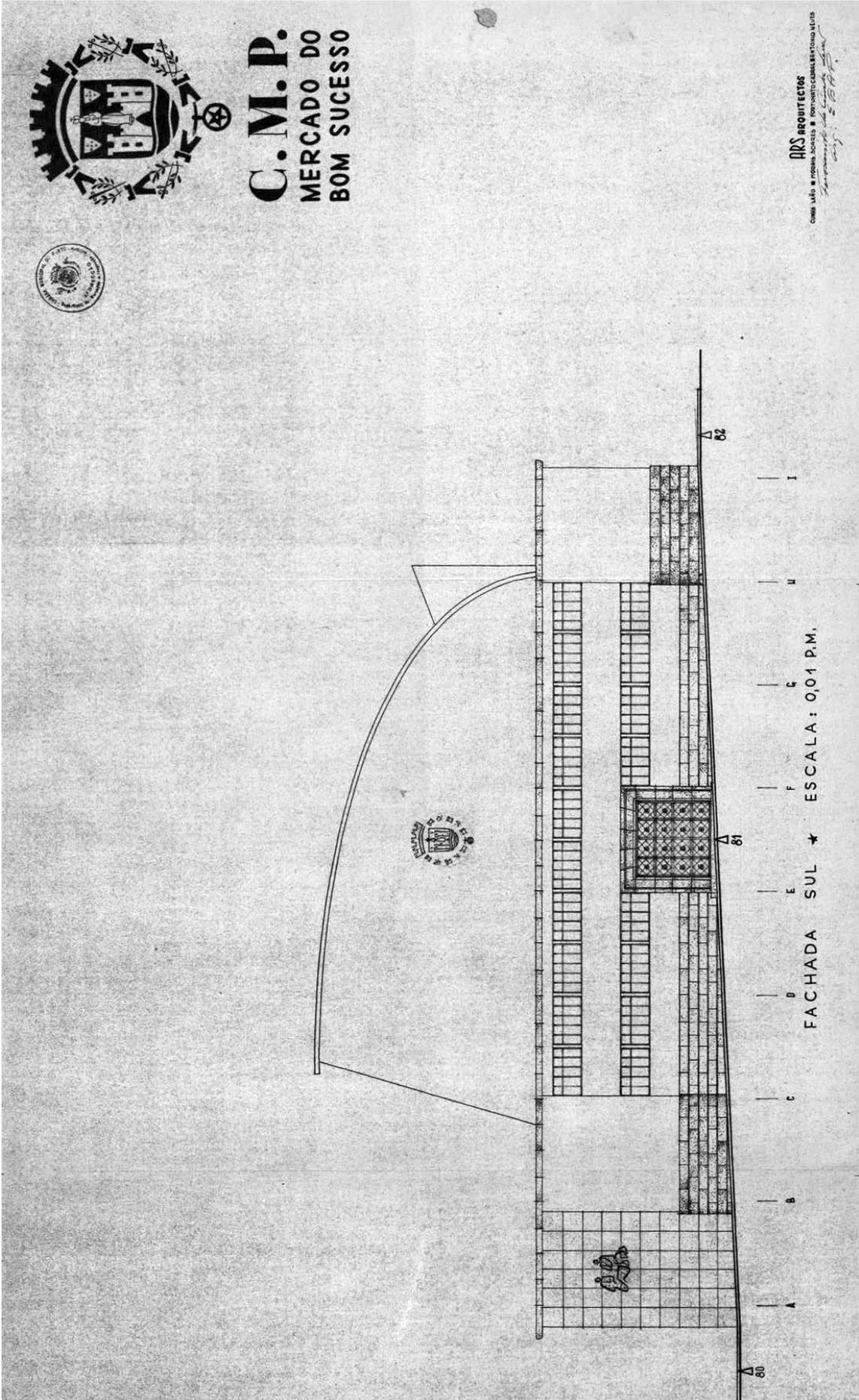


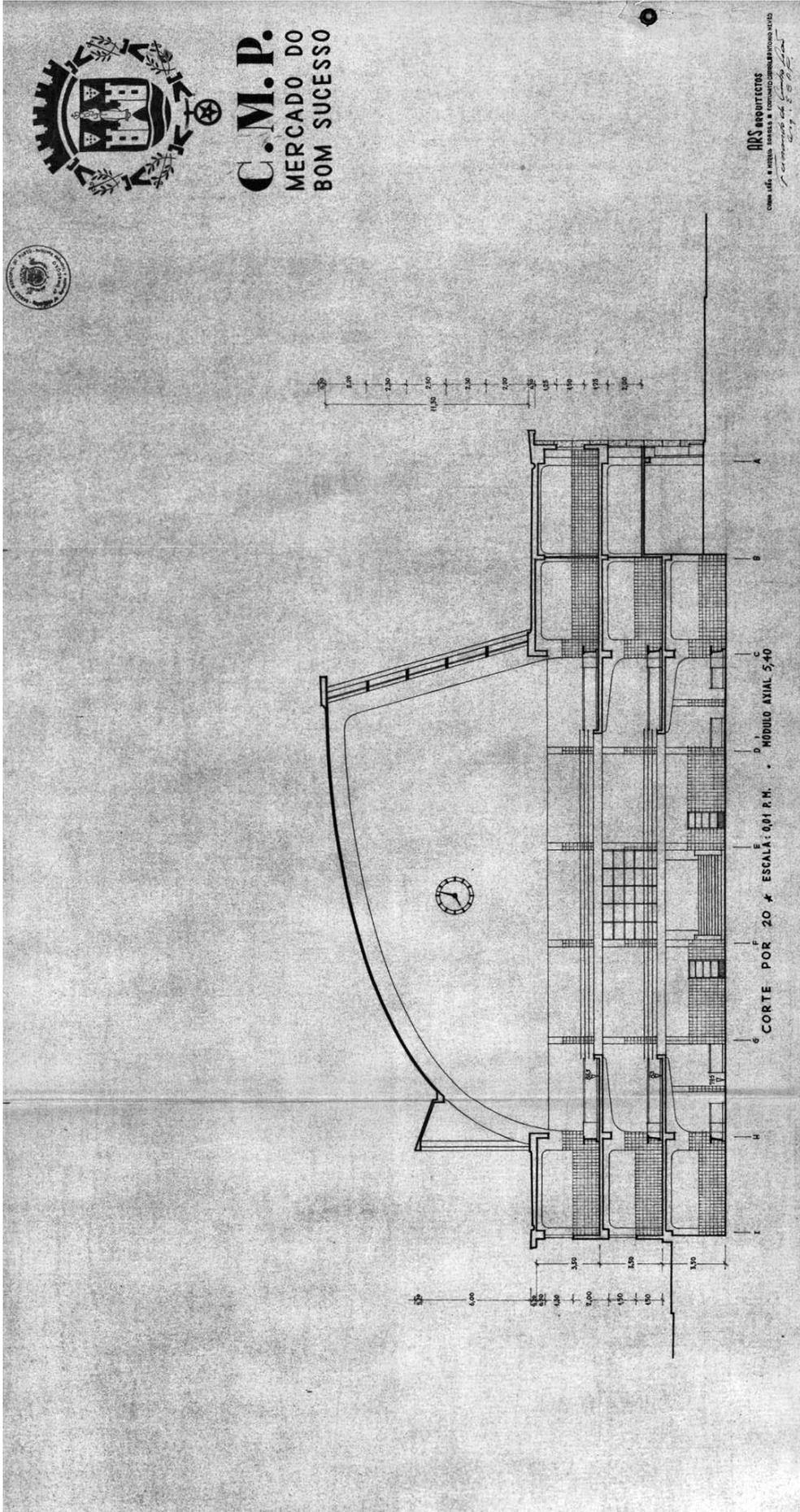
**ARS ARQUITECTOS**

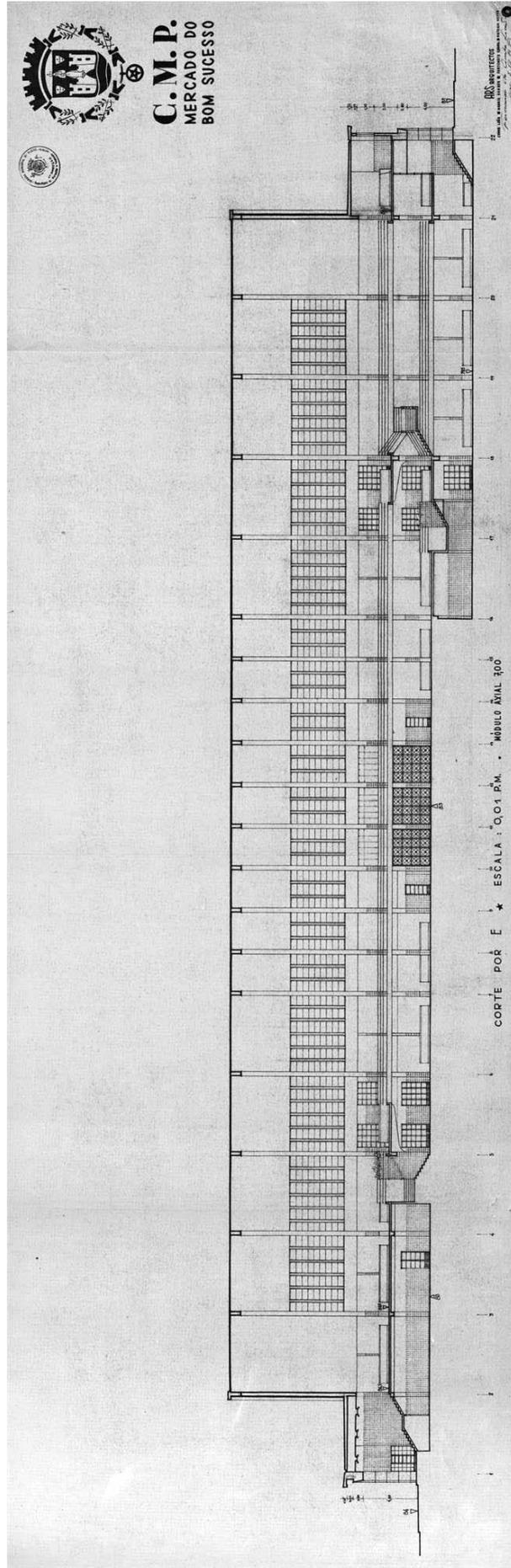
COMO LÍDIO - INGENHEIRO RESPONSÁVEL PELA OBRA

*Luiz Roberto de Almeida*

FACHADA NORTE ★ ESCALA 0,01 PM.









# Memória Descritiva do Mercado do Caputo

Arq. Fernão Lopes Simões de Carvalho

*Fonte: IPAD*

JOSÉ LOPES  
DE CARVALHO

PROVÍNCIA DE ANGOLA  
COMISSÃO ADMINISTRATIVA DO FUNDO DOS BAIRROS POPULARES

MERCADO PARA O BAIRRO DA RESERVA DOS CAMINHOS DE FERRO  
EM LUANDA

Documento A  
MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA GERAL

NOTA : Esta memória descreve  
o mercado apenas geral. Ela  
é completada pelo caderno  
de encargos (Documento B),  
que engloba todas as nec-  
sidades de especialidade da  
obra.

FRANCO LOPES  
SILVEIRA DE CARVALHO

Artigo I - NOTA PRELIMINAR

A presente memória descritiva e justificativa geral é redigida de maneira a que todos os que se ocuparem da construção, sejam informados dos princípios que presidiram à elaboração do projecto e, em linhas gerais, sobre os trabalhos e equipamentos a executar ou instalar por cada um deles.

Artigo II - O PROGRAMA PROPOSTO

Construído o bairro popular da reserva dos Caminhos de Ferro, composto por 1.228 residências para uma população aproximada de 6.000 habitantes, foi resolvido superiormente projectar-se o seu equipamento cívico: - mercado, capela, posto sanitário, centro social, creche, jardim-escola.

Indicada superiormente a ordem de prioridade apresenta-se o projecto de mercado.

Em função do nível económico da população e das disponibilidades financeiras a dispor, considerou-se o seguinte programa:

- 1 - zona de descarga de mercaderias
- 2 - balança de pesagem e controle das mercaderias a entrar no mercado.
- 3 - escritório de administração.
- 4 - bancas para venda de peixe, legumes, frutas, ovos e orlão.
- 5 - 2 talões com frigoríficos privativos.
- 6 - frigorífico para o peixe.
- 7 - frigorífico para os legumes e frutas.

FERNÃO LOPES  
SIMÕES DE CARVALHO

- 8 - locais para armazenamento de mercadorias.
- 9 - arrecadação dos materiais de limpeza.
- 10 - vestiários e instalações sanitárias para o pessoal.
- 11 - instalações sanitárias para o público.
- 12 - local para os lixos.
- 13 - bazares.

**Artigo III - LOCALIZAÇÃO DA OBRA E SUA ORIENTAÇÃO**

Localiza-se o mercado no "Bairro da Reserva dos Caminhos de Ferro" a norte da estrada de Catete, a meio da ala-norte do quarteirão, voltadas as fachadas de maior desenvolvimento para o norte e sul.

**Artigo IV - IMPLANTAÇÃO (desenho CO1)**

A implantação do edifício teve de subordinar-se ao local que para tal lhe foi reservado no plano de conjunto - uma plataforma de 170 m de comprimento por 30 m de largura -. Previu-se a possibilidade de uma ampliação futura, conforme se indica no desenho respectivo.

**Artigo V - O MERCADO**

Para o funcionamento eficaz de um estabelecimento deste género é essencial um estudo perfeito das circulações.

Assim consideramos a circulação de mercadorias e dos vendedores totalmente independentes da circulação do público.

Separou-se a zona destinada à venda de peixe, das zonas destinadas à venda dos restantes

FERNÃO LOPES  
SIMÕES DE CARVALHO

produtos.

Localizaram-se os talhos e os bazares voltados para o "bairro", de forma a poderem continuar abertos além das horas normais de funcionamento do mercado, atribuindo-se-lhes assim uma função complementar da do comércio do bairro.

Por traz de todas as bancas de venda ao público, projectaram-se prateleiras para "stock" dos artigos de venda.

Na zona de peixe previram-se dois grandes lavadeiros colectivos. Na zona de venda de legumes e frutas, projectaram-se também lavadeiros, mas de tipo diferente.

Para a instalação dos motores das câmaras frigoríficas do peixe e dos legumes, projectaram-se ante-câmaras.

#### Artigo VI - CARACTERÍSTICAS CONSTRUTIVAS - FUNDAÇÕES

Por que a zona onde se implantarão as construções, é de argilas expansivas, a empresa construtora deverá confirmar a natureza do terreno por meio de sondagens e tomar as devidas cautelas de modo a evitar futuros assentamentos diferenciais.

As fundações serão constituídas por sapatas de betão armado, dependendo a sua profundidade e dimensões das características que se determinarem para o terreno, devendo ser calculadas por técnico competente.

Admite-se que as fundações das paredes que assentam sobre o terreno, possam ser executadas em alvenaria de pedra rija ou em betão

FERNÃO LOPES  
SIMÕES DE CARVALHO

ciolópise, nas condições definidas no caderno de encargos.

#### Artigo VII - PAVIMENTOS

O pavimento assentará, em aterro convenientemente regado e compactado.

Será constituído por um enrocamento base de pedra arrumada à mão, regularizado com brita, calcada e batida, numa espessura total de 15cm, sobre o qual assentará um massamo de betão pobre, regularizado com uma argamassa ao traço 1/7 e com a espessura total de 6cm.

Os pavimentos propriamente ditos serão executados em mosaico de cimento saquartelado, do modelo usado pela C.M.L. nos passeios públicos.

#### Artigo VIII - PILARES (desenhos AL1 e AL2)

Os pilares em betão armado, e as vigas de travamento, ficarão em betão descofrado executado segundo os desenhos de pormenor.

#### Artigo IX - PAREDES E BANCAS

As paredes serão executadas em alvenaria de tijolo furado com as dimensões de 7x11x23 - para as paredes cotadas a 11cm (as rebecadas com tijolo ao cutelo; à vista com tijolo ao baixo) e de tijolo de 5cm, para as restantes.

As bancas serão executadas em lajes de betão, com acabamento a cimento afagado à se-lier.

FRANÇO LOPES  
SIMÕES DE CARVALHO

Artigo X - ACABAMENTO DAS PAREDES

Betão previstas paredes com os dois paramentos de tijolo à vista, paredes com reboco muito áspero pelo lado exterior e paredes a-fogadas à colher com massa de cimento e cal.

Artigo XI - COBERTURAS

A cobertura geral do mercado poderá ser constituída por placas de betão celular ou por laje aligeirada. Os desenhos estão elaborados para o caso de betão celular.

Betão previstas sub-coberturas em lajes de betão armado sobre o escritório da administração e sobre os frigoríficos e talhos.

Artigo XII - IMPERMEABILIZAÇÃO

A concepção arquitectónica do mercado torna desnecessária a impermeabilização térmica.

A impermeabilização hidrófuga será realizada por telas asfálticas.

Artigo XIII - CARPINTARIAS (desenhos MAP e MAJ)

Compreenderão essencialmente as portas, dos bazares, das instalações sanitárias, do escritório, dos talhos e das arrecadações, as fendas de ventilação, os envidraçados do escritório e dos talhos e os arcs com rede nos talhos.

Serão executadas com madeiras de boa qualidade segundo os desenhos de permener, devendo ser pintadas a tinta de óleos de cor a definir pelo autor do projecto.

ARQUITECTO LAFETA  
URBANISTA L. L. U. L. P. PARIS  
EX-COLABORADOR DO GABINETE LE CORBUSIER E A. WOGENSCHETZ  
CAIXA POSTAL 2050

FERNÃO LOPES  
SILVIO DE CARVALHOArtigo XIV - DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA

Para alimentação do mercado será efectuada uma ligação à conduta geral, junto às instalações sanitárias e vestiário do pessoal. No contador e uma torneira de segurança serão instalados numa caixa de betão junto à ligação referida.

Partindo do contador, a alimentação efectuada em tubo de ferro galvanizado, levará a água a todos os aparelhos sanitários. A tubagem correrá sob o pavimento e embutida nas paredes.

Artigo XV - EQUIPAMENTO SANITÁRIO

O equipamento sanitário será de tipo económico e será compreendido essencialmente:

- 7 lavatórios
- 6 bacias de retrete
- 1 bidé
- 3 urinais
- 2 chuveiros
- - 3 lavabouros duplos rectangulares em mármore.
- - 2 lavabouros circulares colectivos em mármore.
- 9 bocas de ligação para mangueira de lavagem de mercado, situadas conforme se indica no desenho respectivo.

Artigo XVI - ESGOTOSA - Dejectos e águas saponosas

A evacuação dos dejectos e das águas saponosas.

FERNÃO LOPES  
SIMÕES DE CARVALHO

será feita pelo sistema dito separativo em manilhas de grão com os diâmetros indicados nos desenhos.

#### B - Águas pluviais

As águas pluviais saídas nas coberturas, serão conduzidas por pendentes para tubos verticais adaptados aos pilares da estrutura que as lançam nas valas longitudinais donde saem manilhas que as levam ao colector.

#### Artigo XVII - VENTILAÇÃO

A ventilação geral do mercado está garantida pela concepção geral de arquitectura adaptada, e em alguns casos por fendas de ventilação reguláveis.

#### Artigo XVIII - ELECTRICIDADE

O contador e o disjuntor corta-circuitos serão instalados numa caixa de madeira situada na parede em frente ao escritório da administração do mercado, à altura de 1.40m, voltando-se o contador para o local de passagem das mercadorias e o disjuntor para o lado oposto.

A iluminação será efectuada à tensão de 220V sendo os pontos de luz, em número colocados nas vigas longitudinais, de travamento dos pilares laterais, a meio dos vãos (à distância de 4.79) alternadamente de um e outro lado da viga, com excepção da zona sobre o eixo das câmaras frigoríficas e dos talhos, e sobre o sub-lage, em que se colocarão só os pontos de luz voltados à galeria

FERNÃO LOPES  
SINORS DE CARVALHO

exterior.

Neste caso a iluminação das câmaras frigoríficas, das casas dos motoras e dos talhoes será feita em cada dependência por um ou dois pontos de luz colocados no tecto. No caso das câmaras frigoríficas e dos sanitários, o material deverá ser completamente estanho.

#### Artigo XIX - SERRALHARIA - CAIXILHARIAS METÁLICAS

Os trabalhos de serralheria e de caixilharias metálicas são constituídos essencialmente por:

- portas principais de duas folhas com a vão total de 4.50m
- portas da galeria de serviço com a largura de 1.40 e 2.26 de altura
- portas da galeria do público com 1.83m de largura e 2.26 de altura.
- janelas dos bazares com rede metálica de 2.28 de largura e 1.50 de altura

#### Artigo XX - VIDROS

A chapa de vidro das portas e janelas terá a espessura de 5mm.

A chapa dos envidraçados dos talhoes terá de ter a espessura de 5mm e a sua espelhegem terá de ser de boa qualidade. Todos os vidros serão aplicados sobre massa de vidraceiro conforme os desenhos de pormenor.

FERNÃO LOPES  
SIMÕES DE CARVALHO

Artigo XXI - PINTURAS

Os trabalhos de pintura compreenderão essencialmente:

- 1º - caiçação das paredes rebocadas, a branco e a ocre.
- 2º - pintura a tinta de óleo das portas e das caixilharias, quer de madeira quer metálicas.
- 3º - pintura a Epilac ou similar das paredes dos blocos sanitários.

Chama-se a atenção do empreiteiro para o perfeito acordo que deverá existir entre si e o fabricante das tintas, e quanto à sua perfeita aplicação.

As tintas deverão obrigatoriamente ser compostas pelo fabricante, mediante amostras presentes ao arquitecto.

O ARQUITECTO

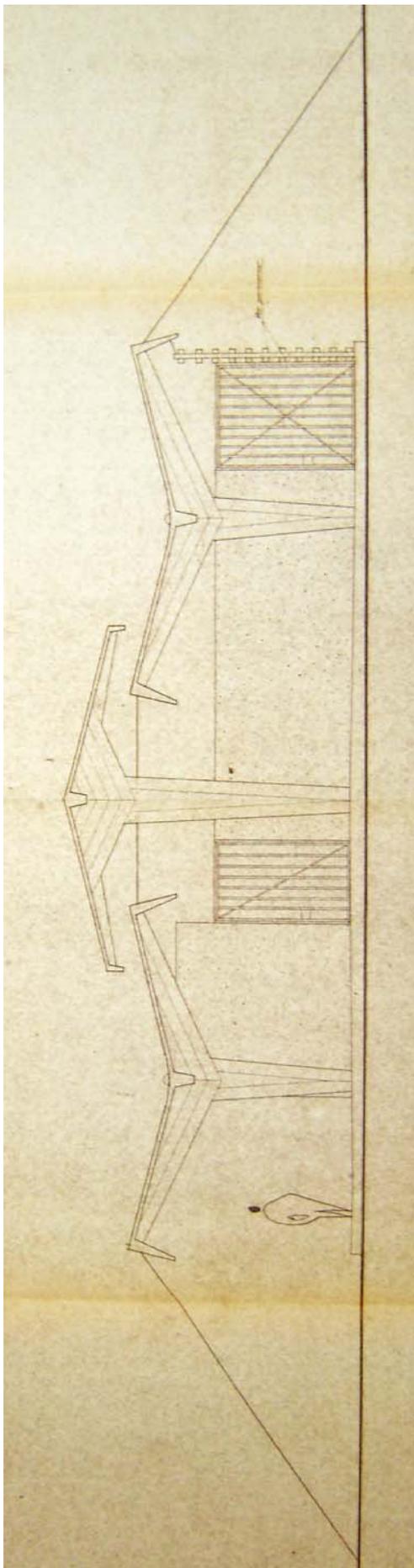
Luanda, 25 de Junho de 1962



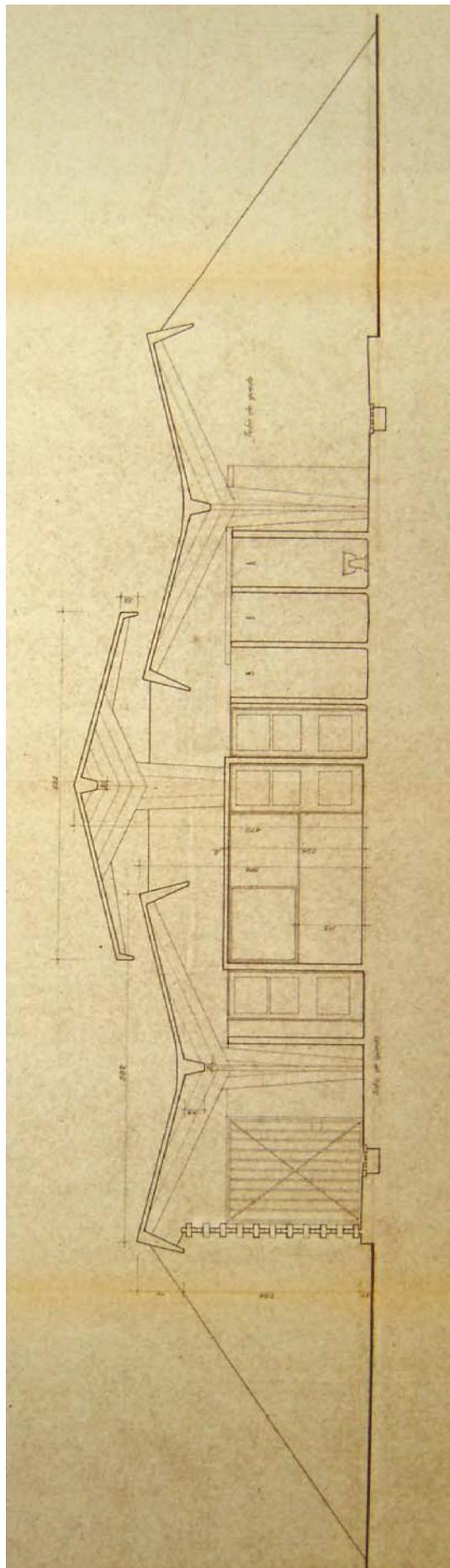
**Rigorosos Mercado do Caputo**

**Arq. Fernão Lopes Simões de Carvalho**

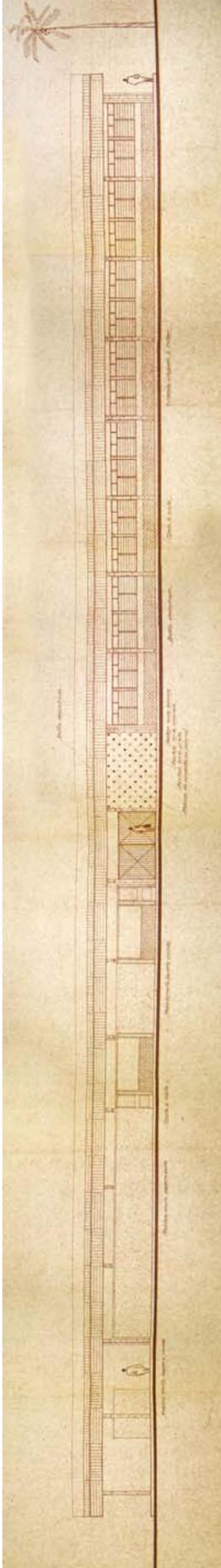
*Fonte: IPAD*



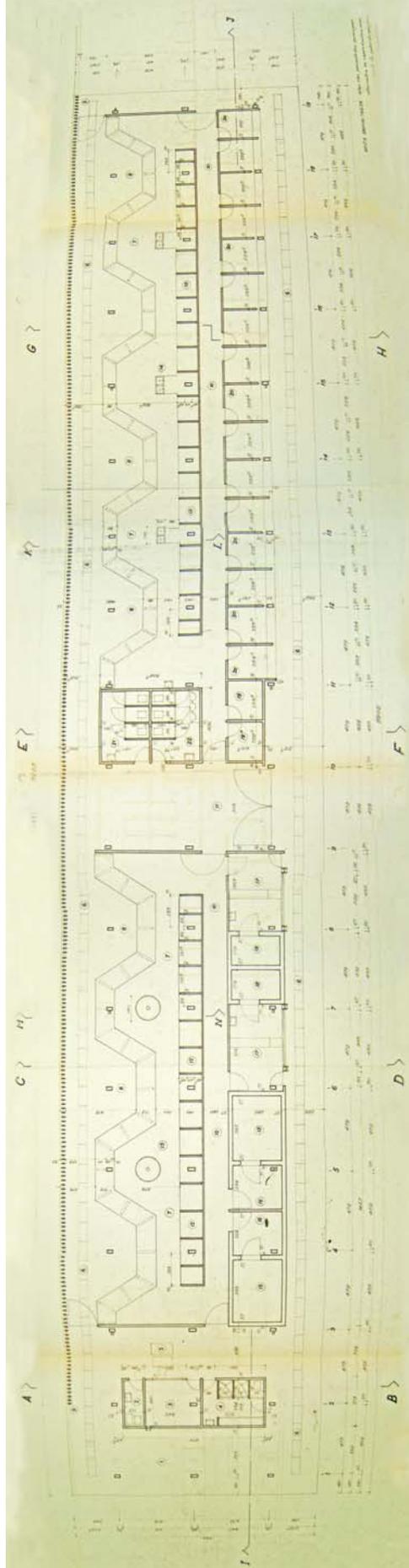
ALÇADO LATERAL



CORTE TRANSVERSAL



ALÇADO FRONTAL



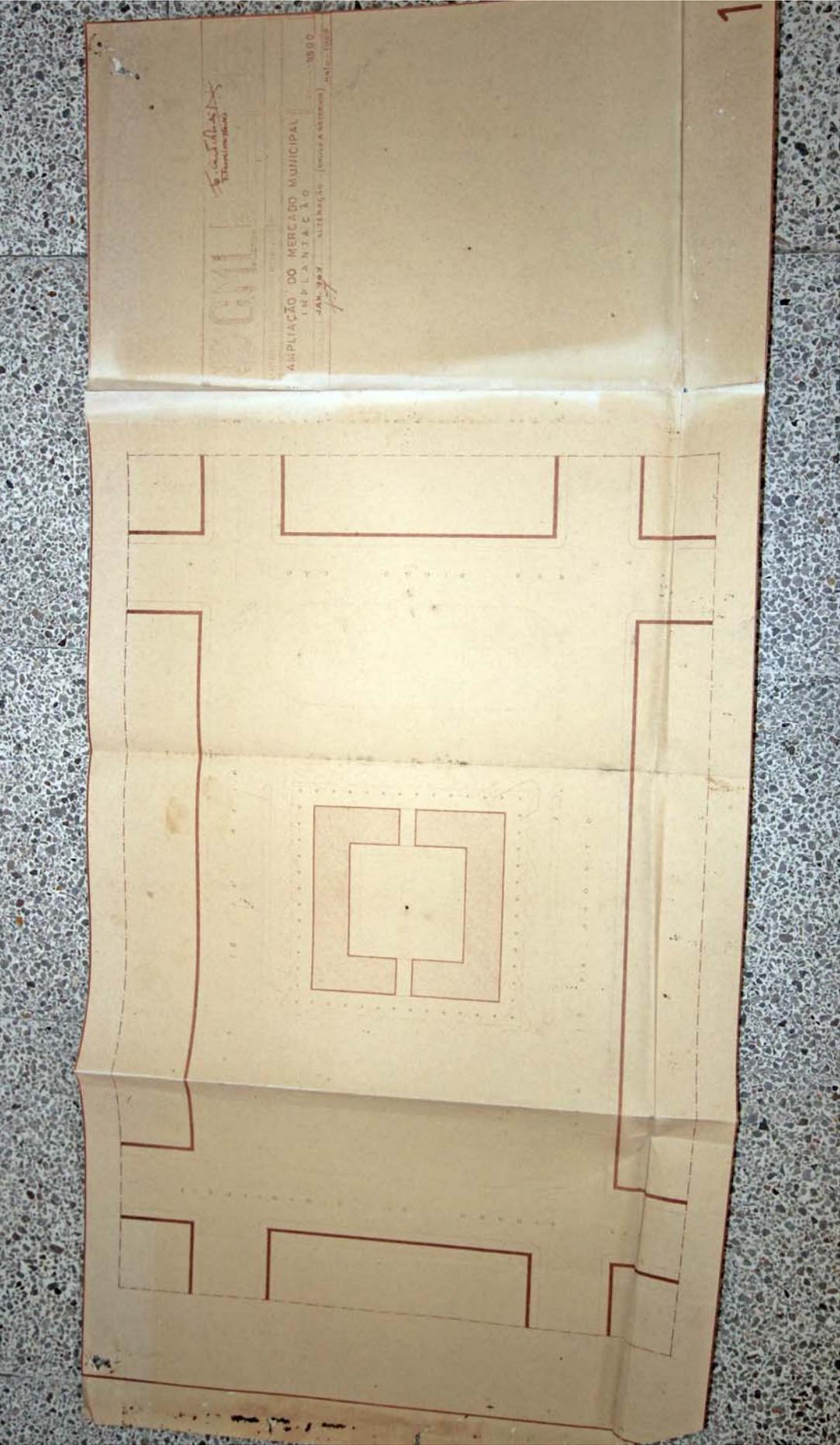
PLANTA DO MERCADO



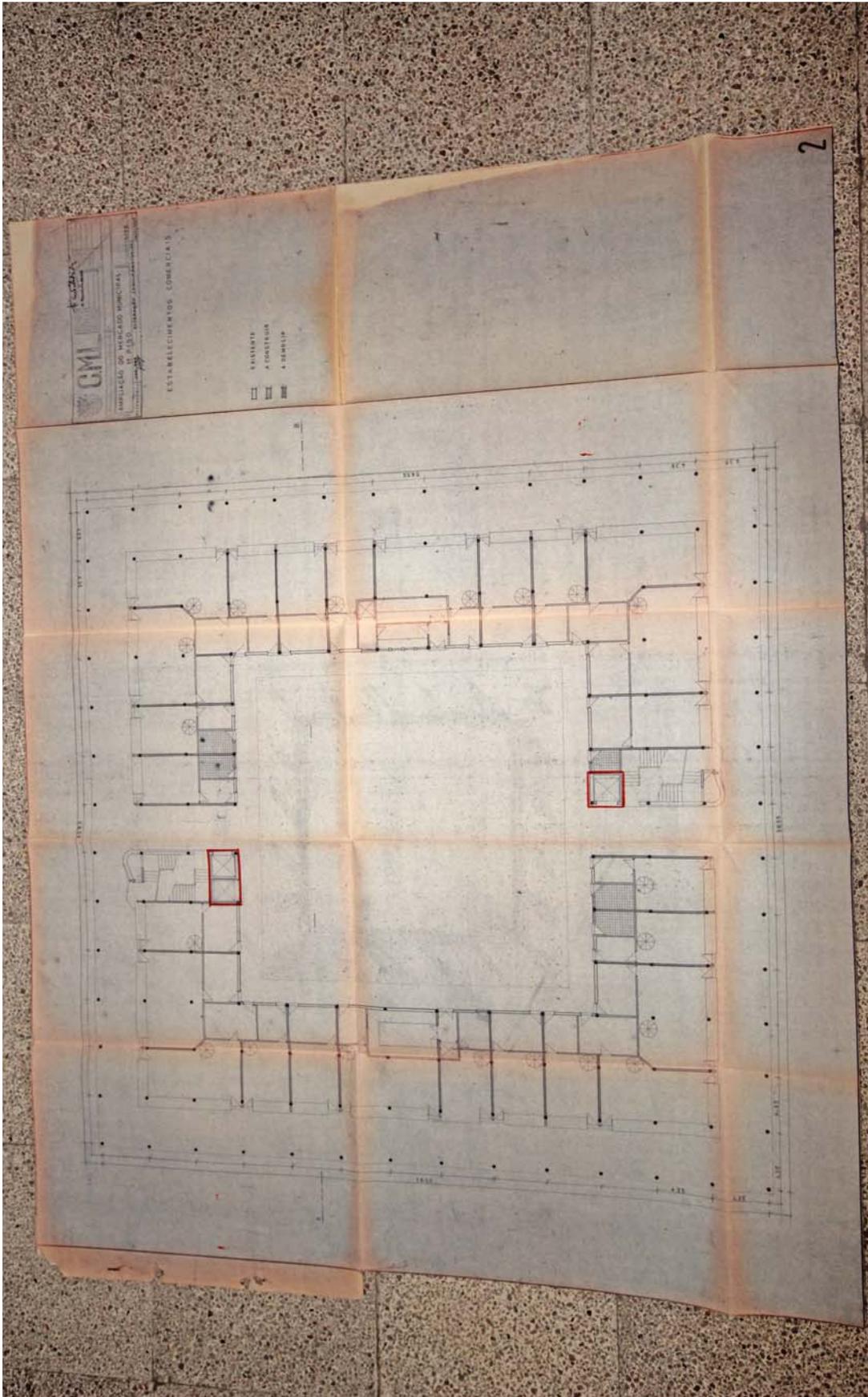
**Rigorosos do Mercado do Lobito**

**Arq. Francisco Castro Rodrigues**

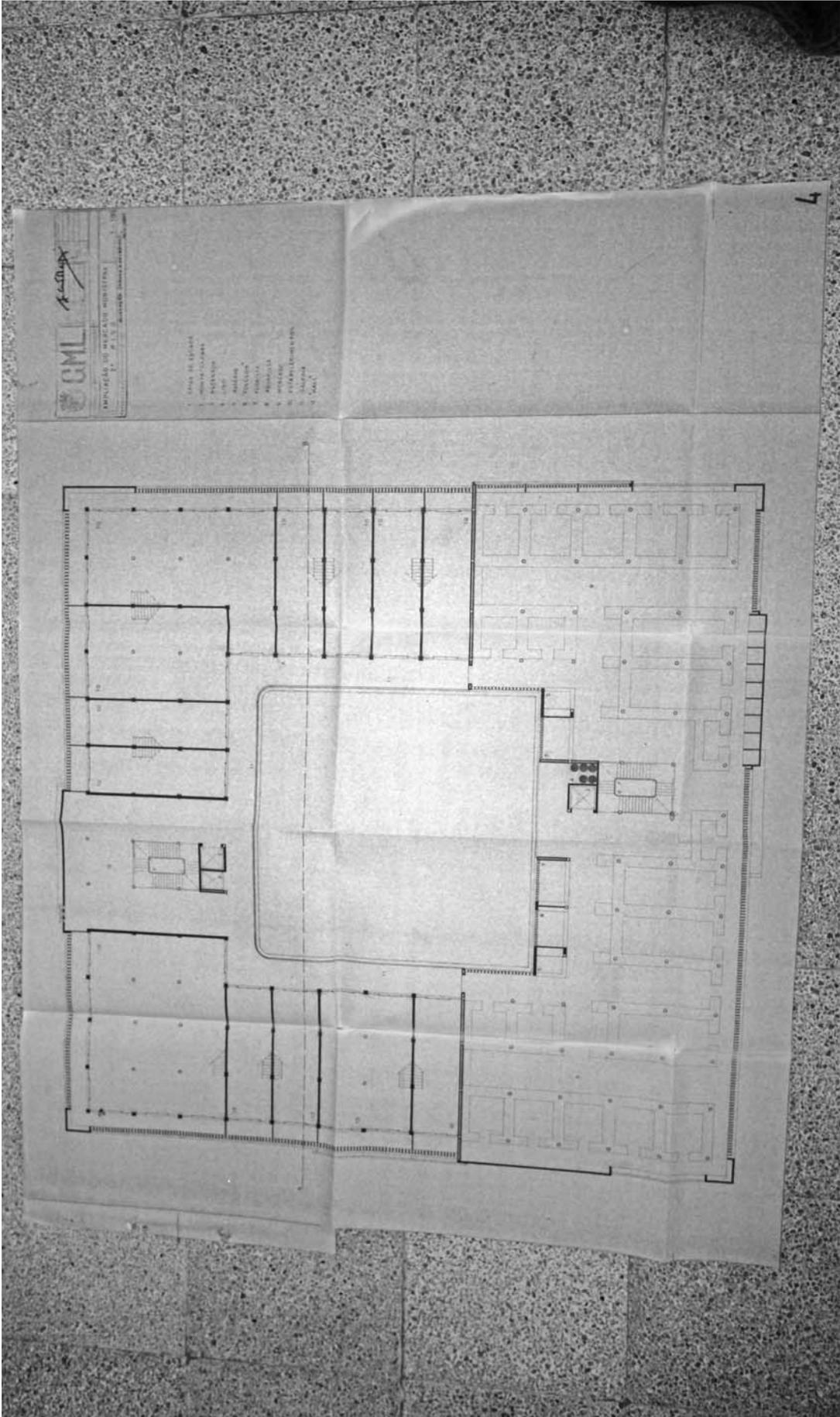
*Fotografias tiradas e cedidas por:  
José Bettencourt*



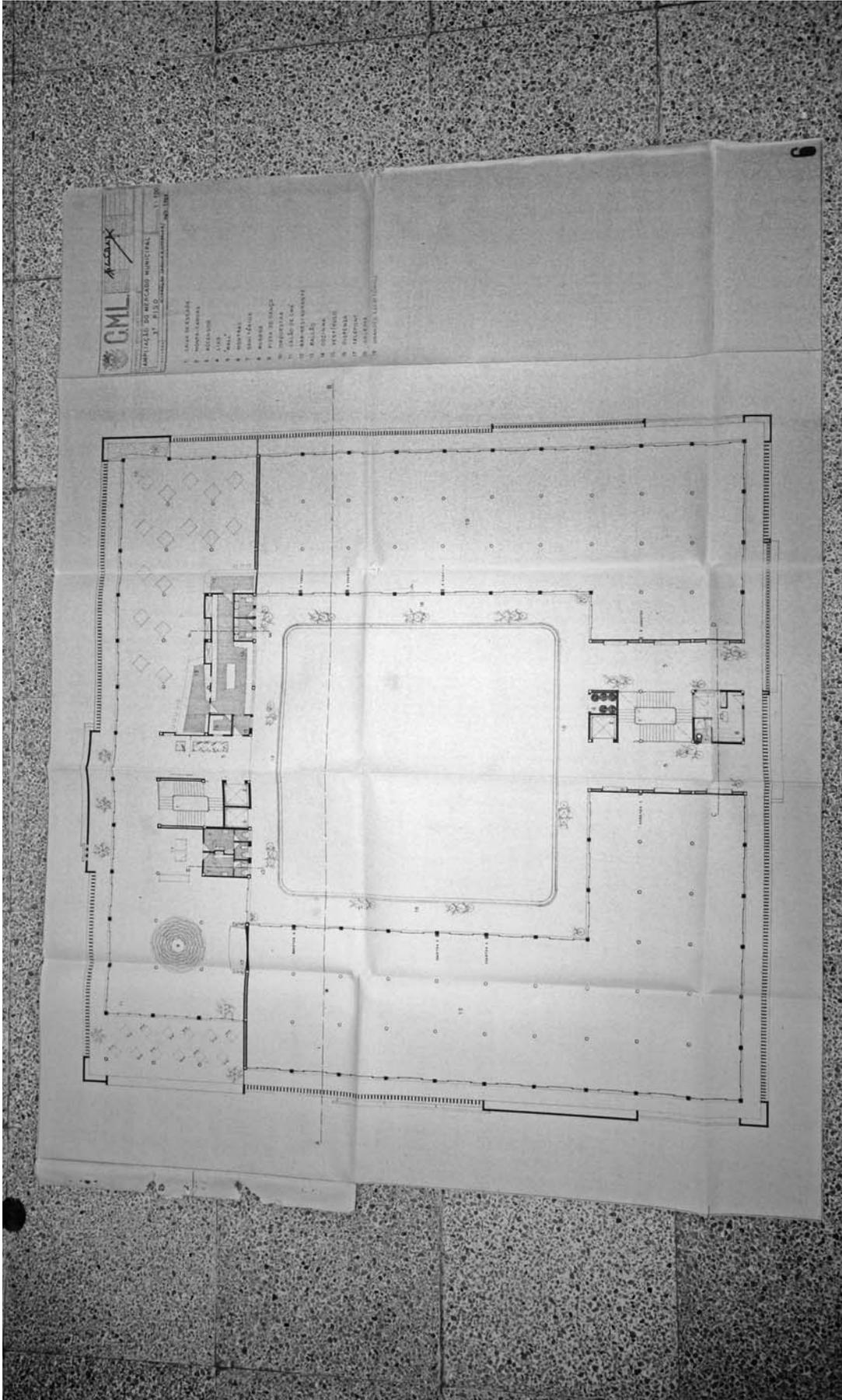
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



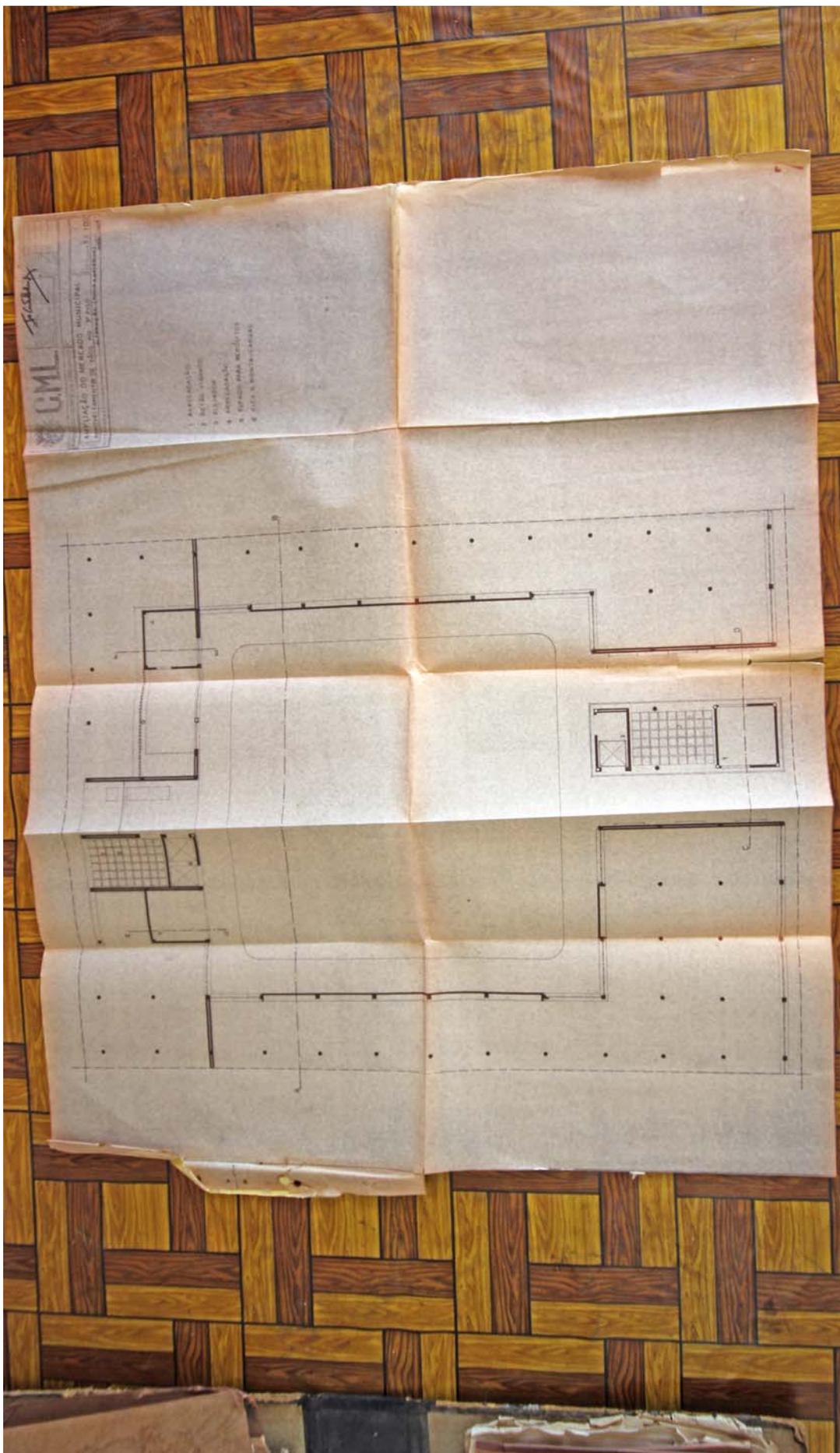
PLANTA DO 1º PISO



PLANTA DO 2º PISO

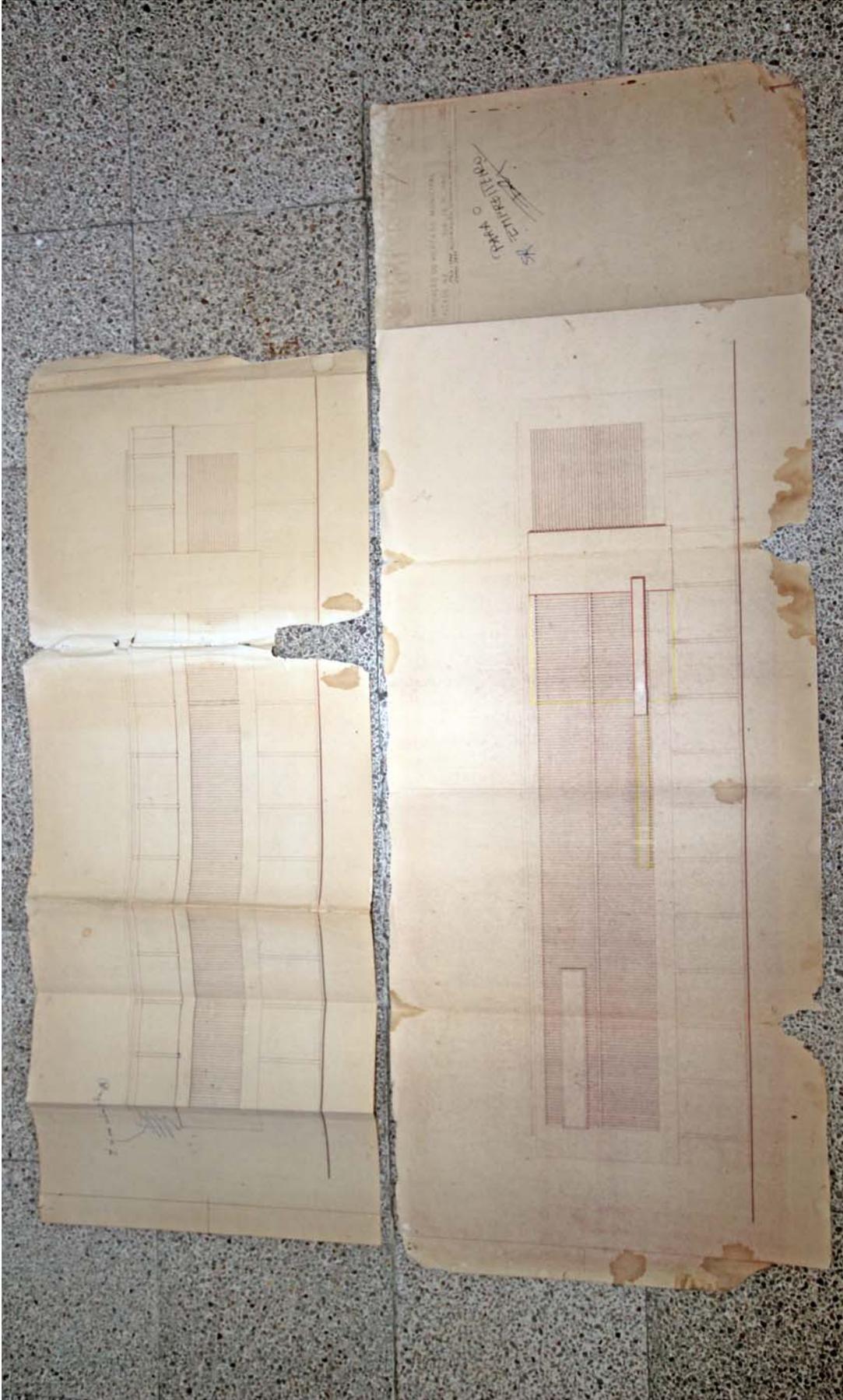


PLANTA DO 3º PISO

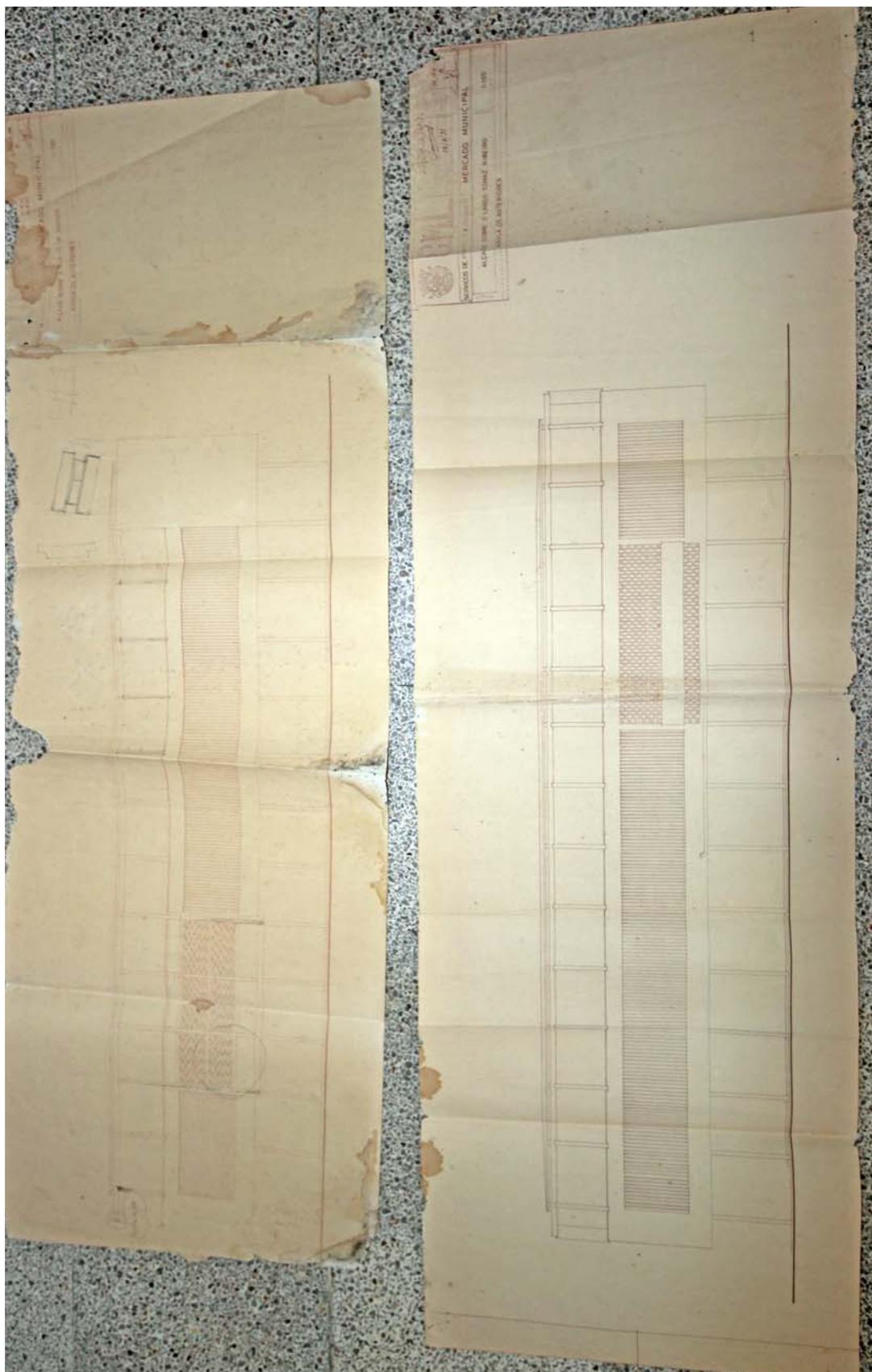


- 1. PLANTAS
- 2. REDES
- 3. REDES
- 4. REDES
- 5. REDES
- 6. REDES

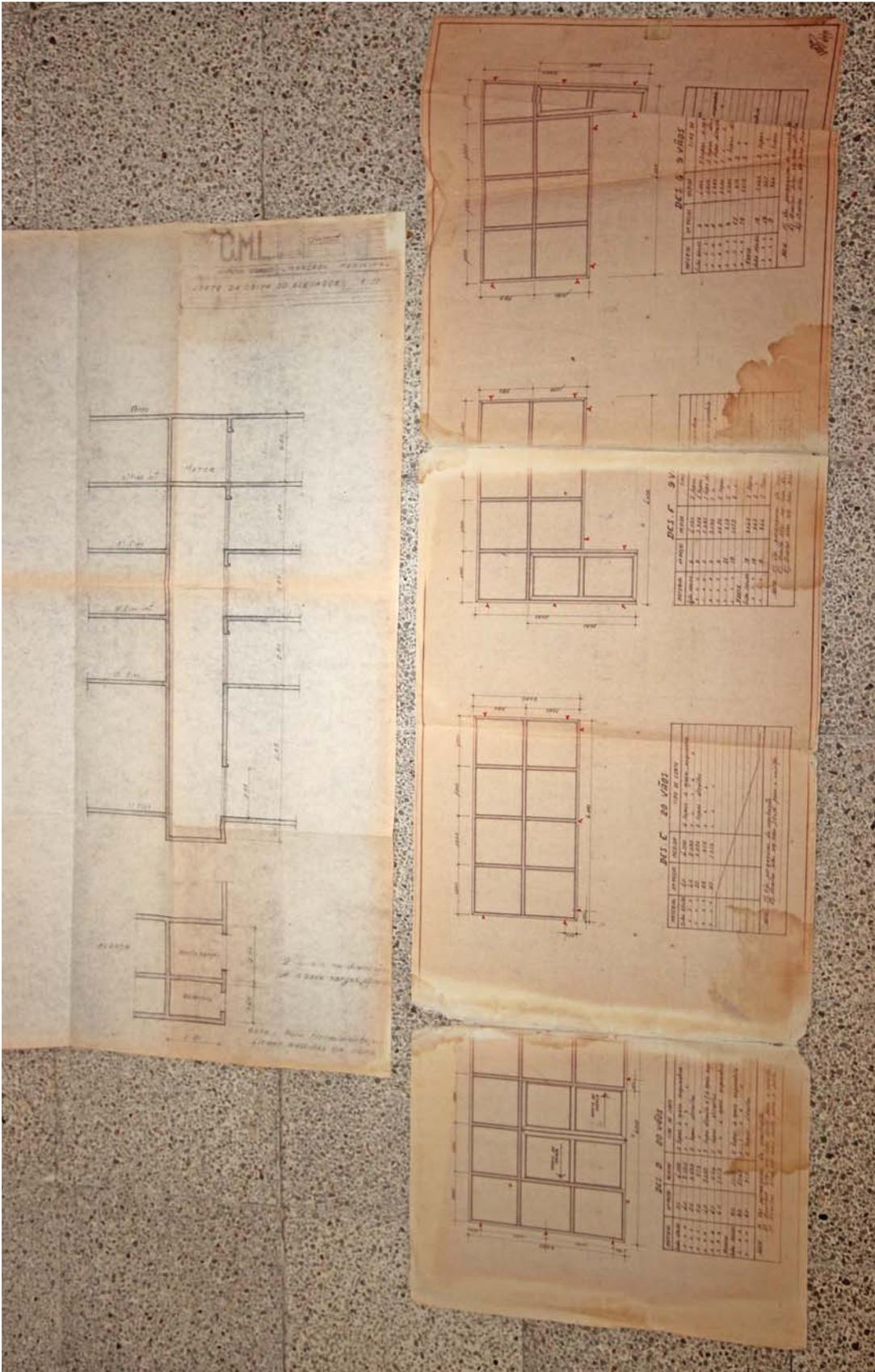
PLANTA DE APROVEITAMENTO DE VÃOS NO 3º PISO



ALÇADOS



ALÇADOS SOBRE A RUA 15 DE AGOSTO E SOBRE O LARGO TOMAZ RIBEIRO



CORTE PELA CAIXA DO ELEVADOR E DESENHO DOS VÃOS

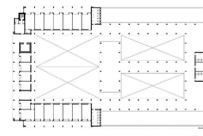
# Cronologia dos mercados mencionados na tese

*Desenvolvida por Diogo Alexandre  
Pedrosa Amaral da Cruz*



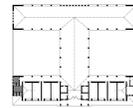
Mercado de Matosinhos (1:1000)  
Portugal  
ARS Arquitectos

1939



Mercado Central de Bissau (1:1000)  
Guiné Bissau  
Arq. Luísa Cruz

1948



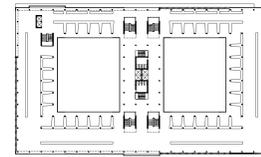
Mercado Tipo (1:1000)  
Lituânia  
Eurico Pinto Lopes

1951



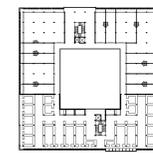
Mercado de Santa Filomena (1:1000)  
São Tomé e Príncipe  
Eng. Santos Faria

1956



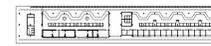
Mercado de Kinshasa (1:1000)  
Angola  
Arq. Vasco Vieira da Costa

1958



Mercado do Lobito (1:1000)  
Angola  
Arq. Francisco Castro Rodrigues

1963



Mercado de Caputo (1:1000)  
Angola  
Arq. Fernando Simões de Carvalho

1965



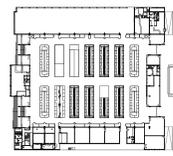
Mercado da Encarnação Norte (1:1000)  
Portugal  
Arq. Fernando da Costa Belém

1967



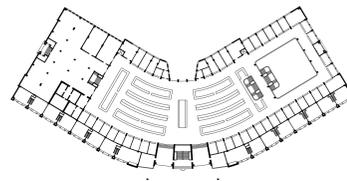
Mercado Tipo para Europeus (1:1000)  
São Tomé e Príncipe  
Arq. João Aguiar

1946



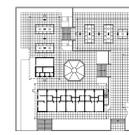
Mercado de Alvalade Norte (1:1000)  
Portugal  
Arq. Fernando da Costa Belém

1949



Mercado do Bom Sucesso (1:1000)  
Portugal  
ARS Arquitectos

1952



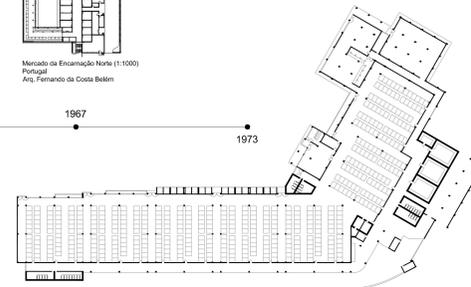
Mercado de Vila da Ferra (1:1000)  
Portugal  
Arq. Fernando Távora

1959



Mercado da Encarnação Sul (1:1000)  
Portugal  
Arq. Fernando da Costa Belém

1963



Mercado da Cidade da Praia (1:1000)  
Cabo Verde  
Arq. António Seabra e Arq. Maria Emília Costa

1973

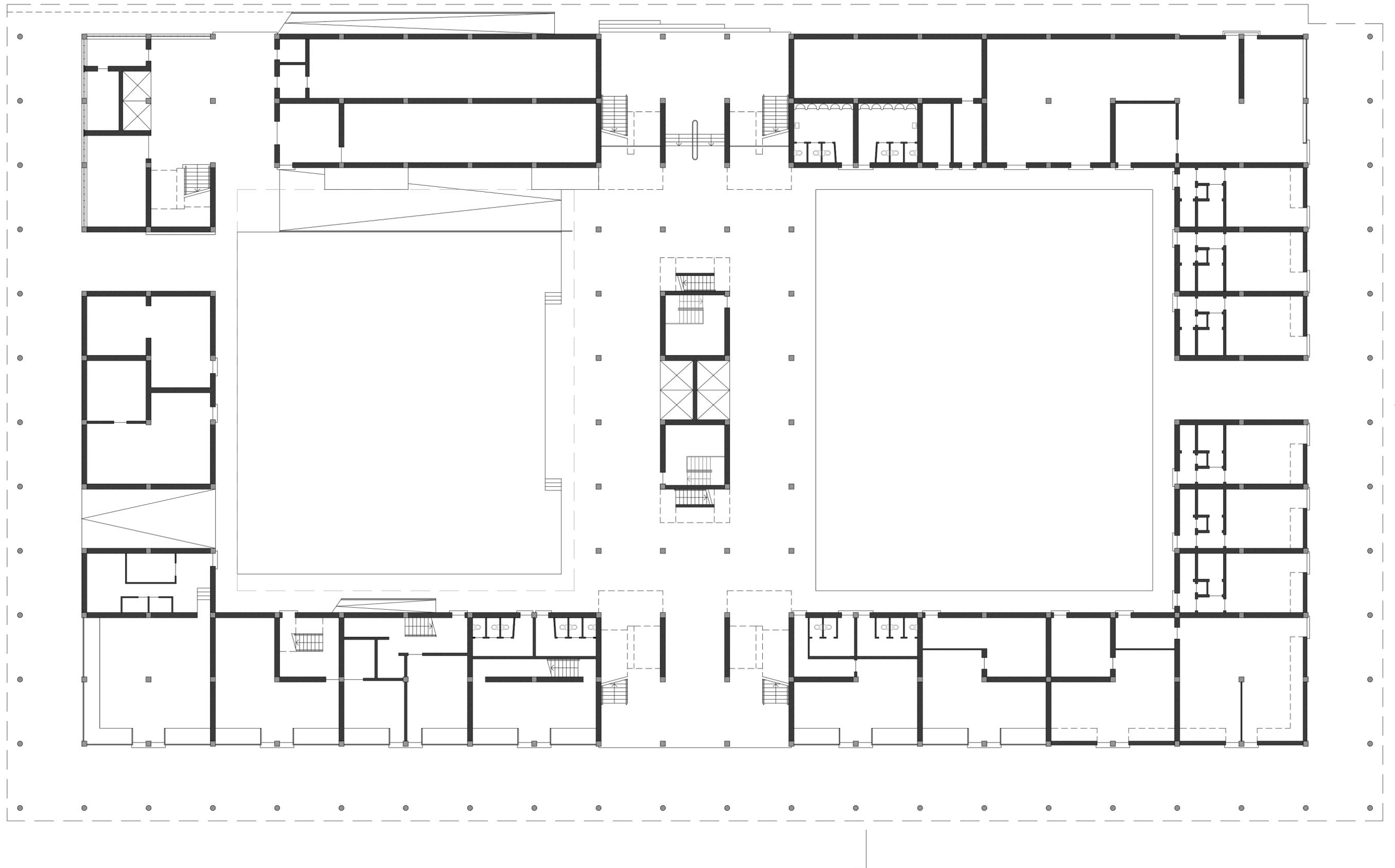
**Rigorosos do Mercado do Kinaxixe**

**Arq. Vasco Vieira da Costa**

*Redesenhados por Diogo Alexandre  
Pedrosa Amaral da Cruz*

# Memórias de um Mercado Tropical

Planta cota 56.6\_escala 1:200



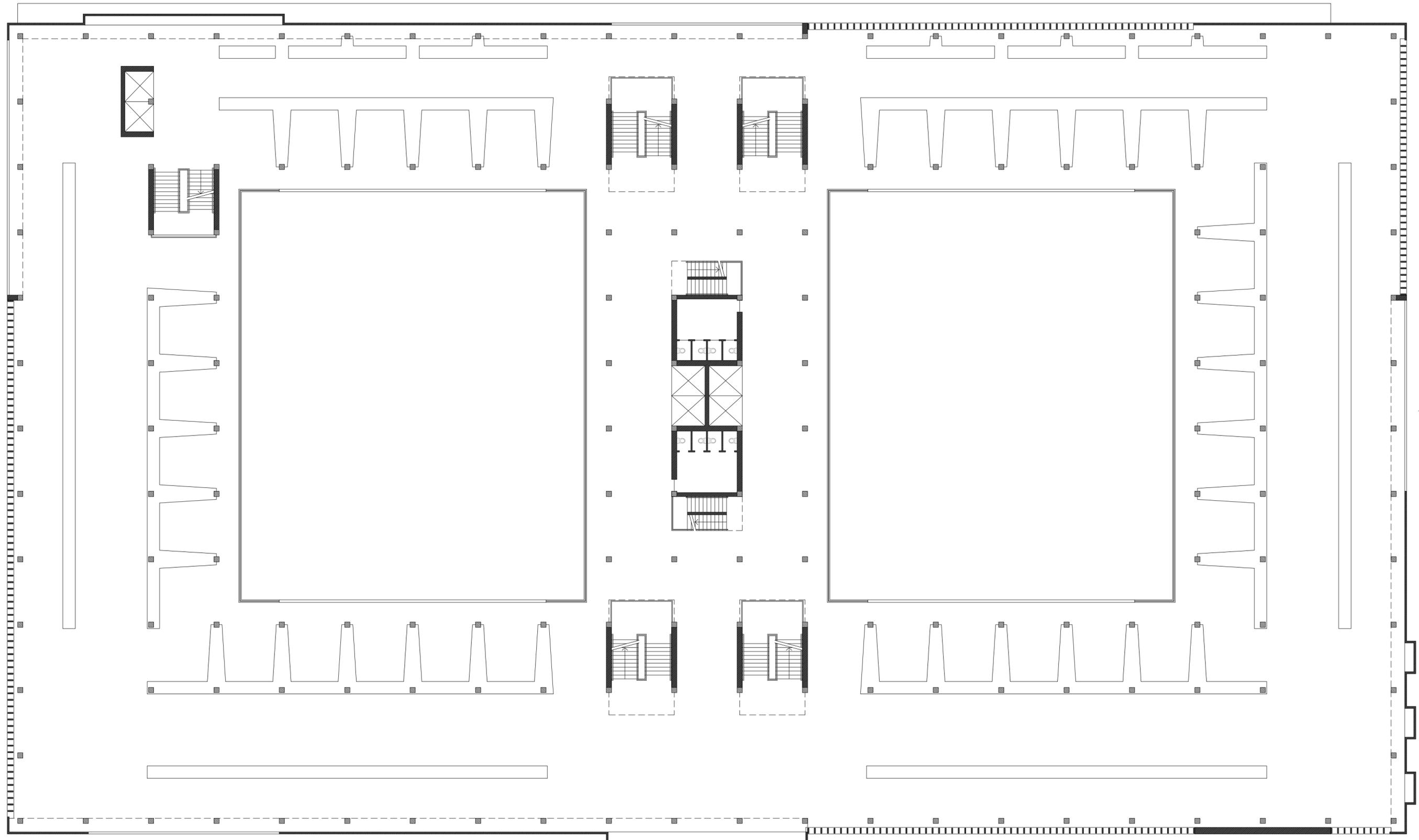
# Memórias de um Mercado Tropical

Planta cota 57.7\_escala 1:200

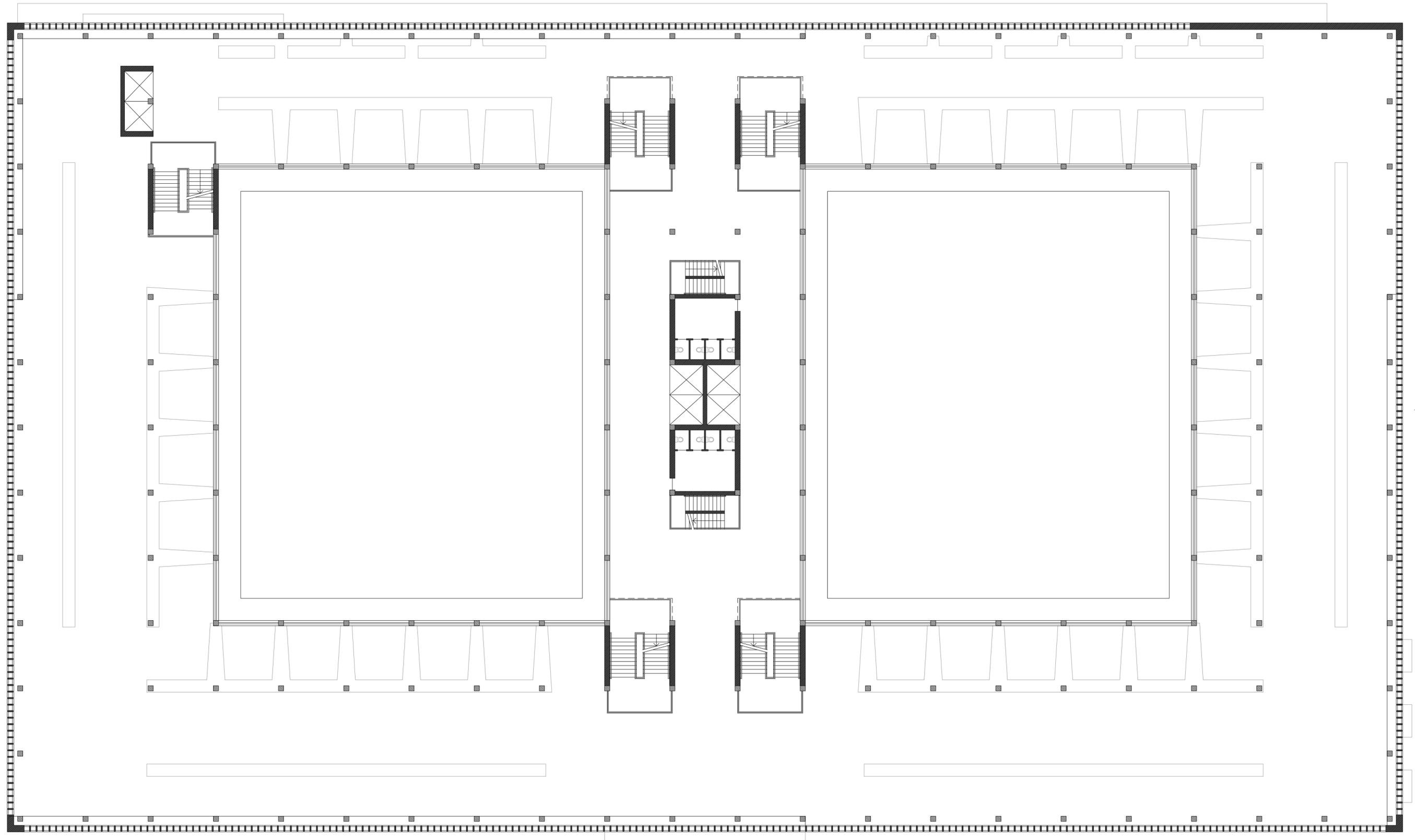


# Memórias de um Mercado Tropical

Planta cota 62.35\_escala 1:200

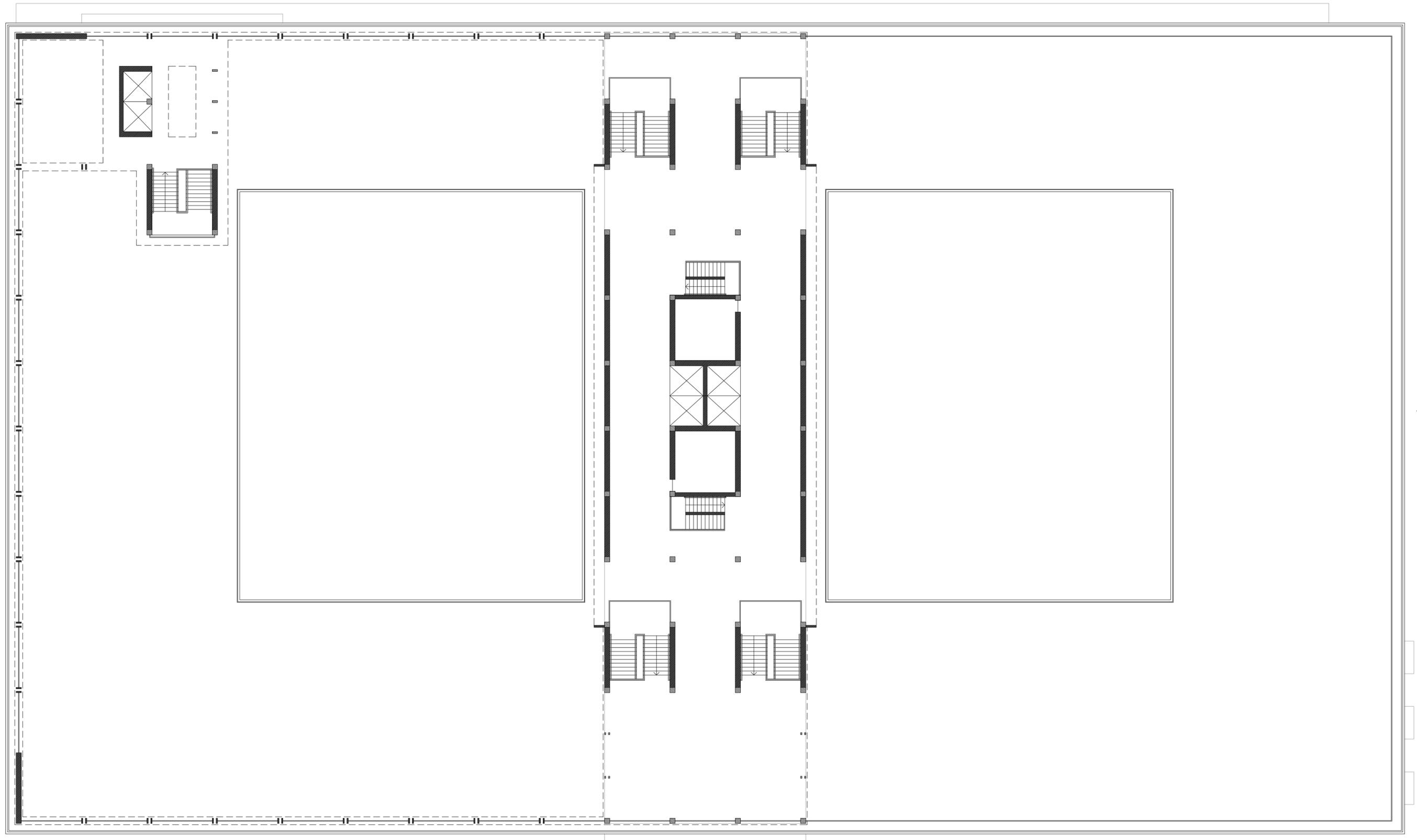


Planta cota 66.45\_escala 1:200



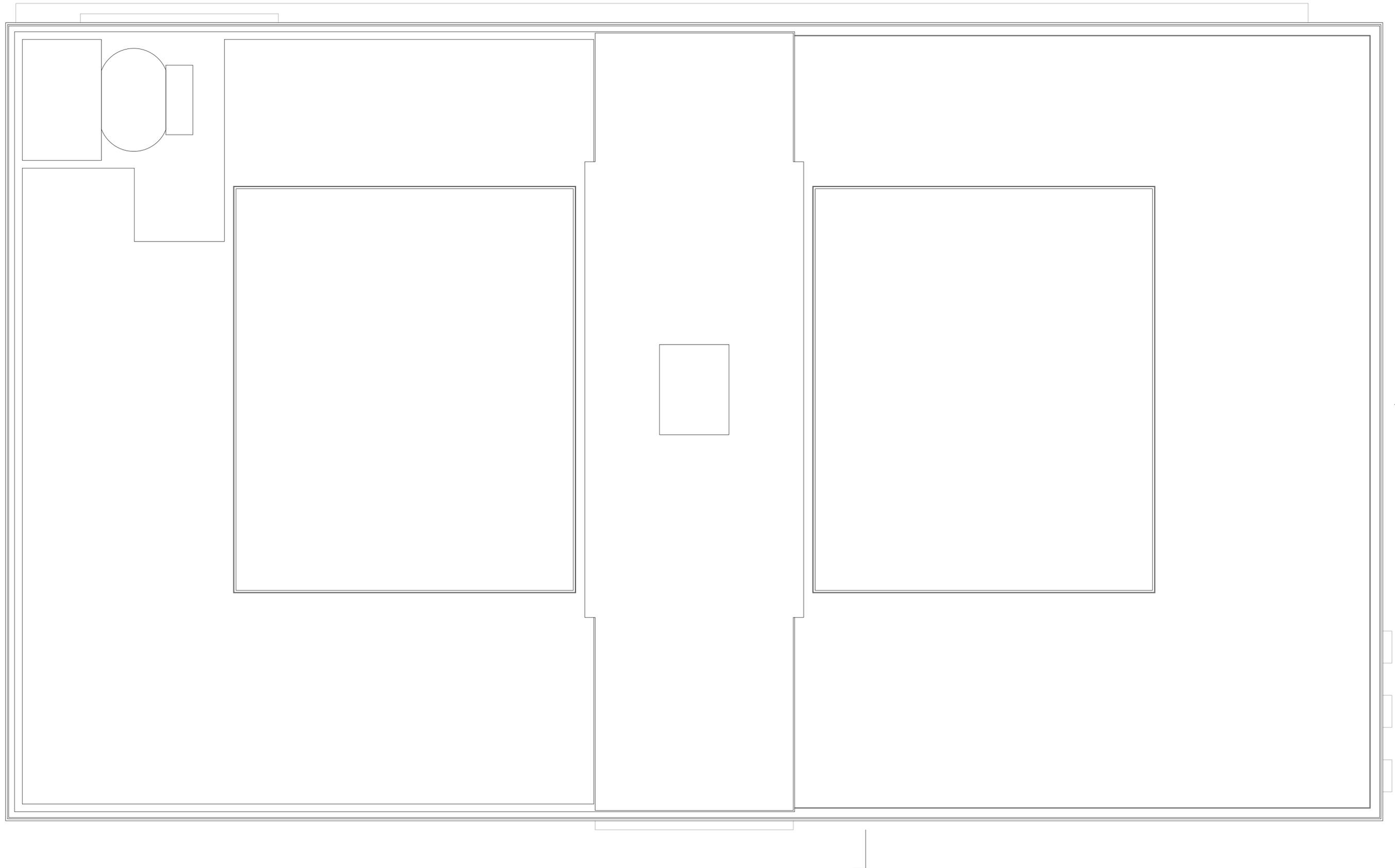
# Memórias de um Mercado Tropical

Planta cota 69.4\_escala 1:200

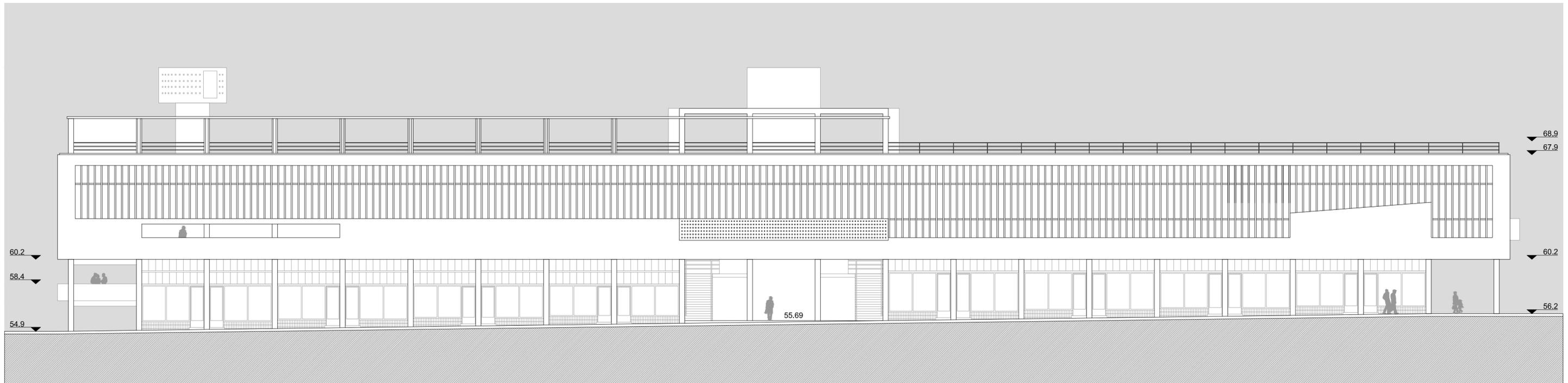


# Memórias de um Mercado Tropical

Planta de cobertura\_escala 1:200



Alçados\_escala 1:200

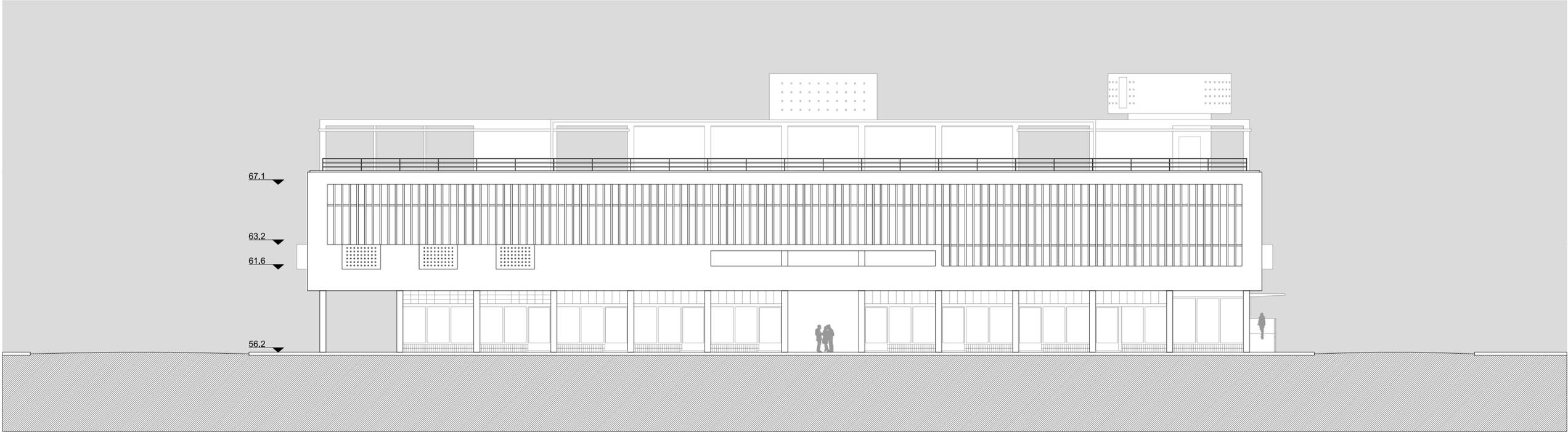


Alçado Sul

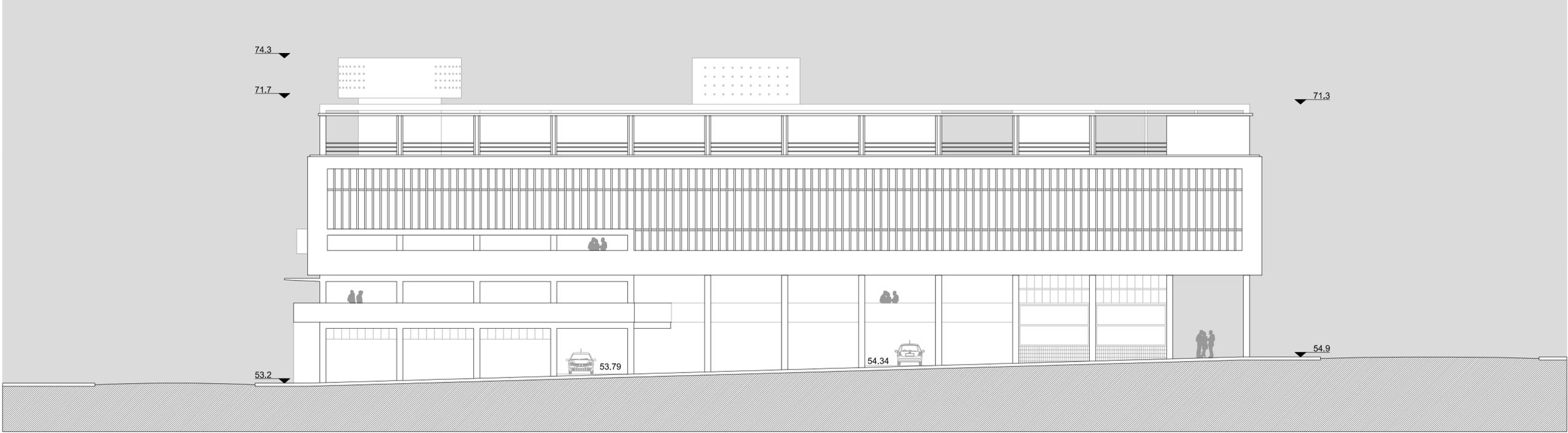


Alçado Norte

Alçados\_escala 1:200

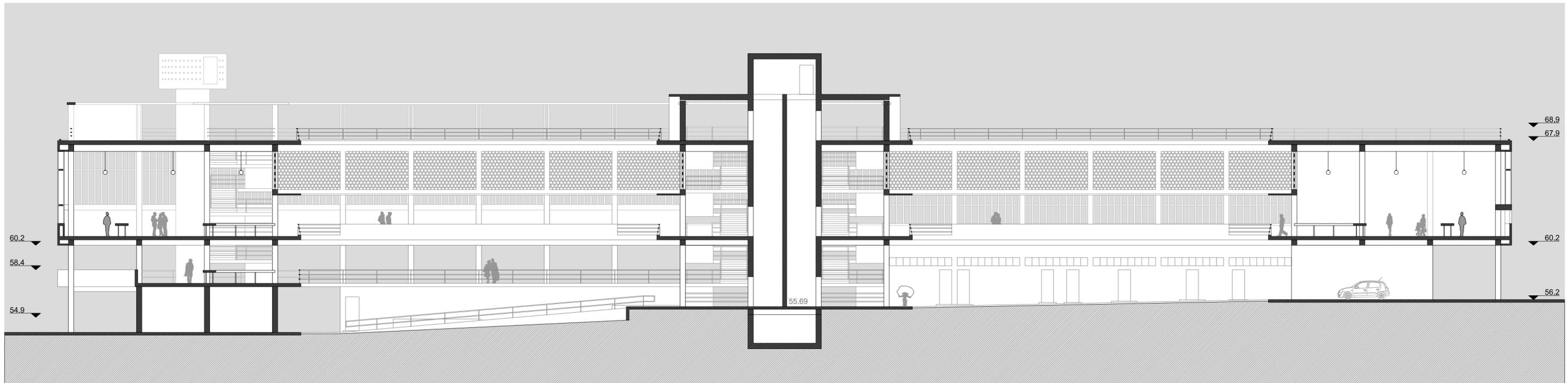


Alçado Nascente

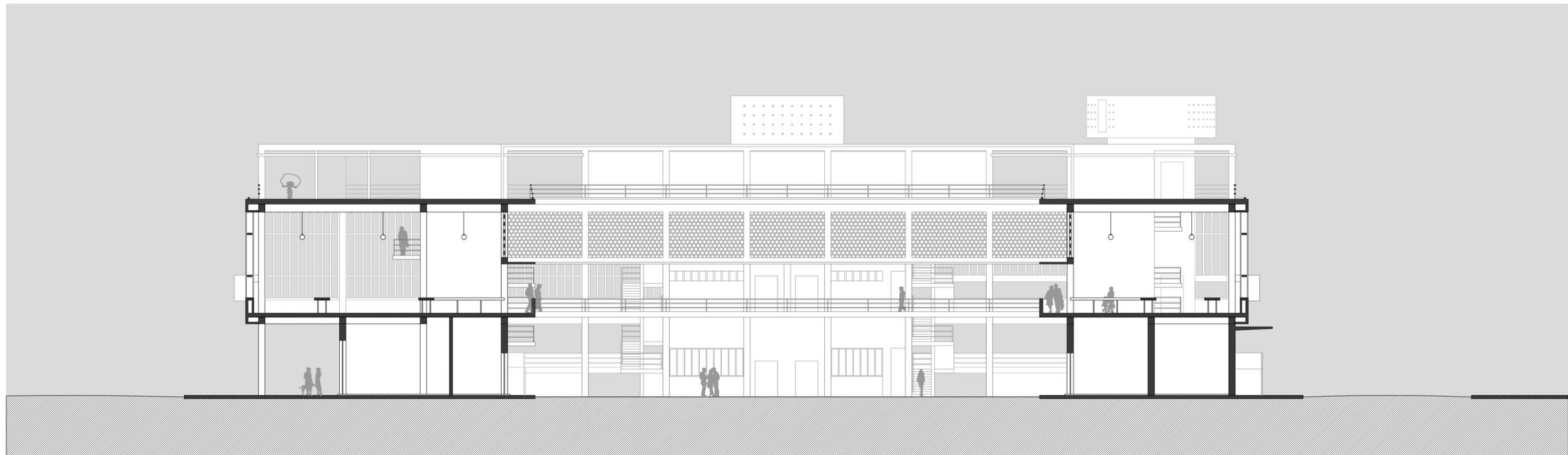


Alçado Poente

Cortes\_escala 1:200



Corte Longitudinal



Corte Transversal

# Planta Topográfica de Luanda

*Cedida pela Arq. Margarida Quintã*

REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA  
 MINISTÉRIO DA DEFESA  
 INSTITUTO DE GEODÉSIA E CARTOGRAFIA DE ANGOLA  
 FOLHA Nº4-B-11-a

SECRETO  
 LUANDA

Sistema de coordenadas locais  
 Província de Luanda Município da Ingombota



ESQUEMA DE LIGAÇÃO DAS FOLHAS

4-B-6-a	4-B-7-a	4-B-7-b
4-B-10-a	4-B-11-a	4-B-11-b
4-B-10-b	4-B-11-c	4-B-11-d

1:2 000  
 1 centímetro equivale a 20 metros

Levantamento estereofotogramétrico de 1988  
 Edição 1989

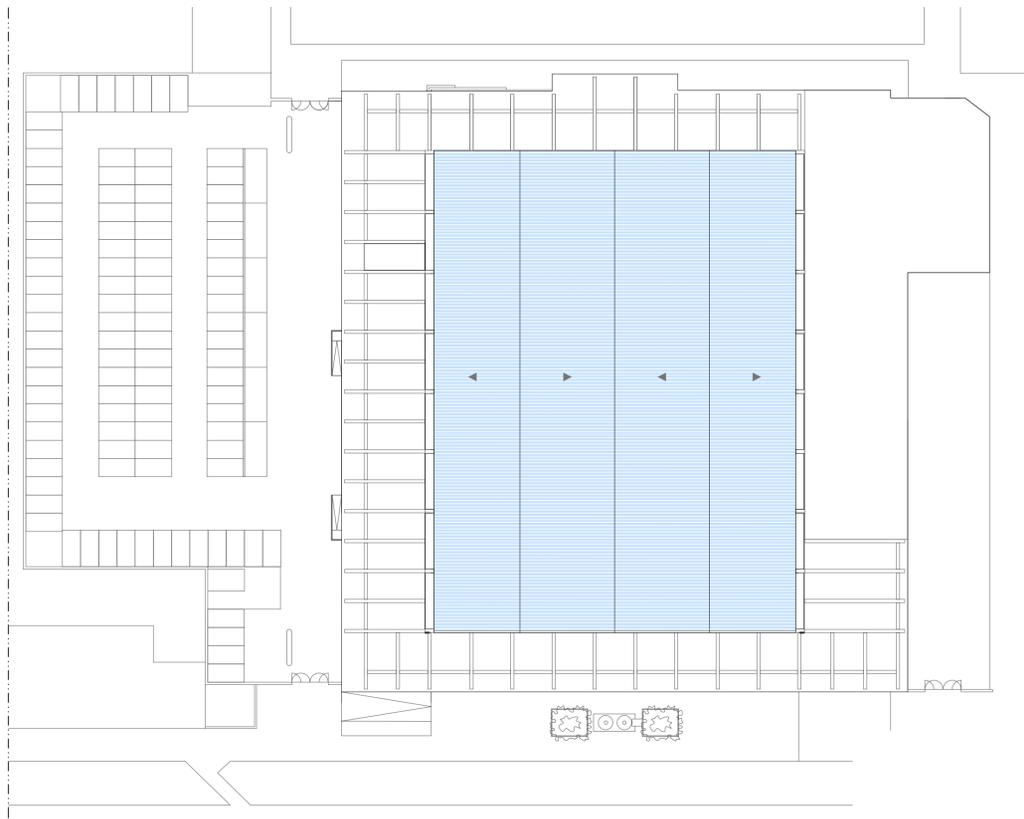
CONVENÇÕES (MAIS USUAIS)

<p>△ Pontos da Rede Geodésica Nacional</p> <p>□ Pontos da rede geodésica local</p> <p>○ Marcos de nivelamento</p> <p>Construções resistentes ao fogo (tijolo, pedra, betão, etc.): a) de 1.º ao 3.º piso; b) mais de 3.º piso</p> <p>Construções não resistentes ao fogo (de madeira, pau-a-pique, etc.): a) de 1.º ao 3.º piso; b) mais de 3.º piso</p> <p>Construções mistas (de alvenaria e madeira ou pau-a-pique, etc.): a) de 1.º ao 3.º piso; b) mais de 3.º piso</p> <p>Edifícios com pilares de um lado ou em todo o primeiro piso</p> <p>Edifícios de fábricas e suas oficinas, centros eléctricos e outras estruturas: a) sem chaminés; b) com chaminés</p> <p>Construções do tipo torre (torres de água elevadas, torres de bombas em tijolo, etc.)</p> <p>Entradas para pilão sob pórticos</p> <p>Edifícios com partes de construções na sua base (montes de tijolo e outros casos de construções sem apoio)</p> <p>Atirios e entradas de edifícios</p> <p>Pavilhões, rotundas</p> <p>Monumentos; Obras de escultura</p> <p>Bombas de combustíveis; Centenas</p>	<p>a) Poços de perfuração e de extração; b) Torres de extração de petróleo e gás</p> <p>○ petró. petró. l.</p> <p>Caixas de transformação e subestações eléctricas</p> <p>Grupos de elevação tipo torre (quadrantes): a) fixos; b) móveis sobre carris</p> <p>Postes: a) madeira; b) metálicos; c) betão armado</p> <p>Lâmpadas eléctricas; Relógios eléctricos; Hológrafos sobre postes</p> <p>Linhas de condução de energia eléctrica em zonas sem construções: a) alta tensão; b) baixa tensão</p> <p>Linhas de condução de energia eléctrica em zonas com construções: a) alta tensão; b) baixa tensão</p> <p>Linhas de comunicação: a) em zonas sem construções; b) em zonas com construções</p> <p>Cabo aéreo de comunicação: a) em zonas sem construções; b) em zonas com construções</p> <p>Cabo subterrâneo de comunicação</p> <p>Condução (P-petróleo, G-gás, A-água, etc.) em zonas sem construções: a) sobre suportes; b) subterrâneas</p> <p>Condução de água em zonas com construções: a) sobre suportes; b) subterrâneas</p> <p>Canal de irrigação: a) em zonas com construções; b) em zonas sem construções</p> <p>Canal de drenagem: a) em zonas com construções; b) em zonas sem construções</p>	<p>Estradas</p> <p>Troços de ruas transitáveis nas povoações: a) com lançol; b) sem lançol; A-C-material de pavimento</p> <p>Estradas terraplenadas</p> <p>Caminhos de terra natural</p> <p>Picadas careterais</p> <p>Caminhos de pé posto</p> <p>Escadas de acesso a montanhas ou construções</p> <p>Desmoronamento: a) de terras; b) de pedras</p> <p>Curvas de nível: a) índices ou mestres; b) principais; c) intermédias</p> <p>Barracos; Sulcos</p>	<p>Rios e lagos: a) água constante; b) água inconstante ou temporária; c) limites de água indeterminados</p> <p>Canais e valas: a) em diques; b) em escavações</p> <p>Valas secas</p> <p>Depósitos e reservatórios para sedimentos, piscinas: a) abertas; b) subterâneas</p> <p>Nascentes</p> <p>Poços</p> <p>Poços e cisternas artesanais</p> <p>Postes: a) metálicos; b) pedra, betão e betão armado; c) madeira</p> <p>Pontes pequenas: a) pedra, betão e betão armado; metálicas; b) madeira</p> <p>Aquedutos sob estradas</p> <p>Ancoradouras; b) Malhas, cais e quebra-ondas; c) Fogos; d) Faros</p> <p>Muros marginais de pedra, betão ou betão armado: a) verticais; b) inclinados</p> <p>Parades do apoio: a) verticais; b) inclinados</p> <p>Muros de vedação de alvenaria ou betão armado</p> <p>Vedações diversas</p>	<p>Contornos de vegetação e solos</p> <p>Matas: 9-altura; 0,2-espessura; 4-distância entre árvores</p> <p>a) Mata espessa; b) Mata nova; c) Plantações novas de floresta</p> <p>a) Palma (dendim e coco); b) Palmeira de malha</p> <p>Plantações de culturas técnicas (de árvores, arbustos, ervas)</p> <p>Arbustos: a) densos; b) separados e em grupos</p> <p>a) Pomar; b) Algodão; c) Lavoura e hortas</p> <p>Plantações: a) café; b) cana sacarina; c) sal</p> <p>a) Vegetação herbácea com mais de 1 metro de altura; b) Vegetação herbácea com menos de 1 metro de altura; c) Vegetação herbácea em terrenos alagados</p> <p>Zonas alagadas: a) terrenos pantanosos; b) pantanos acidentais; c) pantanos sucessivos e de difícil acesso</p> <p><b>LUGALA</b></p> <p>Vilas</p> <p><b>Mabubas</b></p> <p>Vilas com indústrias, junto de estações ferroviárias, cais, etc. (não consideradas oficialmente como vilas)</p> <p><b>Mocimboa</b></p> <p>Povoações</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

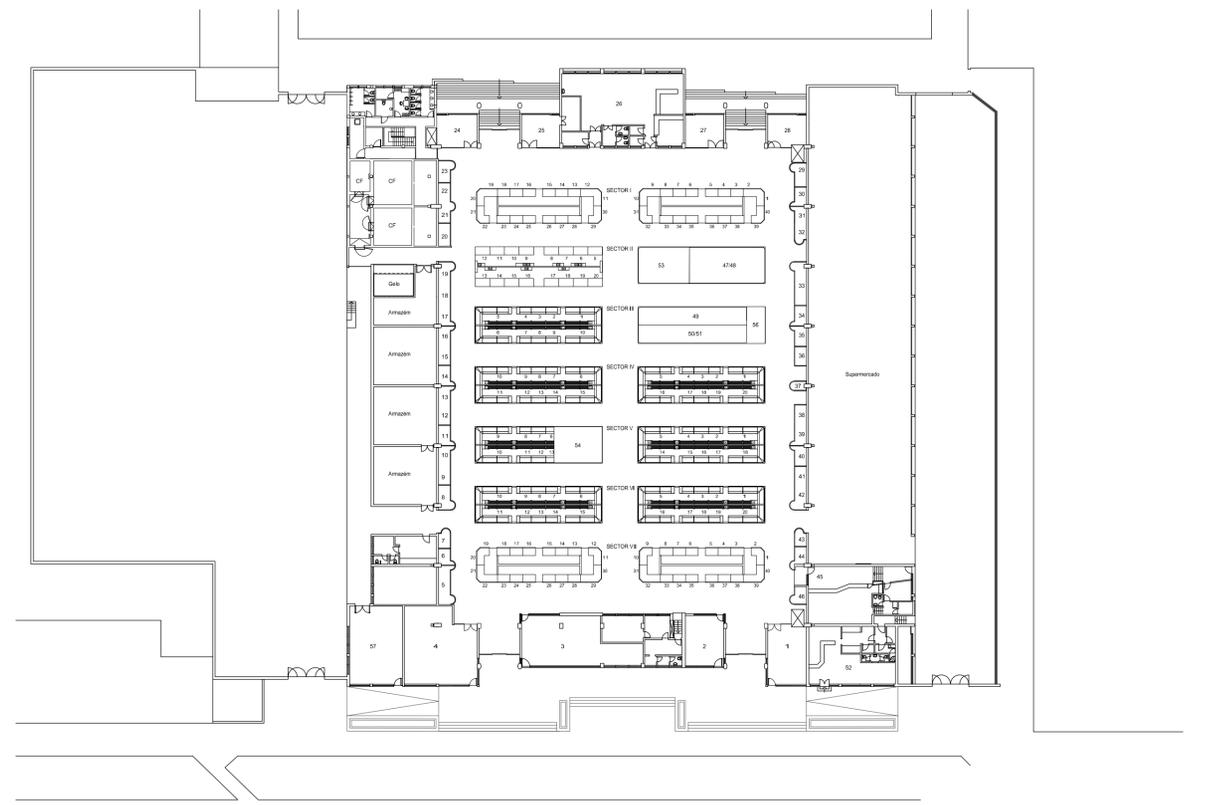
**Rigorous Mercado de Alvalade Norte**

**Arq. Fernando da Costa Belém**

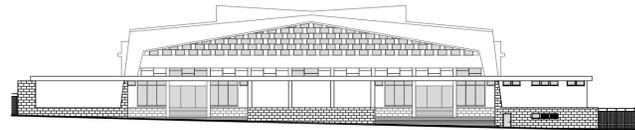
*Fonte: Câmara Municipal de Lisboa*



Plano de planta geral  
Escala: 1/500



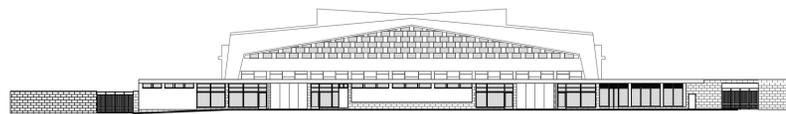
Plano de planta geral  
Escala: 1/500



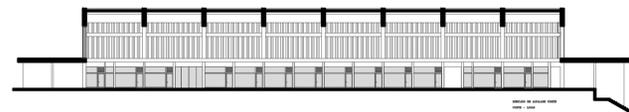
Plano de fachada norte  
Escala: 1/500



Plano de fachada sul  
Escala: 1/500



Plano de fachada oeste  
Escala: 1/500

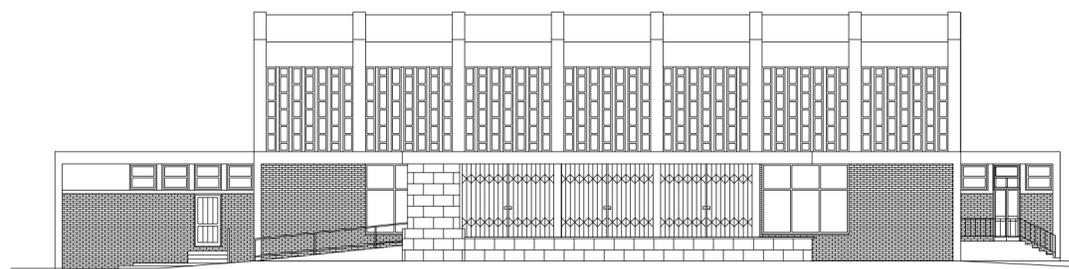
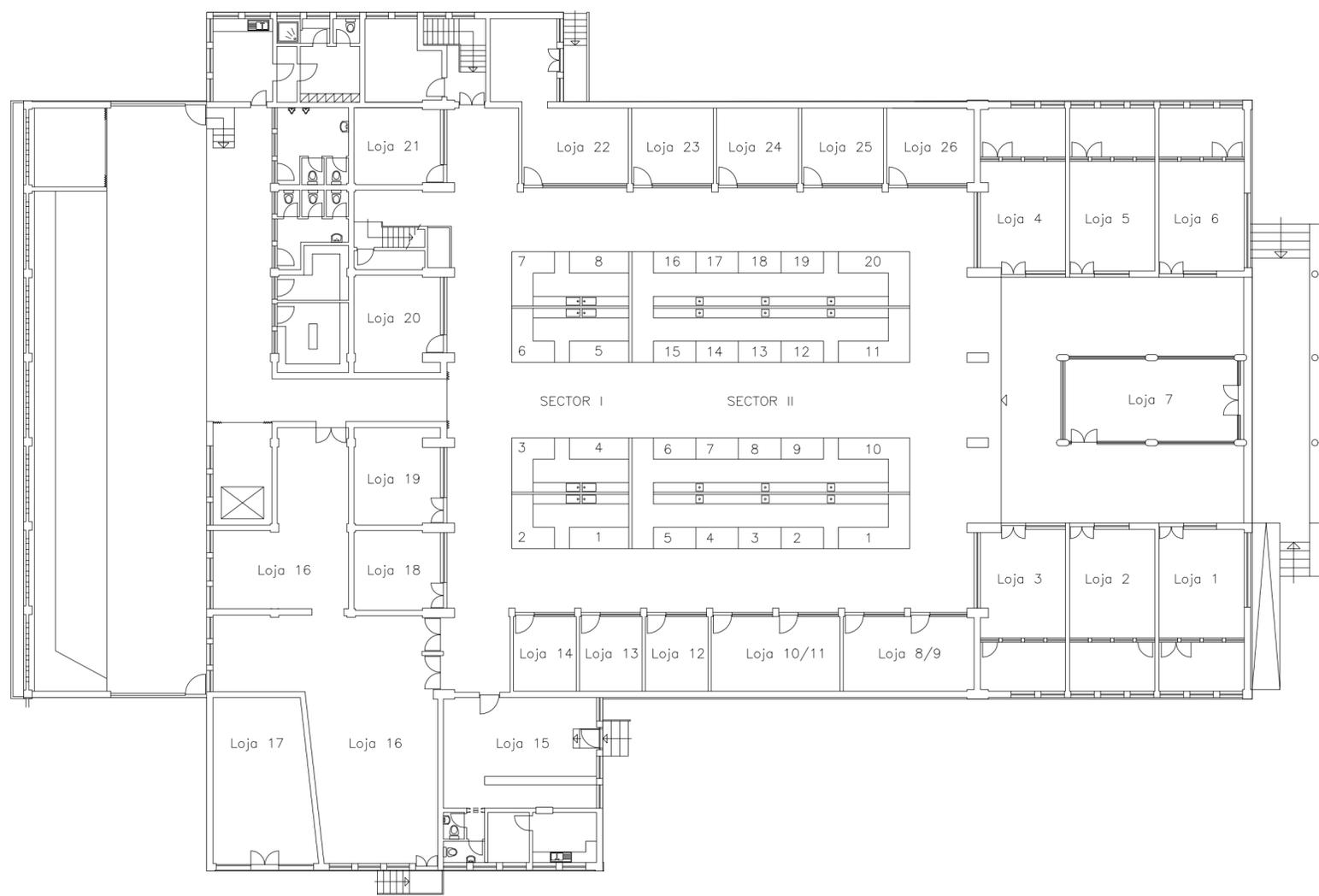


Plano de fachada leste  
Escala: 1/500

**Rigorous Mercado da Encarnação Sul**

**Arq. Fernando da Costa Belém**

*Fonte: Câmara Municipal de Lisboa*



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA  
DIRECÇÃO MUNICIPAL DE AMBIENTE URBANO  
DIVISÃO DE MERCADOS E FEIRAS

**PLANTAS DOS MERCADOS DE LISBOA**

Designação: **MERCADO ENCARNAÇÃO SUL**      Data Desenho: **Abril 2012**      Escala: **1/200**      Folha: **A2**

**Planta e Alçado Sul**

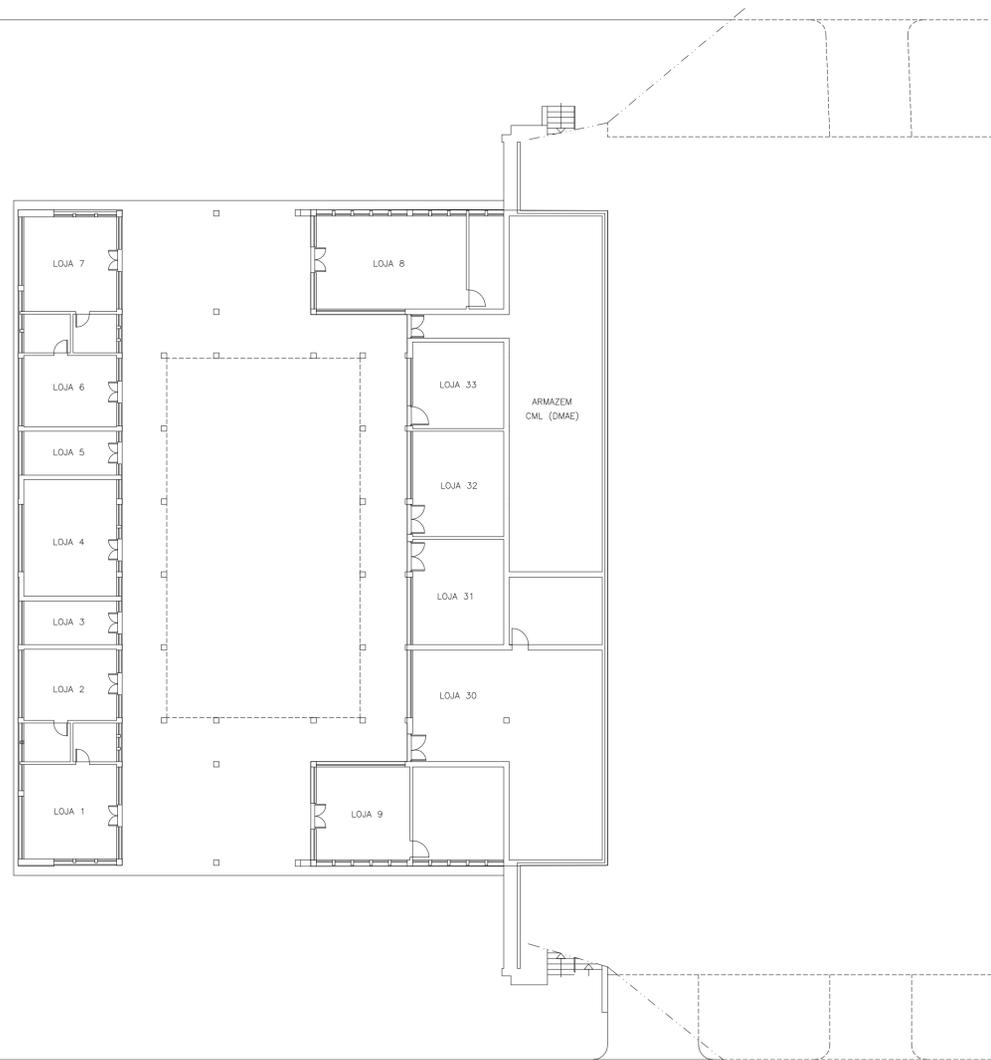
(t) 218170800 (f) 218171353 (e) dmau.dmau@cm-lisboa.pt

Este desenho é propriedade da Câmara Municipal de Lisboa e não pode ser reproduzido, divulgado ou copiado, no todo ou em parte sem autorização expressa. Reservados todos os direitos pela legislação em vigor - Decreto-Lei nº 63/85.

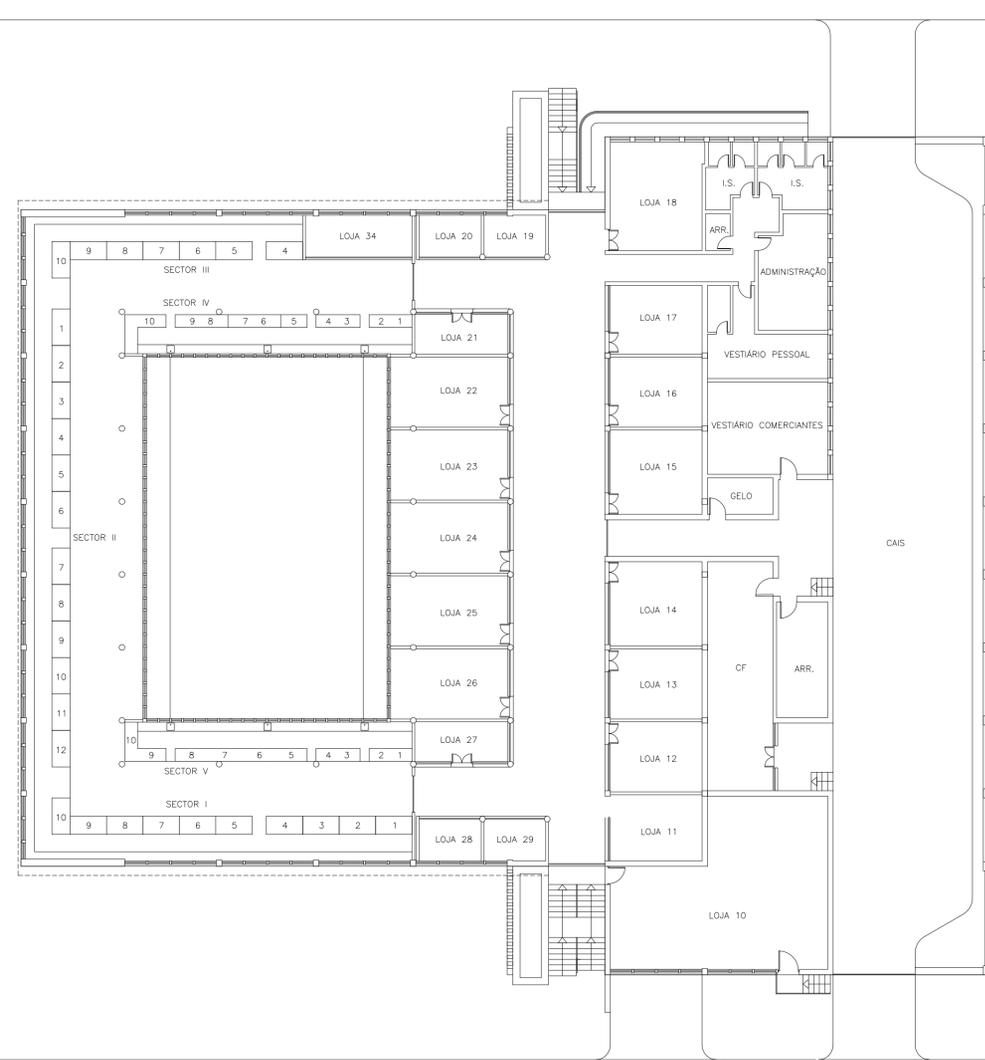
**Rigorous Mercado da Encarnação Norte**

**Arq. Fernando da Costa Belém**

*Fonte: Câmara Municipal de Lisboa*



Piso Terreo

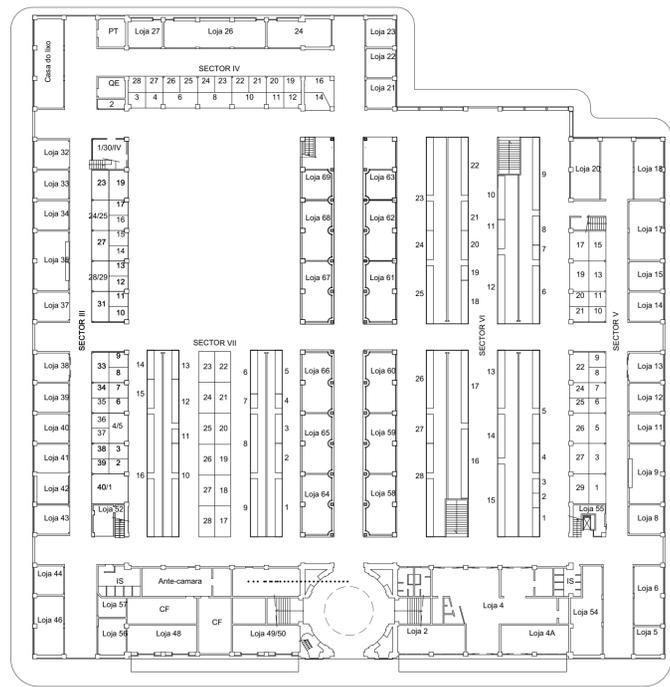


Piso 1

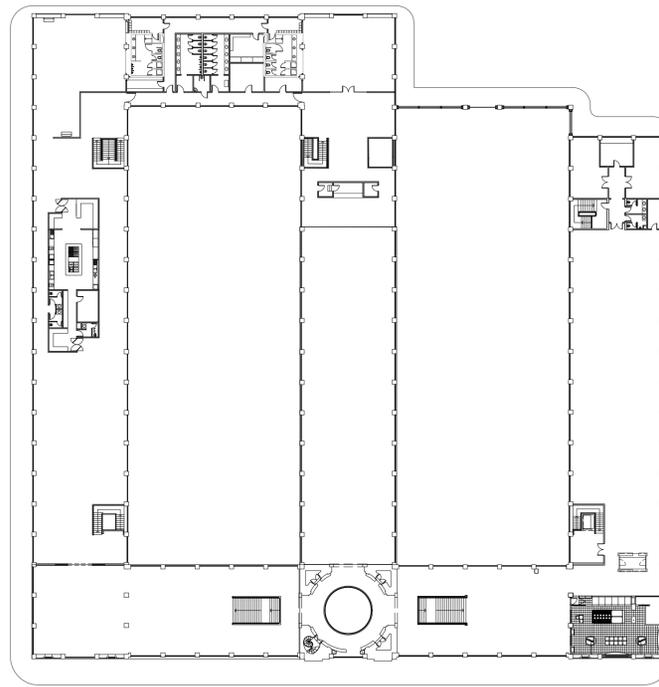
**Rigorosos Mercado da Ribeira**

**Eng. Frederico Ressano Garcia**

*Fonte: Câmara Municipal de Lisboa*



AV. 24 JULHO  
Piso 0



AV. 24 JULHO  
Piso 1

